

Irineu Claudino Sales

**PAPA FRANCISCO E AS RAÍZES DA EXPRESSÃO *IGREJA EM SAÍDA*
NO DOCUMENTO DE APARECIDA, NA *EVANGELII GAUDIUM* E A *INTROVERSÃO
ECLESIAL***

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. César Andrade Alves

Apoio CAPES

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
2024

Irineu Claudino Sales

PAPA FRANCISCO E AS RAÍZES DA EXPRESSÃO *IGREJA EM SAÍDA*
NO DOCUMENTO DE APARECIDA, NA *EVANGELII GAUDIUM* E A *INTROVERSÃO*
ECLESIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. César Andrade Alves

FICHA CATALOGRÁFICA

S163p	<p>Sales, Irineu Claudino</p> <p>Papa Francisco e as raízes da expressão <i>Igreja em saída</i>: no Documento de Aparecida, na <i>Evangelii Gaudium</i> e a <i>introversão eclesial</i> / Irineu Claudino Sales. - Belo Horizonte, 2024.</p> <p>140 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. César Andrade Alves. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Igreja. 2. Documento de Aparecida. 3. Francisco, Papa. I. Alves, César Andrade. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.</p> <p>CDU 26</p>
-------	--

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

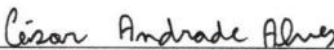
Irineu Claudino Sales

**PAPA FRANCISCO E AS RAÍZES DA EXPRESSÃO IGREJA EM
SAÍDA
NO DOCUMENTO DE APARECIDA, NA EVANGELII GAUDIUM E A
INTROVERSÃO ECLESIAL**


Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 09 de setembro de 2024.

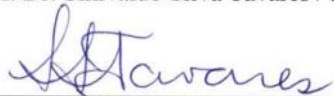
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Cesar Andrade Alves / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Sinivaldo Silva Tavares / FAJE



Prof. Dr. César Augusto Kuzma / PUC PR (Visitante)



AGRADECIMENTOS

A Deus, que tem me ajudado a compreender a minha vida cada vez mais como uma grande e bela missão.

À minha família (pais: Tarcisio e Elza; irmãos: Tarciane e Geovani; sobrinhos: João Victor e Beatriz), pelo apoio incondicional e amoroso.

A Dom Lauro Sérgio Versiani Barbosa, bispo de minha amada Diocese de Colatina (ES), pela apoio e confiança em mim depositados. Aos irmãos presbíteros, diáconos, religiosas e religiosos, e todas as lideranças leigas da Diocese de Colatina que me acompanham e incentivam na caminhada missionária.

Ao professor Pe. César Andrade Alves, SJ, que durante estes dois anos me orientou no percurso acadêmico com muita precisão, competência e pontualidade, mas, acima de tudo, com empatia.

Faço memória agradecida ao professor Pe. Paulo César Barros, SJ (*in memoriam*), que no ano de 2020 me acolheu para pensarmos juntos um futuro projeto de pesquisa.

Ao corpo docente do Departamento de Teologia da FAJE, pela seriedade e o comprometimento na busca pela excelência na reflexão teológica.

Aos colegas da pós-graduação pela construção de relações de mútua cooperação.

Ao Pe. Jaldemir Vitória, SJ, e aos meus irmãos da Fraternidade Dom Helder Câmara, pela partilha da vida no tempo em que convivemos fraternalmente. Aos jesuítas da residência Bellarmino, que generosamente me acolheram no início e no término do período de duração do mestrado.

Às paróquias Santo Inácio e São Judas, bairro Maria Helena, e São Francisco Xavier, bairro Tupi, que me acolheram com o aconchego mineiro e enriqueceram meu ministério presbiteral.

À Pastoral Carcerária, de modo especial a equipe que atua no Centro de Referência da Gestante Privada de Liberdade (Vespasiano), onde fiz a experiência de encontrar o menino Jesus em cada criança encarcerada junto às suas mães.

A todos estes e a você querido(a) leitor(a), obrigado por reconhecer a minha potencialidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Também foi viabilizado pela *Adveniat* que contribuindo com a formação acadêmica na Diocese de Colatina, possibilitou condições de execução desta pesquisa.

Todos. Todos. Todos. Na Igreja há lugar para todos.

Papa Francisco.

RESUMO: Esta dissertação é um aprofundamento sobre a *Igreja em saída*, buscando as raízes desta expressão na trajetória de seu idealizador o papa Francisco. Tendo como fio condutor a figura e atuação do papa Francisco, foi realizada uma investigação histórico-teológica sobre a origem da expressão *Igreja em saída*, estabelecendo pontos de contato entre o Documento de Aparecida, do qual o cardeal Bergoglio participou de modo efetivo, e a *Evangelii Gaudium*, documento programático onde se apresenta a proposta de *Igreja em saída*. A presente pesquisa, situando-se na área da Teologia Sistemática, estuda a *Igreja em saída versus introversão eclesial*. O percurso analítico inicia-se com o levantamento de traços marcantes da biografia do cardeal Bergoglio, seu papel na redação do Documento de Aparecida e evolui para uma aproximação da proposta de *Igreja em saída* ao Documento de Aparecida. Em seguida, por meio da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, apresenta-se um conceito de *Igreja em saída*. Por fim, com o intuito de elucidar a expressão e apontar caminhos que indiquem princípios basilares da *Igreja em saída*, apresentamos como imprescindível a metáfora da porta da Bíblia, como sendo capaz de impulsionar a missão hoje. A pesquisa revela o vínculo entre o Documento de Aparecida com a expressão *Igreja em saída*, desde que se compreenda que a proposta do papa Francisco é marcada pela fidelidade ao Concílio Vaticano II e influenciada pela caminhada eclesial da América Latina, que tem no Documento de Aparecida um dos seus grandes referências. A *Igreja em saída* desponta como uma proposta atual que pode nos levar a empreender uma nova etapa da evangelização.

PALAVRAS-CHAVE: Papa Francisco. Igreja em saída. Introversão eclesial. Documento de Aparecida. *Evangelii Gaudium*.

RIASSUNTO: Questa tesi è uno sguardo approfondito sulla *Chiesa in uscita*, ricercando le radici di questa espressione nel percorso del suo ideatore, papa Francesco. Utilizzando come filo conduttore la figura e l'agire di papa Francesco, è stata effettuata un'indagine storico-teologica sull'origine dell'espressione *Chiesa in uscita*, stabilendo punti di contatto tra il Documento di Aparecida, del quale il cardinale Bergoglio ha partecipato effettivamente, e l'*Evangelii Gaudium*, documento programmatico che presenta la proposta di una *Chiesa in uscita*. Questa ricerca, situata nell'area della Teologia Sistemica, studia la Chiesa in uscita versus l'*introversione ecclesiastica*. Il percorso analitico inizia con la raccolta dei tratti salienti della biografia del cardinale Bergoglio, del suo ruolo nella stesura del Documento di Aparecida e si sviluppa in un'approssimazione della proposta di *Chiesa in uscita* al Documento di Aparecida. Poi, attraverso l'esortazione apostolica *Evangelii Gaudium*, viene presentato il concetto di *Chiesa in uscita*. Infine, per chiarire l'espressione e indicare percorsi che indichino i principi fondamentali della *Chiesa in uscita*, presentiamo la metafora della porta della Bibbia come essenziale, capace di rilanciare la missione oggi. La ricerca rivela il legame tra il Documento di Aparecida e l'espressione *Chiesa in uscita*, a condizione che si tenga presente che la proposta di papa Francesco è segnata dalla fedeltà al Concilio Vaticano II e influenzata dal cammino ecclesiale dell'America Latina, che trova nel Documento di Aparecida uno dei suoi grandi riferimenti. La *Chiesa in uscita* emerge come una proposta attuale che può portarci ad intraprendere una nuova tappa di evangelizzazione.

PAROLE CHIAVE: Papa Francesco. Chiesa in uscita. Introversione ecclesiastica. Documento di Aparecida. *Evangelii Gaudium*.

ABSTRACT: This dissertation investigates the foundations of the expression *Church that goes forth* along the life path of pope Francis, whose character and actions are the guiding thread of the present study. The research is carried out in the field of Systematic Theology. The historical-theological investigation into the origins of the expression *Church that goes forth* establishes a clear connection between the Document of Aparecida, in whose drafting Cardinal Bergoglio participated, and *Evangelii Gaudium*, the programmatic document in which Francis presented the idea of a *Church that goes forth*. This research investigates this concept as well as its opposite, the idea of *ecclesial introversion*. The analytical itinerary begins by surveying the remarkable features of Cardinal Bergoglio's life, his role in drafting the Document of Aparecida, and relates the idea of a *Church that goes forth* to this document. Then, the research presents the concept of a *Church that goes forth* as found in the apostolic exhortation *Evangelii Gaudium*. Finally, this dissertation develops the metaphor of the Bible as a *door*, in order to elucidate the expression *Church that goes forth*, and to indicate ways in which the Church's mission can be promoted today. This research demonstrates the link between the Document of Aparecida and the idea of a *Church that goes forth*, a connection that is underpinned by pope Francis' fidelity to the Second Vatican Council, and by the influence of the ecclesial developments in Latin America, for which the Document of Aparecida is a basic reference. The idea of a *Church that goes forth* emerges as a relevant initiative for the Church in our times, and one which launches a new stage of evangelization.

KEYWORDS: Pope Francis. Church that goes forth. Ecclesial introversion. Document of Aparecida. *Evangelii Gaudium*.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	= Decreto conciliar <i>Ad Gentes</i>
Ap	= Apocalipse de João
<i>Apud</i>	= Citado por, conforme
AT	= Antigo Testamento
At	= Atos dos Apóstolos
CEBIPAL	= Centro Bíblico Pastoral para América Latina.
CELAM	= Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho
cf.	= confira
CIC	= Catecismo da Igreja Católica
CNBB	= Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
D _{Ap}	= Documento de Aparecida
D _{PB}	= Documento de Puebla
D _{SD}	= Documento de Santo Domingo
DV	= Constituição dogmática <i>Dei Verbum</i>
EG	= Exortação apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
EN	= Exortação apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
etc.	= <i>et coetera</i>
Ex	= Livro do Êxodo
Fl	= Carta aos Filipenses
Gn	= Livro do Gênesis
Hb	= Carta aos Hebreus
Jo	= Evangelho segundo João
1 Jo	= Primeira Carta de João
Lc	= Evangelho segundo Lucas
LG	= Constituição dogmática <i>Lumen Gentium</i>
LF	= Carta encíclica <i>Lumen Fidei</i>
MeM	= Carta apostólica <i>Misericordia et misera</i>
Mt	= Evangelho segundo Mateus
MV	= Bula <i>Misericordiae Vultus</i>
n.	= número
NT	= Novo Testamento
p.	= página
PF	= Motu pro proprio <i>Porta Fidei</i>
RM	= Encíclica <i>Redemptoris Missio</i>
TdL	= Teologia da Libertação
VD	= Exortação apostólica <i>Verbum Domini</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1 EM BUSCA DAS RAÍZES DO PENSAMENTO DO CARDEAL BERGOGLIO NO DOCUMENTO DE APARECIDA	29
1.1 Raízes do pensamento de Jorge Mario Bergoglio	29
1.1.1 Os quatro princípios norteadores.....	32
1.1.2 Personagens influentes no pensamento de Bergoglio	33
1.2 O cardeal Bergoglio e o Documento de Aparecida	37
1.2.1 Uma retomada da caminhada eclesial latino-americana	38
1.2.2 A gênese e o desenvolvimento do Documento de Aparecida	42
1.2.3 Da redação à aprovação do documento final	44
1.3 <i>Igreja em saída</i> à luz do Documento de Aparecida	46
1.3.1 Discípulos missionários	47
1.3.1.1 O processo de formação dos discípulos missionários	49
1.3.1.2 Critérios gerais da formação dos discípulos missionários	49
1.3.2 Conversão pastoral.....	50
1.3.3 Opção pelos pobres.....	52
1.3.4 Incidência do Documento de Aparecida na <i>Igreja em saída</i>	55
1.4 <i>Introversão eclesial</i> segundo o Documento de Aparecida	57
1.4.1 <i>A introversão eclesial</i>	57
1.4.2 <i>A introversão eclesial</i> no Magistério	60
1.4.3 <i>A introversão eclesial</i> no Documento de Aparecida.....	63
1.5 A modo de conclusão.....	65
2 O PENSAMENTO DO PAPA FRANCISCO E O CONCEITO DE IGREJA EM SAÍDA NA <i>EVANGELII GAUDIUM</i>.....	67
2.1 Papa Francisco e a gênese da expressão <i>Igreja em saída</i>	67
2.2 <i>Igreja em saída</i> : relação de continuidade de Bergoglio ao papa Francisco	71
2.3 A presença do Documento de Aparecida na <i>Evangelii Gaudium</i>	73
2.4 Introduzindo a <i>Evangelii Gaudium</i>	76
2.5 Chaves hermenêuticas para a leitura da <i>Evangelii Gaudium</i>	79
2.5.1 Discípulos missionários	79
2.5.2 Conversão pastoral.....	81
2.5.3 Opção pelos pobres.....	83

2.6	Conceituando <i>Igreja em saída</i>	85
2.7	A <i>introversão eclesial</i> segundo a <i>Evangelii Gaudium</i>	90
2.8	A modo de conclusão.....	93
3	IGREJA EM SAÍDA E A PORTA DA BÍBLIA	95
3.1	A metáfora da porta e a <i>Igreja em saída</i>	95
3.1.1	Metáfora da porta.....	96
3.1.2	Relação <i>Igreja em saída</i> e as portas abertas	98
3.2	Porta da Bíblia e a casa do povo.....	100
3.2.1	A revelação e a <i>Dei Verbum</i>	101
3.2.2	A Bíblia e o Documento de Aparecida	106
3.2.3	A Bíblia e a <i>Evangelii Gaudium</i>	109
3.2.4	A Bíblia e a <i>introversão eclesial</i>	111
3.2.5	Bíblia: a porta principal da <i>Igreja em saída</i>	113
3.3	Papa Francisco e a <i>Igreja em saída</i> : a missão hoje	116
3.4	A modo de conclusão.....	124
	CONCLUSÃO	127
	REFERÊNCIAS	131

INTRODUÇÃO

O papa Francisco é uma personalidade cuja relevância e importância extrapolam os limites eclesiais. A sua biografia, o seu jeito de governar a Igreja e dialogar com os temas pertinentes da atualidade, têm despertado não só o interesse das grandes mídias como também da academia. A eleição de um papa do sul global, fora do eixo europeu, representa uma profunda mudança de perspectiva na Igreja Católica. Tal aspecto é tão relevante que é bem provável que ainda não fomos capazes de nos dar conta da magnitude deste momento atual da história da Igreja.

Diante deste contexto de transformações que a Igreja está atravessando, desde a inovadora eleição de um papa argentino até a abrangente proposta de *Igreja em saída*, é de suma importância refletir sobre os processos em curso, os personagens envolvidos, as iniciativas realizadas no presente e os projetos que se esperam consolidar para o futuro. O papa Francisco tem como palavra de ordem de seu pontificado a promoção da *Igreja em saída*. Tal expressão tem sido amplamente divulgada quando se quer fazer referência ao pontífice, no entanto, é preciso compreender as origens, os conteúdos e as metodologias implicadas nesta expressão que tem se consolidado como a principal característica do atual pontificado. A expressão *Igreja em saída* se não for bem compreendida corre o sério risco de se tornar, como se diz na linguagem popular, um belo chavão, que se repete várias vezes, mas não rompe com o lugar comum e tem pouca ou nenhuma incidência na vida real.

Tendo como base de pesquisa o papa Francisco, podemos nos questionar: como a experiência existencial e eclesial de Bergoglio, como latino-americano, influencia ou influenciou na concepção da *Igreja em saída*? De onde surgiu e o que podemos entender como conteúdo da expressão *Igreja em saída*? Que elementos do Documento de Aparecida podem ser relacionados com a proposta de *Igreja em saída* apresentada na *Evangelii Gaudium*? Quais traços fundamentais deve conter uma Teologia que sirva à *Igreja em saída*? Na *Evangelii Gaudium* o papa Francisco conceitua *Igreja em saída*? Que contraponto podemos estabelecer à *Igreja em saída*? Tais questionamentos nos revelam o quanto a expressão *Igreja em saída*, cunhada pelo papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, precisa ser mais bem explicitada teologicamente, já que se trata de um processo que envolve a totalidade da Igreja Católica e que tem consequências para além dela.

Na busca por desvelar as raízes do pensamento do papa Francisco, podemos nos debruçar sobre as possíveis influências que ele recebeu ao longo de sua formação. O próprio Francisco “[...] fala explicitamente de Lucio Gera, além de Henri de Lubac e Michel de Certeau,

como alguns dos teólogos mais significativos para ele”¹. Com Lucio Gera, ítalo-argentino, podemos colher as influências que o cardeal Bergoglio recebeu da Teologia do Povo, que é uma das versões da Teologia da Libertação, Teologia fruto da acolhida das inspirações do Concílio Vaticano II e tipicamente latino-americana.

Consequente à proximidade do cardeal Bergoglio à Teologia do Povo é a opção pelos pobres que, em qualquer Teologia da Libertação, assume a centralidade na reflexão. No pensamento do cardeal Bergoglio podemos ainda falar de diversas outras influências, como aquela do filósofo e teólogo Romano Guardini. Inspirado no pensamento de Guardini, o cardeal Bergoglio desejava desenvolver uma tese de doutorado.

O livro de Massimo Borghesi (2018), intitulado *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual: dialética e mística*, fornece-nos informações sobre “os diversos filões culturais e intelectuais que se entrelaçam na personalidade do futuro papa e que constituem o substrato iluminador de seu magistério e de sua ação pastoral”².

Como um dos marcos de sua trajetória eclesial, o cardeal Bergoglio foi eleito para presidir a redação do documento final da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, que aconteceu em Aparecida no ano de 2007. Num contexto de crise da cultura e evasão dos católicos na América Latina, o Documento de Aparecida toma como uma de suas principais resoluções o fato de que a Igreja Católica quer fazer, de todos os seus membros, discípulos missionários a partir de um encontro pessoal com Jesus Cristo para anunciar a nossos povos a alegria do Evangelho da Vida.

A redação do documento final da V Conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho - CELAM não foi uma tarefa fácil de se cumprir. Percebemos que o documento guarda silêncio sobre a Teologia da Libertação, embora os traços desta Teologia estejam presentes nas entrelinhas do texto. No Documento de Aparecida, a opção preferencial pelos pobres foi preterida pelo espiritualismo dominante. “Ampliou-se o conceito de pobreza para o campo do conhecimento, do uso e acesso a novas tecnologias”³. Pulverizou-se o conceito de pobreza, ignorando a análise social, política e econômica que o próprio documento apresenta na sua primeira parte. Contudo, a V Conferência do CELAM, que teve como tema *Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida*, baseada na passagem

¹ HÜNERMANN, Peter. *Homens segundo Cristo hoje: A antropologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco, 3). p. 19.

² BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual: dialética e mística*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 11.

³ LIBANIO, João Batista. *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano: do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 112.

bíblica de Jo 14, 6, culminou no Documento de Aparecida, que se tornou uma das referências do magistério da Igreja Católica na América Latina e Caribe. Esse documento, cuja riqueza e atualidade ainda não foram totalmente exploradas, contou com a contribuição efetiva do cardeal Bergoglio na sua redação.

Na esteira do caminho percorrido pelo arcebispo de Buenos Aires, o cardeal Bergoglio, delimitamos e avançamos com a reflexão até o momento do conclave que o elegeu como papa em 2013. Durante o conclave, o cardeal Jorge Mario Bergoglio, em 9 de março de 2013, fez um discurso impactante na Congregação Geral, elencando pontos determinantes para escolha do novo papa. Tal discurso compreende as raízes do conceito-chave desta dissertação, ou seja, a *Igreja em saída*.

Na sua primeira aparição pública, em 13 de março de 2013, o próprio Francisco afirmou que o novo papa provinha do fim do mundo. Estava eleito o primeiro pontífice não europeu e também o primeiro que não participou dos trabalhos do Concílio Vaticano II.

[O] próprio fato de que exista um Papa proveniente da América Latina, que possa valorizar a experiência daquela Igreja, [...] já é um primeiro fruto do Concílio se é verdade, como disse Karl Rahner, que um dos aspectos de maior novidade do Vaticano consiste em uma Igreja que se torna mundial.⁴

Percebemos nas iniciativas do papa Francisco, com o intuito de colocar em curso as propostas do Concílio Vaticano II, reflexos da Igreja da América Latina que agora reverberam no centro da Igreja Católica como um todo. O Bispo de Roma, como prefere ser chamado o papa Francisco, leva para o centro as periferias, traz à tona a evangélica opção pelos pobres, inicia processos de renovação das estruturas eclesiais, não teme dialogar com os desafios impostos pela atualidade do mundo, etc. Na sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, documento programático sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, o papa Francisco convida para uma nova etapa da evangelização: “Quero, com esta Exortação, dirigir-me aos fiéis cristãos a fim de os convidar para uma nova etapa evangelizadora marcada por esta alegria e indicar caminhos para o percurso da Igreja nos próximos anos” (EG, n. 1). Na *Evangelii Gaudium*, o papa afirma que deseja se deter, com base na constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre alguns temas. No primeiro capítulo da *Evangelii Gaudium* temos o tema da transformação missionária da Igreja, onde o papa Francisco se dedica a discorrer sobre o projeto de *Igreja em saída*.

⁴ REPOLE, Roberto. *O sonho de uma Igreja evangélica: Aeclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco, 4). p. 18.

Sobre a expressão *Igreja em saída* existe muito material publicado, por dezenas de autores nacionais e internacionais. O diferencial de nossa pesquisa será relacionar a origem da expressão com o Documento de Aparecida e sua elucidação através do seu antônimo, que é a expressão *introversão eclesial*, uma realidade presente no contexto eclesial, mas enquanto expressão pouco utilizada e estudada. Sobre a origem da expressão *introversão eclesial*, nos valeremos dos pensadores que colaboraram com o desenvolvimento do tema: Allan Figueroa Deck, Juan Noemi Callejas, papa João Paulo II e papa Francisco.

Nesta pesquisa, através do método da revisão bibliográfica, serão abordadas as raízes da expressão *Igreja em saída* partindo da trajetória de vida do papa Francisco, tomando por base da investigação o Documento de Aparecida, a *Evangelii Gaudium* e a *introversão eclesial*. Assim, o estudo pretende aprofundar o conceito de *Igreja em saída* buscando na história e nos feitos do cardeal Bergoglio, os seus fundamentos. Nosso anseio é demonstrar que a proposta de *Igreja em saída*, objetivada pelo papa Francisco, é na verdade fruto maduro que, depois de sessenta e um anos, o Concílio Vaticano II está oferecendo para o *aggiornamento*⁵ de toda a Igreja. O trabalho será desenvolvido em três capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado *Em busca das raízes do pensamento do cardeal Bergoglio no Documento de Aparecida*, abordará as raízes do pensamento de Bergoglio, sua relação com o Documento de Aparecida e a demonstração, neste documento, de possíveis elementos compatíveis com a expressão *introversão eclesial* e a expressão posterior que viria a ser designada como *Igreja em saída*. Logo de início faremos uma breve exposição sobre alguns elementos determinantes da biografia de Bergoglio; apresentaremos a relevância desse cardeal na redação do Documento de Aparecida; apontaremos elementos desse documento compatíveis com a proposta de *Igreja em saída*. De modo adicional, como forma de favorecer a compreensão do que seja a *Igreja em saída*, refletiremos sobre o conceito de *introversão eclesial* e analisaremos sua presença no Documento de Aparecida.

Já no segundo capítulo, intitulado *O pensamento do papa Francisco e o conceito de Igreja em saída na Evangelii Gaudium*, temos por finalidade pesquisar o desenvolvimento da expressão *Igreja em saída* e oferecer um conceito com base na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Nesse intuito buscaremos a gênese da expressão *Igreja em saída*, que será apresentada como resultado da continuidade de Bergoglio ao papa Francisco. Exporemos um caminho para introduzir e facilitar a compreensão da *Evangelii Gaudium*, oferecendo chaves

⁵ Expressão proveniente da língua italiana, utilizada durante o Concílio Vaticano II, significando o desejo de atualização da Igreja para evangelizar nos tempos atuais.

de leitura. Em conexão com o primeiro capítulo, também pesquisaremos traços da *introversão eclesial* apontados pela *Evangelii Gaudium*.

Tendo em vista o desenvolvimento da pesquisa nos capítulos anteriores, no terceiro capítulo, intitulado *Igreja em saída e a porta da Bíblia*, por meio do uso da metáfora da porta, apontaremos a Bíblia como elemento central da evangelização proposta pela *Igreja em saída*. Inicialmente buscaremos fundamentar a metáfora da porta aplicada à *Igreja em saída*, para assim chegarmos à concepção da porta da Bíblia e da casa do povo, desembocando em indicações para desenvolvermos a missão hoje, tendo como norteadores da ação eclesial o papa Francisco e o projeto de *Igreja em saída*.

O intuito desta pesquisa é auxiliar numa compreensão mais profunda do que seja a *Igreja em saída*, de tal forma a promover o engajamento consciente nas iniciativas empreendidas pelo papa Francisco.

1 EM BUSCA DAS RAÍZES DO PENSAMENTO DO CARDEAL BERGOGLIO NO DOCUMENTO DE APARECIDA

Nossa personalidade está sempre em construção, num processo que dura toda nossa vida. Recebemos influência e influenciemos a muitas pessoas no processo de aprendizagem e produção do conhecimento. O teólogo e padre jesuíta João Batista Libanio via o processo de formação do pensamento como uma arte que implica a complexidade da vida toda de uma pessoa. “A arte de formar-se implica perceber a pluralidade fantástica do ser humano a engendrar inúmeras maneiras de pensar, sentir, experimentar, viver. Tomar consciência delas, lapidá-las fazem parte de tal arte”¹.

Com o intuito de desvelar as raízes do pensamento do papa Francisco nos deteremos a investigar alguns pensadores que tem se dedicado a traçar biografias sobre o atual Bispo de Roma. Seria impossível abranger a totalidade daqueles que contribuíram para formação intelectual de Jorge Mario Bergoglio. Nos auxiliará neste caminho a obra do professor e pesquisador italiano Massimo Borghesi, que é um especialista em papa Francisco. É de Borghesi o escrito intitulado “Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual”.

Neste capítulo, inicialmente serão fornecidas algumas coordenadas gerais para se compreender as origens do pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Em seguida será examinado o papel do Cardeal Bergoglio na gênese do Documento de Aparecida. Depois será feita a análise de como se encontra a temática da *Igreja em saída* nesse documento. Enfim, será visto como o mesmo documento trata da introversão eclesial, temática contrastante cuja comparação lança luz para a compreensão da *Igreja em saída*.

1.1 Raízes do pensamento de Jorge Mario Bergoglio

É recorrente a crítica de que o papa Francisco não é um teólogo e que seu pensamento é simplista. Talvez tais críticas sejam motivadas por ser ele o primeiro papa latino-americano saindo do consolidado eixo católico europeu. O fato de ser teólogo de profissão nunca foi

¹ LIBANIO, João Batista. *A arte de formar-se*. 7 ed. São Paulo: Loyola, 2014a. (Coleção FAJE). p. 19.

pressuposto para eleição de um papa. Não se deve fazer da Teologia a profissão do papa². O teólogo brasileiro Leonardo Boff comenta esta crítica que fazem a Francisco:

Mesmo assim é até bom que um papa não se filie a nenhum tipo de teologia, como a da libertação, do povo ou de qualquer outra. Seus dois antecessores assumiram certo tipo de teologia que estava em suas cabeças e se apresentava como expressão do magistério oficial. Em nome disso se fizeram condenações de não poucos teólogos e teólogas [...] o que prejudicou tanto a reflexão quanto a prática pastoral.³

Nas palavras de Boff, diante da pluralidade das linhas de reflexão teológicas, sublinha-se a tarefa primordial do Bispo de Roma de ser “o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade da Igreja” (CIC, n. 881-882). Já o teólogo jesuíta Gerard Whelan recorre ao cardeal Walter Kasper para nos mostrar qual deve ser a postura dos teólogos diante de um papa que não é acadêmico por profissão: “não há razão para que os Papas devam ser acadêmicos, mas, quando não o são, impõe-se aos próprios acadêmicos uma tarefa particular: ter de interpretar o significado do ensinamento de tal Papa para o mundo acadêmico”⁴. Deste modo, o papa Francisco é um desafio e ao mesmo tempo desafia aqueles que se dedicam profissionalmente à Teologia a repensar suas práticas:

[...] é necessária uma teologia que [...] seja feita por cristãs e cristãos que não pensem em falar apenas entre eles, mas saibam que estão ao serviço das várias Igrejas e da Igreja; e que assumam também a tarefa de repensar a Igreja, a fim de que ela esteja em conformidade com o Evangelho que deve anunciar.⁵

E quanto a crítica de que seu pensamento é simples, isso não quer dizer que seja simplório ou desprovido de consistência teológica. “Por trás, existe um processo de pensamento, rico e original, que nasce da escola dos jesuítas, que se nutre não só dos mestres argentinos; mas, sobretudo, dos europeus”⁶.

² LA VALLE, Raniero. *Profissão teólogo ou pescador? A figura do papa na Igreja*. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/577193-profissao-teologo-ou-pescador-a-figura-do-papa-na-igreja-artigo-de-raniero-la-valle>. Acesso em: 20 nov. 2023.

³ BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. 2 ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014. p. 91.

⁴ “[...] non c’è alcuna ragione, per cui i Papi debbano essere degli accademici, ma, quando non lo sono, si impone, agli stessi accademici, un compito particolare: dover interpretare il significato dell’insegnamento di un tale Papa al mondo accademico” WHELAN, Gerard. Il metodo teologico di Papa Francesco. In: TENACE, Michelina (org). *Dal chiodo alla chiave: la teologia fondamentale di Papa Francesco*. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018. p. 113-133. p.113.

⁵ FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco à Associação Teológica Italiana*. 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco_20171229_associazione-teologica-italiana.html. Acesso em: 21 fev. 2024.

⁶ BORGHESI, 2018, p. 19.

Sob a organização editorial de Roberto Repole, foi publicada uma coleção de onze livretos intitulada *A Teologia do Papa Francisco*. O papa emérito Bento XVI, quando recebeu a coleção organizada por Repole, escreveu uma carta ao prefeito da Secretaria de Comunicação do Vaticano, monsenhor Dario Eduardo Viganò. O papa Bento XVI assim se expressou:

Aplaudo essa iniciativa que quer se opor e reagir ao tolo preconceito pelo qual o Papa Francisco seria somente um homem prático desprovido de uma particular formação teológica ou filosófica, enquanto eu seria unicamente um teórico da teologia que pouco entenderia a vida concreta de um cristão hoje. Os pequenos volumes mostram com razão que o Papa Francisco é um homem de profunda formação filosófica e teológica.⁷

Com sua carta polêmica, o papa emérito Bento XVI referiu-se à profundidade da reflexão teológica do papa Francisco. Na mesma carta, o papa emérito Bento XVI tentou se defender das acusações de que ele seria unicamente um teórico. Francisco prefere conscientemente uma linguagem acessível, que escape a erudição de grandes elucubrações teológicas que não dizem nada ao coração do homem e da mulher de nosso tempo. “A linguagem de Bergoglio é ‘simples’ porque quer ser simples. É simplicidade como resultado da reflexão, simplicidade evangélica e não limite de expressão”⁸.

Temos o primeiro papa proveniente do sul do mundo, um papa filho de uma família simples, de um casal de imigrantes italianos que constituiu uma família de cinco filhos. Consideremos o contexto do “fim do mundo”, ou seja, da Argentina, no período de formação do jesuíta Bergoglio.

Todo o pensamento de Bergoglio é um pensamento da reconciliação. Não um pensamento ‘irênico’, otimista, ingenuamente progressista; mas, ao contrário, um pensamento dramático, ‘tensor’, que, amadurecido no curso dos estudos inicianos dos anos de 1960, encontra sua primeira formulação no quadro, trágico, da Argentina da década de 1970 dividida entre direita filomilitar e esquerda filorrevolucionária. Uma contraposição que marcava também a Igreja e a Companhia de Jesus. Daqui surge sua ideia de uma dialética ‘polar’, ‘antinômica’, que constitui o fio condutor de seu pensamento, seu núcleo conceitual original.⁹

Neste contexto Bergoglio fez contato com a realidade e com os pensadores de seu tempo, sejam eles latino-americanos ou europeus, e foi constituindo seu pensamento. Na sua trajetória de vida assumiu diversas funções de grande responsabilidade: “Mestre de Noviciado,

⁷ BENTO XVI, Papa. *Íntegra da carta de Bento XVI ao prefeito da Secretaria para a Comunicação*. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/577104-integra-da-carta-de-bento-xvi-ao-prefeito-da-secretaria-para-a-comunicacao>. Acesso em: 21 nov. 2023.

⁸ BORGHESI, 2018, p. 19.

⁹ BORGHESI, 2018, p. 22.

Superior Provincial e Reitor de uma Universidade de Filosofia e Teologia. [...] teve a oportunidade de refletir sobre o ligame entre a espiritualidade inaciana e a teologia do Povo”¹⁰.

1.1.1 Os quatro princípios norteadores

Já na sua fase madura sintetiza sua abordagem em três pares polares e quatro princípios norteadores: “Aqui tomam forma os três pares polares (plenitude-limite; ideia-realidade; globalização-localização) como os quatro princípios: o tempo é superior ao espaço; a unidade é superior ao conflito; a realidade é superior à ideia; o todo é superior à parte”¹¹.

O jesuíta brasileiro Álvaro Mendonça Pimentel escreveu no seu artigo *O tempo é superior ao espaço: o princípio das mudanças sociais e eclesiais, no Magistério de Francisco*, uma tentativa de interpretação sobre os quatro princípios. Segundo Pimentel, o princípio de que o tempo é superior ao espaço é o mais importante deles e, por si só, já seria suficiente para compreendermos o pensamento do Papa¹². O referido autor assim se expressa sobre o primeiro princípio:

[...] o olhar temporal e o sentimento dinâmico da vida em sociedade consideram que há movimento, entrelaçamento e integração das diferenças, sem a necessidade violenta de reduzi-las a uma uniformidade. Por isso, sociedades que aceitam o “tempo” como realidade superior à limitação do “espaço” são chamadas de sociedades abertas.¹³

Em referência a relevância do primeiro princípio no modo de pensar e no programa de reforma do papa Francisco, também o teólogo italiano Roberto Repole afirma: “Francisco parece confiar em e agir segundo aquela lógica que indica muitas vezes a todos os cristãos, pela qual não se trata de ocupar espaços, mas de iniciar processos”¹⁴.

Embora destaque a preponderância do primeiro princípio, o jesuíta Pimentel afirma que a explicação dos demais princípios pode colaborar para tornar o primeiro princípio ainda mais preciso. Sobre o princípio de que a unidade é superior ao conflito, temos a explanação: “Trata-se, sem dúvida, de uma unidade em tensão, única capaz de guardar todas as virtualidades em

¹⁰ “Maestro di Noviziato, Superiore Provinciale e Rettore di un’Università di Filosofia e Teologia. [...] ebbe l’opportunità di riflettere sui legami esistenti tra la spiritualità ignaziana e la *teología del pueblo*” (WHELAN, 2018, p. 120).

¹¹ BORGHESI, 2018, p. 24.

¹² PIMENTEL, Álvaro. *O tempo é superior ao espaço*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 54, n. 3, p. 683-701, 2022. set./dez. 2022. p. 694.

¹³ PIMENTEL, 2022, p. 691.

¹⁴ REPOLE, 2019, p. 76.

jogo, para que todas contribuam nos processos sociais em curso”¹⁵. Prossegue tentando explicar o princípio de que a realidade é superior à ideia: “a realidade se impõe e a ideia a reflete [...] A realidade nos circunda, nos envolve e, sobretudo, estamos nela, dela participamos numa comunidade de ser”¹⁶. No intuito de combater o uso indiscriminado e ambíguo dos princípios a que se refere o papa Francisco, o filósofo Pimentel apresenta sua interpretação do princípio de que o todo é superior à parte:

O todo é interação, processo, história, sendo captado na originalidade de seu movimento, ritmo e singularidade. É nesse sentido que cada sociedade deve ser considerada um todo orgânico, vivo, belo, aberto, receptivo ao que vem. [...] O todo é a sociedade aberta, a parte, o movimento de fechamento e esterilidade, que, pensando ser o todo, ameaça a abertura.¹⁷

Os quatro princípios enunciados por Bergoglio, aqui brevemente apresentados, são a síntese de uma reflexão de toda uma vida. “Em muitos discursos e artigos, nos quais se dirigiu aos jesuítas, elaborou a sua reflexão em quatro princípios pastorais, que manteve tanto quando foi nomeado Arcebispo de Buenos Aires como quando foi eleito Papa”¹⁸. Tais princípios “condizem com a estrutura mesma de processos em curso na sociedade e na Igreja”¹⁹, são elementos chaves na interpretação do modo de pensar do papa Francisco.

1.1.2 Personagens influentes no pensamento de Bergoglio

Na origem do pensamento de Bergoglio estão as figuras dos intelectuais jesuítas da Escola de Lion, dos quais destacamos três : Gaston Fessard, Henri de Lubac e Michel de Certeau. É o próprio Bergoglio que “indica o autor-chave de sua formação, o jesuíta [...] Fessard medira-se profundamente com Hegel e a dialética, uma verdadeira e real exceção no pensamento católico dos anos 1930-1940”²⁰. A influência de Gaston Fessard, que de tudo não era hegeliano²¹, se fundamenta numa tensão dialética entre o agir do Criador e o agir das criaturas. “Dele retoma o modelo de um pensamento dialético que constituirá o ponto fixo de

¹⁵ PIMENTEL, 2022, p. 696.

¹⁶ PIMENTEL, 2022, p. 696.

¹⁷ PIMENTEL, 2022, p. 696-697.

¹⁸ WHELAN, 2018, p. 120.

¹⁹ PIMENTEL, 2022, p. 685.

²⁰ BORGHESI, 2018, p. 32.

²¹ BORGHESI, 2018, p. 34.

sua reflexão, um pensamento [...] profundamente ‘católico’ na sua ideia da síntese das oposições”²².

Nos anos de seus estudos como seminarista, fez contato com a eclesiologia de Henri de Lubac e de Yves Congar. Sendo que a obra *Verdadeira e falsa reforma da Igreja* (1950), de Yves Congar, marcou profundamente o pensamento de Bergoglio. “O Papa do Sul confirma aquilo que expressou o dominicano Yves Congar já em 1950: *muitas reformas provêm das periferias*”²³.

Bergoglio, enquanto estudante, era um assíduo leitor de periódicos. Dentre as revistas que gostava de ler estava a trimestral francesa *Christus*, onde fez contato com artigos de Michel de Certeau. Na formação de Bergoglio, o jesuíta e intelectual Michel de Certeau se constitui como uma referência nos estudos sobre a mística jesuítica e, particularmente, sobre Pedro Fabro²⁴. Através dos estudos dos escritos de Michel de Certeau, assume papel determinante na espiritualidade de Bergoglio o companheiro de Santo Inácio, chamado Pedro Fabro, o “incansável viajador pela Europa dividida pelas guerras de religião, o doce e manso anunciador do Evangelho e da paz de Cristo é seu modelo”²⁵. O primeiro presbítero jesuíta, Pedro Fabro, foi canonizado pelo papa Francisco logo no primeiro ano de seu pontificado. São Pedro Fabro se tornou o modelo ideal que o papa Francisco tenta encarnar em sua vida.

O próprio papa Francisco afirma que foi formado numa filosofia decadente²⁶, referindo-se que sua formação inicial como religioso precedeu o grande acontecimento eclesial do século XX, o Concílio Vaticano II, que cumpriu a missão de reconciliação da Igreja com a modernidade. No entanto, ordenado presbítero em 1969, num contexto de grandes efervescências no interno da Igreja e em toda a América Latina, que enfrentava ditaduras e revoluções, Bergoglio acolheu as inspirações do Concílio Vaticano II.

No contexto de América Latina, a recepção criativa do Concílio Vaticano II proporcionou a Conferência de Medellín (1968) e o surgimento de uma Teologia própria, ou seja, o surgimento da Teologia da Libertação. Como afirmava o filósofo e padre jesuíta Henrique Cláudio de Lima Vaz, as intuições do Concílio Vaticano II proporcionaram a

²² BORGHESI, 2018, p. 33.

²³ GALLI, Carlos María. *Cristo, Maria, a Igreja e os povos: Amariologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (Ateologia do papa Francisco, 5). p. 93.

²⁴ BORGHESI, 2018, p. 43.

²⁵ BORGHESI, 2018, p. 25.

²⁶ SPADARO, Antonio. *Entrevista ao Papa Francisco*. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html. Acesso em: 29 ago. 2023.

possibilidade da Igreja na América Latina se tornar “Igreja fonte” e não uma mera “Igreja reflexo”²⁷.

Núcleo de toda Teologia da Libertação é a evangélica opção pelos pobres, no entanto, podemos distinguir várias expressões desta Teologia latino-americana. “Habitualmente aceita-se uma distinção entre duas expressões da teologia da libertação na América Latina. Por um lado, há a versão argentina, e, por outro lado, a versão mais comum, inspirada sobretudo na linha peruano-brasileira”²⁸. A Teologia da Libertação, que se desenvolveu na Argentina, se estruturou em torno da categoria *povo* e sempre se afirmou contrária a toda influência marxista. Grande expoente da Teologia do Povo²⁹, que é a Teologia da Libertação argentina, foi o padre Lucio Gera, originalmente italiano, mas residente na Argentina desde a infância. O próprio papa Francisco fala da influência de padre Lucio Gera em sua vida, mencionando-o como um dos teólogos mais significativos para ele³⁰.

Na década de 1970, Bergoglio conhece a professora e filósofa argentina Amelia Podetti, intelectual que lhe apresentou a um grupo de pensadores nacionalistas sempre em diálogo com os pensadores clássicos. “Aos olhos de Bergoglio, [...] Podetti tinha o mérito de ter iniciado um processo de pensamento mediante o qual a tradição cultural argentina se abria para o exterior, porém, sem sucumbir sob a hegemonia de posições dominantes”³¹. Acreditamos que a reflexão de Podetti sobre as periferias exerce viva influência no magistério do papa Francisco.

A dialética bergogliana, que se desenvolve a partir de uma filosofia da polaridade, é fruto, em certa medida, da percepção de Bergoglio da realidade vivida na Argentina, na Companhia de Jesus, no contexto Eclesial de um mundo em crise. “Com isso, a forma da dialética bergogliana se esclarece em sua diferença daquela hegeliana. Diversamente de Hegel e de sua dialética ascendente, que jamais volta para trás, a de Bergoglio é uma dialética que vive das antinomias. Isso significa que é ‘circular’”³². Nesta linha de reflexão acerca da dialética bergogliana, destaca-se a influência dos pensadores católicos: Erich Przywara, Hans Urs von Balthasar e Romano Guardini. “Erich Przywara, mestre de Hans Urs von Balthasar, é aquele

²⁷ VAZ, Henrique C. de Lima. Igreja-reflexo vs Igreja-fonte. *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro. n. 46, p. 17-22, mar./abr. 1968.

²⁸ COMBLIN, José. *O povo de Deus*. São Paulo, Paulus, 2002. (Temas de atualidade). p. 104.

²⁹ “Nela [Teologia do Povo] existia a consciência de estar obrigada a opção preferencial pelos pobres como também a fé popular, e nos pobres se via provocada a fazer referência ao encontro libertador com Deus. A tal teologia estava e está próximo Jorge Mario Bergoglio”. WERBICK, Jürgen. *A fraqueza de Deus pelo homem: A visão do Papa Francisco sobre Deus*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco, 1). p. 17.

³⁰ HÜNERMANN, 2019, p. 19.

³¹ BORGHESI, 2018, p. 53.

³² BORGHESI, 2018, p. 84.

que, nos anos de 1920-1930 na Alemanha, junto com Romano Guardini, representa o filósofo católico da polaridade”³³.

Em suas leituras dos textos de Hans Urs von Balthasar, Bergoglio recolhe conceitos que resultam da estética teológica, do realismo e da inculturação, elementos que depois irão auxiliar no desenvolvimento de seu próprio pensamento.

Romano Guardini também tem forte influência na constituição da reflexão intelectual de Bergoglio. É importante notar que “o Guardini ‘filósofo’ representa uma descoberta de Bergoglio, quando seu pensamento dialético já está estruturado”³⁴. Bergoglio pretendia desenvolver sua tese doutoral, algo que não aconteceu, com o seguinte título: *A oposição polar como estrutura do pensamento cotidiano e do anúncio cristão*. O uso do método concêntrico, a teoria da oposição polar, da *tensão fecunda*, são pontos do pensamento de Guardini que ajudaram a sistematizar o pensamento do papa Francisco, que cita literalmente Guardini na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o documento programático de seu pontificado.

Quando se reflete sobre as influências no pensamento de Bergoglio, devemos mencionar a figura daquele que é considerado um dos maiores pensadores da América Latina no século XX: “Alberto Methol Ferré é o ‘filósofo’ de Bergoglio”³⁵. Methol Ferré, um leigo católico uruguaio, e Bergoglio se conheceram no contexto da *Universidad del Salvador* (Buenos Aires), na preparação da conferência de Puebla (1979), que foi uma realização do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM). “O pensamento de Bergoglio, que em muitos aspectos é semelhante ao de Methol Ferré, constituir-se-á como sinfonia de opostos”³⁶. O amigo de Bergoglio, Methol Ferré, sonhou com a proposta de uma pátria grande latino-americana, o “ideal da pátria grande, compartilhado por Methol Ferré e por Bergoglio, vinha de longe. Ele era partilhado por toda a Igreja latino-americana”³⁷.

Na concepção de Methol Ferré, a Igreja na América Latina, por suas características próprias, como o grande número de católicos e sua relação menos distante da Modernidade³⁸, assume um lugar de grande relevância para o catolicismo como um todo. Segundo seus escritos, a América Latina poderia ajudar a Igreja a pensar caminhos para evangelização no terceiro milênio. “Um ressurgimento católico latino-americano não diz respeito apenas a nós, mas a

³³ BORGHESI, 2018, p. 88.

³⁴ BORGHESI, 2018, p. 111.

³⁵ BORGHESI, 2018, p. 100.

³⁶ BORGHESI, 2018, p. 23.

³⁷ BORGHESI, 2018, p. 120.

³⁸ BORGHESI, 2018, p. 154.

toda a Igreja”³⁹. Com a eleição do papa Francisco, um filho da Igreja Católica na América Latina, será que este presságio de Methol Ferré não estaria se concretizando?

Neste sucinto recorte sobre a influência intelectual do papa Francisco podemos concluir que:

- O pensamento de Bergoglio situa-se, de modo geral, no quadro amplo de trocas culturais entre Europa e América Latina⁴⁰.

- O pensamento de Bergoglio resulta, de modo particular, de uma *communio* católica fortemente entrelaçada, que surge naquela troca entre Europa e América Latina⁴¹.

- O pensamento de Bergoglio compõe uma *complexio oppositorum* que resulta da sua personalidade plasmada naquele contexto da troca cultural e religiosa entre os dois continentes⁴².

- O pensamento de Bergoglio se organiza por meio da utilização do método de Guardini e o método do discernimento inaciano como ferramenta para ajudar a vida das pessoas de modo pessoal, mas também a vida do povo de Deus como um todo⁴³.

1.2 O cardeal Bergoglio e o Documento de Aparecida

Falar do Documento de Aparecida e do papel do cardeal Bergoglio na elaboração do documento final é falar da tradição teológica e eclesial da América Latina. O argentino Diego Fares, ex-redator da revista *La Civiltà Cattolica*, nos recorda que dificilmente “se pode negar ou esconder que Aparecida é a expressão de um caminho latino-americano que começou em Medellín, se fortaleceu em Puebla e simplesmente tomou fôlego em Santo Domingo”⁴⁴. É preciso então entender Aparecida (2007) dentro da trajetória eclesial da América Latina desde as suas conferências gerais⁴⁵ precedentes: Rio de Janeiro (1955), Medellín (1968), Puebla

³⁹ BORGHESI, 2018, p. 154.

⁴⁰ BORGHESI, 2018, p. 25.

⁴¹ BORGHESI, 2018, p. 25.

⁴² BORGHESI, 2018, p. 25.

⁴³ SCANNONE, Juan Carlos. *A Teologia do Povo: Raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção Francisco). p. 278.

⁴⁴ “[...] si potrà negare o nascondere che Aparecida sia espressione di un cammino latinoamericano che ha preso avvio a Medellín, si è rafforzato a Puebla, e a Santo Domingo ha semplicemente tirato il fiato”. LA SERNA, 2007 apud FARES, Diego. A 10 anni di Aparecida: Alle fonti del pontificato di Francesco. *La Civiltà Cattolica*, Roma, v. 2, n. 4006, p. 338-352, maio/jun. 2017. p. 339.

⁴⁵ Quando nos referimos a conferências gerais estamos nos reportando aos cinco grandes eventos que ocorreram nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Diferente das conferências gerais são o próprio CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho) e as conferências episcopais

(1979) e Santo Domingo (1992). Cada uma delas, com suas particularidades, deu a sua colaboração em busca de uma evangelização com traços autenticamente mestiços.

1.2.1 Uma retomada da caminhada eclesial latino-americana

No movimento de continuidade, rupturas e involução eclesial tivemos ao longo do período de tempo, desde a conferência geral do Rio de Janeiro (1955) à conferência geral de Aparecida (2007), eventos que influenciaram de modo marcante as conferências latino-americanas.

Embora pouco citada, a conferência geral do Rio de Janeiro deve ser considerada como o marco de criação do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM), processo encabeçado pelo brasileiro dom Hélder Câmara.

O CELAM foi criado em 1956, em conexão com a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizada no Rio de Janeiro em 1955. Sua origem legal remonta a 1958. A criação do CELAM precede à existência da maioria das Conferências Episcopais das igrejas locais. Portanto, não podemos ler seu surgimento como uma recepção regional de uma experiência local.⁴⁶

A criação do CELAM foi um passo inovador na busca de unidade da evangelização da Igreja na América Latina e no auxílio da organização eclesial das Igrejas locais. Ainda hoje o CELAM é um organismo permanente que se destaca enquanto um modo avançado de organização das conferências episcopais. A teóloga brasileira, doutora Alzirinha Rocha de Souza, aponta algumas lacunas na organização das conferências gerais:

Contudo, do ponto de vista do Direito Canônico, seu estatuto é inexato em relação às Conferências Episcopais aos conselhos particulares ou ainda em relação ao próprio CELAM. As Conferências Gerais não são organismos permanentes e não preveem uma regularidade em sua convocação. Pelo contrário, elas acontecem quando convocadas pela Santa Sé. Elas também não são conferências legislativas. Mesmo havendo um consenso entre os bispos participantes, que deve ser ratificado pela Santa Sé, elas não apresentam conclusões restritas. Além disso, elas não têm um regulamento permanente e seu funcionamento muda de assembleia em assembleia.⁴⁷

(nacionais). SOUZA, Alzirinha Rocha de. Puebla – 40 anos: Resistência e Colegialidade Sinodal na América Latina. *Reflexus*, Vitória, v. 17, n. 1, p. 109-125, jul. 2023. p. 111-112.

⁴⁶ ARENAS, Sandra. Conferências do Conselho Episcopal latino-americano (CELAM). In: DE MORI, Geraldo et al. (Orgs.). *Theologica Latinoamericana*: enciclopédia digital. Belo Horizonte, [201-?]. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1475>. Acesso em: 22 nov. 2023. Não paginado.

⁴⁷ SOUZA, 2023, p. 112.

Tais lacunas apontadas pela teóloga Alzirinha nos alertam para a necessidade de uma legislação canônica, que determine, de modo exato, o caráter das conferências gerais, garantindo-lhes estabilidade, estatuto e regulamento de funcionamento próprios e permanentes.

Na conferência geral do Rio de Janeiro (1955), os bispos participantes “traçaram um perfil do catolicismo latino-americano, que enfrentava um processo de descristianização produzido, segundo os informes, pela falta de sacerdotes”⁴⁸. As preocupações da primeira conferência geral se detiveram em temáticas sobre a vida interna da Igreja, como questões morais e a escassez de sacerdotes, sem apresentar nenhuma denúncia contundente ou uma análise crítica da realidade latino-americana. Diante deste contexto, o doutor em história social, Fernando Torres Londoño, pesquisador em História da América Latina, declara: “[...] depois de uma análise aprofundada [...] conclui que esta primeira Conferência ‘pelo seu espírito, pelo tema que tratou e pelas conclusões a que chegou, está situada na mesma trajetória que o Concílio Plenário Latino-Americano de 1899’”⁴⁹. Por tudo isso, a conferência geral do Rio de Janeiro tem como marco principal a criação do CELAM.

O Concílio Vaticano II (1962-1965), maior evento eclesial do século XX, redesenhou os horizontes da caminhada eclesial. Grande foi a influência do Concílio Vaticano II na conferência geral de Medellín (1968), que soube fazer uma recepção criativa das normativas emanadas pelo Concílio.

Destacamos que os bispos reunidos em Medellín junto “à recepção conciliar, [...] quiseram fazer uma recepção adequada da situação social, a partir da qual surgiram os temas de reestruturação eclesial, as comunidades de base e um novo método teológico, com fundamento na preocupação com os pobres e pela libertação”⁵⁰. Neste momento, surge como fruto da reflexão da conferência geral de Medellín, a célebre opção pelos pobres, que passou a nortear todo o agir pastoral da Igreja Latino-americana.

Os bispos, ao se perguntarem sobre a situação crítica que enfrentava a América Latina, chegaram a diagnósticos que eram inaceitáveis para os governantes e as forças vivas que faziam a manutenção do *status quo*. Diante da nova postura assumida pela Igreja na América Latina, após a conferência geral de Medellín, os poderosos “empreenderam uma campanha virulenta

⁴⁸ ARENAS, [201-?], não paginado.

⁴⁹ “Por eso Fernando Torres Londoño, después de un análisis acucioso [...] concluye que esta primera Conferencia ‘por su espíritu, por la temática que trató y las conclusiones a las que llegó, se sitúa en la misma trayectoria del Concilio Plenario Latinoamericano de 1899’”. TRIGO, Pedro. Las cinco Conferencias generales del Episcopado Latinoamericano. In: DE MORI, Geraldo et al. (Orgs.). *Theologica Latinoamericana*: enciclopédia digital. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=2731>. Acesso em: 22 nov. 2023. Não paginado.

⁵⁰ ARENAS, [201-?], não paginado.

de perseguição ideológica contra os bispos e teólogos identificados com esta linha, acusando-os de serem comunistas”⁵¹.

Outra forte influência nos rumos que tomaria a conferência geral de Medellín foi a Encíclica *Populorum Progressio* (1967), do papa Paulo VI, que problematizou a questão do desenvolvimento dos povos, priorizando a preocupação com os mais fracos, com os países vulneráveis, e apontou para a cooperação entre os povos e o desenvolvimento integral do homem.

Com estas e outras influências, a conferência geral de Medellín se concentrou no aspecto sócio estrutural e na libertação dos pobres, o que deu à Igreja voz profética⁵². No seio desta conferência geral nasceu uma Teologia própria à América Latina, a chamada Teologia da Libertação, que em 1972, foi sistematizada por Gustavo Gutiérrez em seu livro intitulado *Teologia da Libertação*. O latino-americano Alberto Methol Ferré comenta que a “Teologia da Libertação se diferencia de toda teologia anterior pela importância decisiva que confere à situação histórica da América Latina”⁵³.

Depois de Medellín, a Igreja na América Latina conheceu uma verdadeira revolução em prol de uma evangelização integral, o que provocou uma série de reações nem sempre positivas: “[...] já apareciam os primeiros sinais de reação às iniciativas inovadoras pós-conciliares e ao surto libertador da Igreja latino-americana por parte de Roma e de setores conservadores eclesiais do nosso Continente”⁵⁴.

Seguindo na esteira da história das conferências gerais do CELAM vemos que a “extraordinária recepção da *Evangelii Nuntiandi* na Igreja latino-americana foi o cenário em que surgiu a ideia de convocar uma nova Conferência Geral do Episcopado no décimo aniversário de Medellín”⁵⁵. Na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (1975), sobre a evangelização no mundo contemporâneo, o papa Paulo VI apresentou uma definição de evangelização e alertou para a valorização da *piedade popular* no agir missionário da Igreja. O papa Paulo VI afirmou: “nós chamamos-lhe de bom grado ‘piedade popular’, no sentido religião do povo, em vez de religiosidade” (EN, n. 48).

Tendo como pano de fundo a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* foi convocada a conferência geral de Puebla (1979), que tratou do tema da evangelização na América Latina.

⁵¹ “[...] emprendieron una campaña virulenta de persecución ideológica contra los obispos y teólogos identificados con esta línea, acusándolos de comunistas” (TRIGO, 2022, não paginado).

⁵² LIBANIO, 2007, p.11.

⁵³ METALLI, Alver; METHOL FERRÉ, Alberto. *A América Latina no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2006. p.91.

⁵⁴ LIBANIO, 2007, p. 28.

⁵⁵ ARENAS, [201-?], não paginado.

Durante a sua realização, era possível sentir o clima de desconfiança⁵⁶ à Igreja da libertação por parte do papa João Paulo II, que havia acabado de ser eleito. Afirmamos que a terceira conferência geral do CELAM representa uma involução eclesial no histórico da aplicação do Concílio Vaticano II na Igreja latino-americana. A conferência geral assumiu um caráter mais conservador, ignorou a Teologia da Libertação, que foi estigmatizada como Teologia marxista⁵⁷.

Graças à atuação corajosa de alguns bispos, como dom Marcelo Carvalheira, cardeal Pirônio, dom Luciano Mendes de Almeida e o cardeal Lorscheider (presidente do CELAM de 1975-1979)⁵⁸, Puebla não foi uma total descontinuidade de Medellín. No documento final é possível perceber que se evitou o termo libertação: “Deslocou-se o termo libertação para evangelização libertadora. O substantivo virou adjetivo”⁵⁹. Ignorou-se completamente o termo Teologia da Libertação⁶⁰, enfraqueceu-se a opção pelos pobres, que foi adjetivada para lhe tirar o caráter radical, sendo reformulada como “amor preferencial e solicitude para com os pobres e necessitados” (DPB, n. 382).

A quarta conferência geral de Santo Domingo (1992) ocorreu logo depois da Queda do Muro de Berlim (1989), fato histórico resultante do colapso do comunismo, que levou ao desaparecimento da União Soviética em 1991. Era impossível aos participantes reunidos na conferência geral de Santo Domingo conseguir deduzir as novas lógicas que estavam emergindo mundo afora após estes eventos históricos cruciais. O filósofo Methol Ferré conclui ao analisar o contexto de Santo Domingos: “a conferência estava condenada ao anacronismo”⁶¹.

Em Santo Domingo (1992), na quarta conferência geral do CELAM, os temores de um centralismo romano se tornaram realidade. Já na organização da quarta conferência geral verificava-se que os bispos latino-americanos ficaram sem autonomia. Ocorreu a chamada intervenção romana, expressão utilizada pelo filósofo latino-americano Enrique Dussel ao fazer a análise crítica do documento final de Santo Domingo⁶². O teólogo belga, naturalizado brasileiro, José Comblin foi duro ao enfatizar que tal conferência geral foi fiel ao Concílio de Trento⁶³. Já no discurso de abertura da conferência geral, o papa João Paulo II, no contexto de 500 anos do início da evangelização na América, anunciou o tema a ser tratado: *Nova*

⁵⁶ TRIGO, 2022, não paginado.

⁵⁷ LIBANIO, 2007, p. 29.

⁵⁸ SOUZA, 2023, p. 120-121.

⁵⁹ LIBANIO, 2007, p. 30.

⁶⁰ LIBANIO, 2007, p. 29.

⁶¹ METALLI; METHOL FERRÉ, 2006, p. 16.

⁶² DUSSEL, Enrique. *A questão institucional*. In: *Santo Domingo: Ensaio Teológico Pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 115.

⁶³ COMBLIN, José. A nova evangelização. In: BOFF, Clodovis *et al.* *Santo Domingo: Ensaio Teológico-Pastoral*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 206-224. p. 207.

evangelização, promoção humana, cultura cristã. O então papa apresentou como sugestão para o episcopado latino-americano que se reunisse num encontro futuro com caráter sinodal (DSD, n. 17). Ficava assim expresso o desejo do papa João Paulo II de ter um controle maior sobre as decisões dos bispos, já que num sínodo continental o documento final é uma exortação apostólica pós-sinodal assinada pelo papa.

Atendendo ao pedido do papa João Paulo II, aconteceu em Roma, o Sínodo Continental da América (1997). Como resultado do Sínodo foi publicada a exortação apostólica *Ecclesia in America* que, segundo o teólogo João Batista Libanio, encaixava-se dentro de um processo de eclesiocentralização⁶⁴. No seu conteúdo a referida exortação apostólica apresenta um quadro do processo da nova evangelização no continente americano, além de fazer um apelo a missão *ad gentes*. Embora seja um texto bem elaborado, o documento não provou impactos significativos na caminhada pastoral da Igreja na América.

1.2.2 A gênese e o desenvolvimento do Documento de Aparecida

Para as comemorações do cinquentenário de criação do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho – CELAM, que se realizaria no ano de 2005, pensou-se a convocação de uma nova conferência geral. Diante da suspeita de que os sínodos continentais fossem assumir definitivamente o lugar das conferências gerais, grande foi a surpresa quando, depois da consulta ao papa João Paulo II, a quinta conferência geral ganhou aprovação. “O papa respondeu em 27 de maio de 2003: ‘Eu quero o que a Igreja da América Latina quer’, e acrescentou ‘*mantenete la vostra forma*’ – mantende a vossa forma –, isto é, a Conferência Geral do Episcopado. Estava dado o sinal verde”⁶⁵. Era o início da retomada da credibilidade e diálogo da Igreja na América Latina e Caribe com a Igreja de Roma.

O papa João Paulo II, que já estava com a saúde debilitada, manifestou o desejo de participar pessoalmente da quinta conferência geral do CELAM, que por tal motivo seria realizada em Roma. Com a morte do papa João Paulo II, em reunião da presidência do CELAM com o recém-eleito papa Bento XVI, definiu-se que a quinta conferência geral aconteceria no Brasil, na cidade de Aparecida. O evento aconteceria de 13 a 31 de maio de 2007, contando com a participação do papa em sua abertura. “A presidência do CELAM apresentou ao papa Bento XVI a proposta temática que conjugava três elementos fundamentais: o discipulado, a

⁶⁴ LIBANIO, 2007, p. 38-40.

⁶⁵ LIBANIO, 2007, p. 41-42.

missionariedade em vista da vida para os povos do Continente como resultado do encontro com Jesus Cristo”⁶⁶.

Como forma de preparação para a quinta conferência geral foi redigido, a partir de diversas contribuições das vinte e duas Conferências Episcopais da América Latina e Caribe, um Documento de Participação, posteriormente foi elaborado ainda um Documento de Síntese. Tanto o Documento de Participação como o Documento de Síntese tiveram pouca influência em Aparecida: “A Assembleia teve de partir da ‘estaca zero’. Sorte que, o trabalho realizado nas Igrejas Locais, e compilado pelas Conferências Episcopais Nacionais, longe de estar perdido por não ter entrado no texto, chegou a Aparecida, trazido no coração de maior parte dos seus delegados”⁶⁷.

Uma das marcas da quinta conferência geral foi justamente a visita do papa Bento XVI ao Brasil. Ainda no avião, em entrevista coletiva, o papa dirigiu duras críticas à Teologia latino-americana: “Associou-a aos fáceis milenarismos que prometem revoluções e rápidas mudanças para se conseguir vida justa. Conclui que era evidente que a TdL estava errada”⁶⁸. Já no Brasil, a visita do papa Bento XVI dava mostras do desejo de reafirmar o poder da Instituição e do Romano Pontífice. Quanto a realização da quinta conferência geral o clima era de expectativa e tensão.

O discurso inaugural do papa Bento XVI foi surpreendente, tudo indicava que ele assumiria uma postura mais conservadora, e que seu discurso fosse definidor de toda a quinta conferência geral que estava para começar. Pensava-se: “Sobretudo que ele pontualizasse a tradição latino-americana, tal como João Paulo II havia feito em Puebla e Santo Domingo. Entretanto, para desconcerto dos setores mais conservadores, o papa foi propositivo e não coercitivo”⁶⁹. Sobre um dos pontos nevrálgicos da Teologia latino-americana, o papa Bento XVI declarou: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica, naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza”⁷⁰. O discurso inaugural abriu brechas para que, apesar das interferências e censuras, a quinta conferência geral pudesse ter certa autonomia para trabalhar as teses que de fato importavam para a evangelização na América Latina.

⁶⁶ LIBANIO, 2007, p. 43-44.

⁶⁷ BRIGHENTI, Agenor. *Para compreender o Documento de Aparecida: o pré-texto, o con-texto e o texto*. São Paulo: Paulus, 2008b. (Coleção comunidade e missão). p. 59.

⁶⁸ LIBANIO, 2007, p. 68.

⁶⁹ BRIGHENTI, 2008b, p. 50.

⁷⁰ BENTO XVI, Papa. *Discurso Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*. 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em: 24 out. 2023.

Mas, como nada é perfeito, o teólogo brasileiro Agenor Brighenti apontou que o papa Bento XVI cometeu um “único deslize no Discurso Inaugural”⁷¹. Segundo Brighenti, o deslize se trata da afirmação de que a evangelização na América Latina não alienou as culturas pré-colombianas e nem se valeu de imposições. Tal declaração rendeu ao papa críticas severas⁷² sejam de membros de grupos organizados dos povos indígenas, dos movimentos negros, ou simplesmente dos conhecedores da história.

1.2.3 Da redação à aprovação do documento final

A quinta conferência geral contou com 266 participantes. “Só os membros – os cardeais (dentre eles, 12 latino-americanos), arcebispos e bispos – tiveram direito a voz e a voto, em um total de 162 votantes; os demais, só tiveram voz”⁷³. Foram constituídas sete comissões temáticas; estas, por sua vez, se desdobraram em dezesseis subcomissões. Elegeram uma comissão de redação composta por oito bispos e quatro peritos⁷⁴.

O cardeal Jorge Mario Bergoglio foi escolhido como presidente da comissão de redação⁷⁵ do documento final. Na tentativa de aproximação do Documento de Aparecida com o magistério do papa Francisco, o teólogo Diego Fares nos faz notar que:

[...] este ar fresco trazido pelo Papa Francisco não é algo improvisado ou exclusivamente seu. Teve um precedente em Aparecida, onde o modo de trabalho sinodal incentivado pelo Cardeal Bergoglio, então presidente da comissão redatora do “Documento Final” (AP), despertou na assembleia a humilde maturidade de um consenso compacto.⁷⁶

Como presidente da comissão de redação, o cardeal Bergoglio teria imprimido um ritmo sinodal nos trabalhos realizados em busca de chegar a um consenso entre as diversas Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe. A metodologia adotada na quinta conferência geral foi participativa, apesar dos controles, dos filtros no texto durante e depois do evento, somada a dificuldade de se redigir um documento de magnitude continental em apenas

⁷¹ BRIGHENTI, 2008b, p. 36.

⁷² LA SERNA, Eduardo. *Os relatórios que Eduardo de La Serna enviou de Aparecida*. 2007. Disponível em: <http://www.curasopp.com.ar/Aparecida/m01.php#31>. Acesso em: 29 fev. 2024. Não paginado.

⁷³ BRIGHENTI, 2008b, p. 39.

⁷⁴ BRIGHENTI, 2008b, p. 41.

⁷⁵ BRIGHENTI, Agenor. Documento de Aparecida: O texto original, o texto oficial e o Papa Francisco. *Pistis e Praxis: Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 673-713, set./dez. 2016. p. 675.

⁷⁶ “quest’aria fresca portata da papa Francesco non è qualcosa di improvvisato o di esclusivamente suo. Ha avuto un precedente in Aparecida, dove il modo di lavoro sinodale incoraggiato dal cardinale Bergoglio, allora presidente della Commissione di redazione del «Documento finale» (AP), suscitò nell’assemblea la maturità umile di un consenso compatto” (FARES, 2017, p. 339).

três semanas⁷⁷. Apesar de todos esses desafios, afirma-se que “a Assembleia de Aparecida foi mais do que o texto do documento final”⁷⁸. Diante das limitações impostas, censores vindos de Roma, momentos de crise, a estratégia era assumir um tom conciliador. Assim evitavam os confrontos, calculavam as forças, e se necessário fosse recuavam para não sair perdendo⁷⁹.

A decisão sobre o uso do método *Ver-Julgar-Agir* foi um dos pontos de grande tensão na quinta conferência geral. Estava em jogo a retomada da identidade teológica latino-americana. Com muitas resistências o documento se estruturou sobre o método *Ver-Julgar-Agir*. Mas, segundo Brighenti, como numa espécie de manobra, trouxeram como primeiro capítulo o conteúdo que seria relativo ao momento do *Julgar*, “se havia invertido a ordem do ‘ver’, colocando-se primeiro a realidade da Igreja e, depois, a do mundo”⁸⁰. Diferentemente de Brighenti, o padre argentino Eduardo de La Serna, que acompanhou o dia a dia da conferência geral, faz um comentário sobre a referida manobra: “ao Cardeal Bergoglio ‘parecia demasiado forte entrar diretamente com um olhar sobre a realidade, e por isso colocou em primeiro lugar uma espécie de doxologia (louvor a Deus)’”⁸¹. Diante da grande diversidade e magnitude de uma conferência geral ficou evidente que ajustes, por parte da comissão de redação, foram necessários para garantir a linha de conciliação assumida na conferência geral de Aparecida.

A quinta conferência geral contou ainda com a influência e a participação de atores externos: os romeiros, os teólogos ligados à Ameríndia, o Fórum de Participação, etc. A conferência geral de Aparecida realizou-se em local público, diariamente os bispos celebravam a Eucaristia junto aos fiéis peregrinos, fazendo com que a religiosidade popular deixasse registrada suas marcas na reflexão realizada⁸². De modo inédito os teólogos ligados à Ameríndia “não trabalharam clandestinamente; ao contrário, tiveram a anuência da presidência do CELAM”⁸³. Eventos simultâneos foram realizados para manifestar apoio e, ao mesmo tempo, desejo de participação na quinta conferência geral, foram eles: o Fórum de Participação que se desenrolou num seminário latino-americano de Teologia (realizado em Pindamonhangaba), a Romaria das Comunidades de Base (saindo de Roseiras e chegando ao Santuário de Aparecida), e a Tenda dos Mártires (às margens do Rio Paraíba)⁸⁴.

⁷⁷ BRIGHENTI, 2008b, p. 43-45.

⁷⁸ BRIGHENTI, 2008b, p. 44.

⁷⁹ BRIGHENTI, 2008b, p. 65.

⁸⁰ BRIGHENTI, 2008b, p. 76.

⁸¹ “al cardinale Bergoglio ‘erasembrato troppo forte entrare direttamente con uno sguardo sulla realtà, e per questo aveva anteposto una specie di dossologia (lode a Dio)’” (LA SERNA, 2007, não paginado).

⁸² BRIGHENTI, 2008b, p. 68.

⁸³ BRIGHENTI, 2008b, p. 68.

⁸⁴ BRIGHENTI, 2008b, p. 68-69.

“Terminados os trabalhos da V Conferência [...] seus participantes e assessores tinham em mãos o ‘texto original’ do Documento de Aparecida”⁸⁵. Tendo sido entregue o *texto original* em Roma, ao tomar conhecimento o papa Bento XVI teria afirmado que só lhe caberia autorizar a publicação, por se tratar de um documento elaborado pelo episcopado latino-americano. No entanto, foram feitas cerca de duzentas e cinquenta alterações⁸⁶, desde questões irrelevantes a questões de alteração do conteúdo. Nas voltas que a vida dá, “ninguém poderia imaginar, muito menos os censores que, poucos anos depois, o então presidente da Comissão de Redação do ‘texto original’ do Documento viria a ser Papa”⁸⁷.

1.3 Igreja em saída à luz do Documento de Aparecida

A proposta de *Igreja em saída*, que posteriormente foi sistematizada pelo papa Francisco, foi se desenvolvendo paulatinamente em cada experiência vivida por Bergoglio. Embora a expressão *Igreja em saída* ainda não apareça explicitamente, somos capazes de demonstrar alguns de seus indícios no Documento de Aparecida.

Podemos apontar como germe do que seria a posterior *Igreja em saída* o uso, no Documento de Aparecida, da expressão *ir ao encontro* como tarefa primordial do discípulo missionário. “Necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de ‘sentido’, de verdade e de amor, de alegria e de esperança!” (DAp, n. 548). Trata-se de um grande impulso missionário de ir encontrar as pessoas lá onde a vida delas acontece, imitando a prática missionária do próprio Jesus que viveu na itinerância da missão. *Ir ao encontro* das pessoas para lhes comunicar a nossa alegria de nos ter encontrado com Jesus Cristo. “A experiência de Deus é indicada no Documento Conclusivo de Aparecida como eixo fundamental da missão da Igreja e de cada discípulo de Jesus”⁸⁸.

Os discípulos missionários “promovem uma cultura do compartilhar em todos os níveis [...] assumindo com seriedade a virtude da pobreza como estilo de vida sóbrio para ir ao encontro e ajudar as necessidades dos irmãos que vivem na indigência” (DAp, n. 540). O que se propõe aos discípulos missionários é um estilo de vida sóbrio, que assuma a pobreza como

⁸⁵ BRIGHENTI, 2016. p. 675.

⁸⁶ BRIGHENTI, 2016. p. 675.

⁸⁷ BRIGHENTI, 2016, p. 676.

⁸⁸ “La experiencia de Dios se señalada em el Documento Conclusivo de Aparecida como el eje fundamental de la misión de la Iglesia y de todo discípulo e discípula de Jesús”. SÁNCHEZ ESPINOZA, Víctor. El gran reto de la Misión Continental em América Latina. In: PONTIFICIA COMMISSIO PRO AMERICA LATINA. *Aparecida 2007: Luces para América Latina*. Ciudad de Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008. p. 275-294. p. 280.

virtude, para viver a solidariedade com os mais pobres ofertando a eles o nosso maior tesouro que é o Evangelho de Jesus Cristo.

A proposta do Documento de Aparecida exige um deslocar-se, sair do comodismo, sair dos nossos templos e liturgias tão limpos e organizados, e tomar a iniciativa de “sair em busca de todos os batizados que não participam na vida das comunidades cristãs” (DAp, n. 168) e de todos aqueles que ainda não se encontraram com Deus.

Mas vale a pena perguntar: Por que esta missão? Será esta uma reação desesperada da Igreja ao “êxodo” dos católicos em direção a novos grupos e movimentos religiosos emergentes? Ou será talvez um ataque de proselitismo, a fim de ganhar seguidores para a Igreja? Conceber a missão desta forma seria distorcer a sua natureza mais profunda, embora não esteja excluída a tentação de compreendê-la assim.⁸⁹

Com todos estes questionamentos levantados por Víctor Sánchez Spinoza, arcebispo de Puebla, nos perguntamos sobre o verdadeiro desafio da missão enquanto ir ao encontro das pessoas. Sánchez Spinoza responde⁹⁰ a este questionamento com as palavras do próprio Documento de Aparecida, afirmando que o principal desafio que enfrentamos é: “mostrar a capacidade da Igreja para promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem por toda parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo [...] anunciando e comunicando a todos” (DAP, n. 14). O arcebispo de Puebla recorda que o norte da missão é sempre o estabelecimento do Reino de Deus no coração de cada pessoa e de toda a família humana⁹¹.

Para estabelecer pontos de aproximação entre o Documento de Aparecida e o conceito *Igreja em saída* proposto pela exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, estabelecemos uma chave hermenêutica composta de três pontos visando delimitar a pesquisa, sem a pretensão de esgotar o assunto. A seguir refletiremos sobre três pontos basilares para o Documento de Aparecida: discípulos missionários, conversão pastoral, opção pelos pobres.

1.3.1 Discípulos missionários

O binômio discípulo missionário aparece no texto mais de uma centena de vezes. A expressão discípulos missionários já está presente no primeiro capítulo como subtema, mas é

⁸⁹ “Pero cabe preguntarse: ¿Para qué esta misión? ¿Se trata de una reacción desesperada de la Iglesia ante el “éxodo” de católicos hacia los nuevos grupos y movimientos religiosos emergentes? ¿O será acaso un embate proselitista, en aras de ganar adeptos para la Iglesia? Concebir así la misión sería distorsionar su naturaleza más profunda, aunque no se descarta la tentación de entenderla de esa manera” (SÁNCHEZ ESPINOZA, 2008, p. 277).

⁹⁰ SÁNCHEZ ESPINOZA, 2008, p. 277.

⁹¹ SÁNCHEZ ESPINOZA, 2008, p. 282.

no segundo capítulo que o binômio ganha a centralidade da reflexão. O teólogo Paulo Suess afirma, na obra *Dicionário de Aparecida*, a unidade semântica do binômio discípulos missionários:

‘Discipulado e missão são como as duas faces da mesma moeda’ (146) [DAp, n. 146]. Esse discipulado na vida comunitária e a atividade missionária se fortalecem através do encontro com Jesus na intimidade (154) [DAp, n. 154]. ‘Ao chamar os seus para que o sigam, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: anunciar o evangelho do Reino’ (144, cf. 204) [DAp, n. 144, 204]. Todo discípulo é missionário (144) [DAp, n. 144] ‘em virtude de seu batismo’ (10, 160, 186) [DAp, n. 10, 160, 186] e de sua ‘vocação batismal’ (505) [DAp, n. 505], e todos os fiéis ‘são chamados a ser discípulos e missionários de Jesus Cristo’ (10, cf. 349, 460) [DAp, n. 10, 349, 460] e a entrar ‘na comunhão trinitária na Igreja’ (153) [DAp, n. 153].⁹²

Segundo o Documento de Aparecida, não tem como separar o ser discípulo do ser missionário. Seguindo o itinerário do Evangelho de Marcos 3, 14 (DAp, n. 154), tudo começa no encontro pessoal com Jesus Cristo, que antes nos chama para estar com Ele e depois nos envia em missão. Pelo batismo recebido no seio de uma comunidade de fé, o discípulo missionário é chamado a viver em comunhão na comunidade dos batizados.

Os discípulos missionários precisam tomar consciência de que vivemos “uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural” (DAp, n. 44). Neste contexto de instabilidade e crise próprio do contexto de mudança de época, também a religião entra em crise. “Aparece uma grande crise da prática religiosa institucional que abateu especialmente o cristianismo. [...] o catolicismo tem vindo a decair ao longo dos anos, assistindo-se, assim, [...] a ‘uma Igreja de ‘atonia’ [debilitada], sem grande vitalidade nem criatividade e sobretudo sem credibilidade nem atratividade”⁹³. É na opção pela missão que a Igreja sairá da inércia e se tornará atrativa aos homens e mulheres de hoje. Na medida em que o Evangelho é posto em contato com a vida das pessoas, a Igreja, enquanto comunidade de fé, vai retomando sua vitalidade.

Diante da realidade daqueles que se declaram cristãos, mas dizem não pertencer a nenhuma denominação cristã, o Documento de Aparecida assegura: “A vocação ao discipulado missionário é convocação à comunhão em sua Igreja. Não há discipulado sem comunhão” (DAp, n. 156). A missão do discípulo missionário “não é tarefa aventureira e voluntarista de pessoas dispersas, mas no seio de uma comunidade concreta, a sua Igreja”⁹⁴.

⁹² DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS. In: SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida*: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção comunidade e missão). p. 35-36.

⁹³ VALE, Nelson Dias do. *O sonho de uma Igreja missionária*: Reflexão Pastoral a partir do Documento de Aparecida e da *Evangelii Gaudium*. 91 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2023. p.15.

⁹⁴ BRIGHENTI, 2008b, p. 79.

1.3.1.1 O processo de formação dos discípulos missionários

O Documento de Aparecida faz uma clara opção pela formação dos membros da comunidade. “O discípulo é alguém apaixonado por Cristo, a quem reconhece como mestre que conduz e acompanha” (DAp, n. 277). No processo de formação dos discípulos missionários o documento aponta cinco aspectos:

- a) O Encontro com Jesus Cristo. É o que dá origem à iniciação cristã. “Esse encontro deve renovar-se constantemente pelo testemunho pessoal, pelo anúncio do querigma e pela ação missionária da comunidade” (DAp, n. 278).
- b) A conversão, “a resposta inicial de quem escutou o Senhor [...] decide ser seu amigo e ir após ele” (DAp, n. 278). Trata-se da mudança de mentalidade daqueles que se encontraram com o Senhor e lhe responderam afirmativamente.
- c) O discipulado. “A pessoa amadurece constantemente no conhecimento, amor e seguimento de Jesus Mestre” (DAp, n. 278). Isso supõe uma “catequese permanente e a vida sacramental” (DAp, n. 278). No cristianismo o caminho do discipulado não termina, um só é o Mestre e Senhor (Mt 23, 8).
- d) A Comunhão. “Não pode existir vida cristã fora da comunidade” (DAp, n. 278). É próprio da identidade cristã viver em comunhão, é justamente na comunidade que se exercita e se aprimora o ser cristão.
- e) A missão. “O discípulo [...] experimenta a necessidade de compartilhar com outros a sua alegria de ser enviado, de ir ao mundo para anunciar Jesus Cristo [...] e tornar realidade o amor e o serviço na pessoa dos mais necessitados” (DAp, n. 278). A missão é o transbordamento do coração repleto da alegria do encontro pessoal com Jesus Cristo. Para o Documento de Aparecida a missão e o discipulado caminham juntos, são etapas simultâneas (DAp, n. 278).

1.3.1.2 Critérios gerais da formação dos discípulos missionários

O Documento de Aparecida elenca critérios gerais que devem ser respeitados na formação dos discípulos missionários. Tais critérios apresentados são os seguintes:

- a) Uma formação que seja integral, querigmática e permanente. A formação continuada se orienta para propiciar o encontro com Cristo, é integral porque busca harmonizar todas as dimensões humanas. “Na base dessas dimensões está a força do anúncio

querigmático” (DAp, n. 279), ou seja, no fundamento sempre está o encontro com Cristo Ressuscitado.

- b) Uma formação que seja atenta às dimensões diversas. Pensando a complexidade da pessoa humana a formação deve buscar a integração das suas diversas dimensões. “Trata-se da dimensão humana comunitária, espiritual, intelectual, comunitária e pastoral-missionária” (DAp, n. 280).
- c) Uma formação que respeite os processos. Quem se encontrou com Jesus Cristo tem no coração o desejo de viver à altura da vida nova em Cristo. No entanto, o processo de identificação com Jesus Cristo e sua missão “é um caminho longo e requer itinerários diversificados, respeitosos dos processos pessoais e dos ritmos comunitários, contínuos e graduais” (DAp, n. 281).
- d) Uma formação que contempla o acompanhamento dos discípulos e discípulas. Dentro da proposta de uma Igreja toda ministerial, o Documento de Aparecida compreende que cada “setor do Povo de Deus pede que a pessoa seja acompanhada e formada de acordo com a peculiar vocação e ministério para o qual tenha sido chamada” (DAp, n. 282). Tal critério requer capacitação adequada para aqueles que acompanham a formação dos discípulos missionários.
- e) Uma formação na espiritualidade da ação missionária. Sabemos que “a vida no Espírito não nos fecha em intimidade cômoda e fechada, mas sim nos torna pessoas generosas e criativas, felizes no anúncio e no serviço missionário” (DAp, n. 285). O *ir ao encontro* das pessoas é o deixar-se conduzir pelo Espírito, o mesmo Espírito que impelia todo o ser de Jesus.

1.3.2 Conversão pastoral

“O coração da reforma proposta em Aparecida é, como se sabe, o da conversão pastoral”⁹⁵. A conversão pastoral há de resultar na necessária reforma das estruturas eclesiais que já não respondem aos desafios do evangelizar na atualidade. A “Conferência de Santo Domingo irá falar de ‘conversão pastoral’ da igreja e, Aparecida, além desta, também de ‘conversão eclesial’ ou de reforma das estruturas da igreja, que segundo os Bispos, muitas delas

⁹⁵“Il cuore della riforma proposta da Aparecida è, com’è noto, quello della conversione pastorale”. LA BELLA, Gianni. L’America Latina e il laboratorio argentino. In: RICCARDI, Andrea. *Il cristianesimo al tempo di papa Francesco*. Roma: Anticorpi & Laterza, 2018. p. 38-60. p. 52.

caducas”⁹⁶. A conversão pastoral, que entendemos ser sinônima da conversão eclesial, exige da Igreja discernir o que é essencial na evangelização e abrir mão de todo supérfluo, demonstrando assim que se deixa conduzir pelo Espírito Santo que é capaz de fazer novas todas as coisas (cf. Ap 21, 5). É preciso “abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (DAp, n. 365).

Para descobrir o que é essencial e aquilo que pode ser deixado para traz, é sempre necessário um sincero exercício de autocrítica por parte da Igreja enquanto instituição. “O ‘texto original’ do Documento de Aparecida, em várias passagens, registrava uma autocrítica da igreja em relação a vários assuntos relativos à sua trajetória histórica”⁹⁷. Realizar o exercício de autocrítica é ser realista o suficiente para admitir erros do passado, tarefa tão sofrida para uma instituição milenar que por muito tempo se entendia a única e absoluta detentora da Verdade.

As dificuldades de realizar uma autocrítica na Igreja se manifestaram também no Documento de Aparecida. Como já referido, no discurso inaugural o papa Bento XVI tentou isentar a Igreja de erros cometidos durante a evangelização na América Latina. Tal postura do papa desde o discurso inaugural, pensando na índole conciliatória do Documento de Aparecida, impediu “no texto final uma autocrítica da trajetória histórica da Igreja no continente”⁹⁸.

A conversão pastoral deve levar nossas comunidades eclesiais à “atitude de abertura, diálogo e disponibilidade para promover a co-responsabilidade e participação efetiva de todos os fiéis na vida das comunidades cristãs” (DAp, n. 368). O Documento de Aparecida, baseado na proposta de uma Igreja toda ministerial, como propôs o Concílio Vaticano II, destaca a urgência na promoção da participação efetiva de todos os batizados como corresponsáveis pela evangelização. Mas, para que todos os fiéis possam se sentir efetivamente corresponsáveis pela Igreja, é necessária uma reforma das estruturas eclesiais, de tal forma que seja valorizada a dignidade batismal. “Há também pecados estruturais, que requerem permanente conversão da instituição, mudanças em suas estruturas”⁹⁹. Sem mudanças estruturais as necessárias mudanças não se consolidarão em caminhos de renovação da Igreja.

Entendendo que as estruturas estão à serviço das pessoas e não o contrário, o Documento de Aparecida nos apresenta uma chave para a reforma das estruturas eclesiais obsoletas: “Não há novas estruturas se não há homens novos e mulheres novas que mobilizem e façam convergir nos povos ideais e poderosas energias morais e religiosas. Formando discípulos e missionários,

⁹⁶ BRIGHENTI, 2016, p. 677.

⁹⁷ BRIGHENTI, 2016, p. 678.

⁹⁸ BRIGHENTI, 2008b, p. 35.

⁹⁹ BRIGHENTI, 2016, p. 679.

a Igreja dá resposta a essa exigência” (DAp, n. 538). Priorizar a formação inicial e permanente dos discípulos missionários é a chave que precisamos para desencadear uma verdadeira conversão pastoral que atinja “a vida eclesial na sua totalidade: modos de pensar, relações, estruturas, métodos pastorais, linguagens, etc”¹⁰⁰.

O Documento de Aparecida aponta para o protagonismo eclesial de todos os batizados. Aos leigos e leigas não deve ser negado o direito de participar do planejamento, das tomadas de decisões, das execuções das atividades (DAp, n. 371). Sobre as paróquias afirma-se que devem ser o lugar onde se assegura prioritariamente a iniciação cristã. Às paróquias cabem a função de: “iniciar na vida cristã os adultos batizados e não suficientemente evangelizados; educar na fé as crianças batizadas em um processo que as leve a completar sua iniciação cristã, iniciar os não batizados que, havendo escutado o *querigma*, querem abraçar a fé” (DAp, n. 293).

Se aconselha ainda, a setorização da paróquia em unidades territoriais menores, para promover a proximidade entre grupos que vivem numa mesma região (DAp, n. 372). A setorização paroquial favorece o surgimento de comunidades mais autônomas e descentralizadas, permitindo a diversificação dos ministérios e promovendo a corresponsabilidade de todos os batizados. Tal “renovação paroquial como a passagem ‘da paróquia centrada no padre, nos sacramentos e na matriz, onde se atende as massas dos fiéis, para a multiplicidade de comunidades menores, esparramadas pelo meio do povo, onde seja possível o processo de discipulado’”¹⁰¹.

A Igreja, segundo o Documento de Aparecida, deve aprender a *sair ao encontro* da humanidade com a ternura de mãe, que acolhe e convida à comunhão (DAp, n. 370). O *sair ao encontro* e o permanecer junto as pessoas nas periferias circundantes, este é o caminho da conversão pastoral que pode tornar a Igreja relevante à humanidade atual. No fundo, “Aparecida entende a conversão pastoral como a passagem de uma ‘pastoral de cristandade, de sacramentalização, de conservação, a uma pastoral de pós-cristandade, evangelizadora’”¹⁰².

1.3.3 Opção pelos pobres

Perpassando a tradição eclesial latino-americana e caribenha, nas conferências gerais de Medellín à Aparecida, não poderia ficar de lado a opção pelos pobres. Libanio apontou que a opção pelos pobres foi adjetivada no Documento de Aparecida: “Conservou-se verbalmente a

¹⁰⁰ SÁNCHEZ ESPINOZA, 2008, p. 285.

¹⁰¹ VALE, 2023, p. 28.

¹⁰² VALE, 2023, p. 17.

expressão ‘opção preferencial pelos pobres’, quase sempre usada sob tal forma, embora algumas vezes se omitiu o adjetivo ‘preferencial’ e noutra se apôs o termo ‘evangélica’[...] Esqueceu-se, porém, que o silêncio e a vaguidade também são ideológicos”¹⁰³.

O Documento de Aparecida menciona o papa Bento XVI, que se referiu diretamente à opção pelos pobres, no discurso inaugural da quinta conferência geral, como uma opção cristológica (DAp, n. 392). Embora delineando o horizonte da conferência geral, com sua fala o papa Bento XVI legitimou as posteriores reflexões sobre a opção pelos pobres de um modo inquestionável, ou seja, na sua legitimidade cristológica. O arcebispo Víctor Sánchez Espinoza nos revela que no Documento de Aparecida estão indicados dois lugares fundamentais onde podemos fazer a experiência de Deus: na pessoa de Jesus, através de sua Palavra, da contemplação na oração e na recepção dos sacramentos; e na pessoa do próximo, que é “sacramento” vivo de Cristo, cujo serviço a eles por amor é serviço de amor a Cristo¹⁰⁴.

A reflexão sobre a opção pelos pobres no Documento de Aparecida enfrentou inúmeras resistências, e dentre as alterações que apareceram no documento oficial temos justamente aquelas que se referem a este tema. “Sempre que o texto se referia à ‘opção pelos pobres’, acrescentou-se: ‘Ela, não obstante, não é nem exclusiva, nem excludente’ (DAp, n. 392)”¹⁰⁵.

Na terceira parte do Documento de Aparecida, intitulada “A vida de Jesus Cristo para nossos povos”, que é o trecho correspondente à etapa agir, ao discutir sobre a dignidade humana o documento apresenta os novos rostos dos pobres, são eles:

[...] os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os trabalhadores das minas. (DAp, n. 402)

De modo preferencial, é para estes pobres que deve estar voltado o agir pastoral dos discípulos missionários. “O povo pobre das periferias urbanas ou do campo necessita sentir a proximidade da Igreja, seja no socorro de suas necessidades mais urgentes, como também na

¹⁰³ LIBANIO, 2007, p. 135.

¹⁰⁴ SÁNCHEZ ESPINOZA, 2008, p. 280.

¹⁰⁵ BRIGHENTI, 2016, p. 682.

defesa de seus direitos e na promoção comum de uma sociedade fundamentada na justiça e na paz” (DAp, n. 550).

O documento ainda denuncia que surgem cada vez mais novas formas de empobrecimento e exclusão (DAp, n. 522). “Ampliou-se o conceito de pobreza para o campo do conhecimento, do uso e acesso a novas tecnologias”¹⁰⁶. Os pobres, que antes enfrentavam o analfabetismo, veem agora somado a este velho problema a novidade do analfabetismo digital.

Ainda sobre a dimensão cristológica da opção preferencial pelos pobres destacamos:

O encontro de Jesus nos pobres, que nos evangelizam, exige nosso compromisso. Desse compromisso surge nossa opção pelos pobres, que faz parte do anúncio explícito do Evangelho (217) [DAp, n. 217] e ‘nos faz amigos dos pobres e solidários com seu destino’ (257) [DAp, n. 257]. ‘A opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres’, que na vida cotidiana ‘se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana’ (398) [DAp, n. 398]. ‘A opção preferencial pelos pobres (...) marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha’ (391, cf. 398) [DAp, n. 391, 398].¹⁰⁷

No Documento de Aparecida, ainda que com certas ressalvas, o pobre volta a ser o lugar teológico que caracteriza as opções pastorais e a fisionomia da Igreja Latino-Americana. Ligada a opção preferencial pelos pobres está a Teologia da Libertação, enquanto Teologia latino-americana, e sobre ela o Documento de Aparecida se cala. “Ela não é mencionada no texto. E o termo libertação é usado poucas vezes e com outras conotações, diferentes da tradição teológica latino-americana”¹⁰⁸. Numa demonstração de que o clima de desconfiança sobre a Teologia da Libertação ainda permanece presente. No entanto, o Documento de Aparecida insiste na “urgência da ‘conversão de toda a Igreja para a opção preferencial pelos pobres, em vista a sua libertação integral’”¹⁰⁹.

Deve ser uma constante a preocupação de que “nossa opção pelos pobres corre o risco de ficar em plano teórico ou meramente emotivo, sem verdadeira incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões” (DAp, n. 397). Outro risco ainda é o de pensar a opção pelos pobres numa linha assistencialista, ou paternalista. Ao contrário disso, o que se deseja é uma evangelização integral, que recuperando a dignidade humana dos pobres, veja em cada um deles protagonistas da transformação social e da construção do Reino de Deus. A Igreja na América Latina e Caribe demonstra suas características peculiares e conseqüentemente “com a opção pelos pobres, adquire um rosto profético e libertador, em torno das comunidades eclesiais

¹⁰⁶ LIBANIO, 2007, p. 112.

¹⁰⁷ SUESS, 2007, p. 108.

¹⁰⁸ LIBANIO, 2007, p. 110.

¹⁰⁹ VALE, 2023, p. 24.

de base, da leitura popular da Bíblia, da pastoral social, da teologia da libertação e aos mártires das causas sociais”¹¹⁰.

A opção pelos pobres não pode ser apenas um discurso academicista, mas deve encarnar nosso jeito de ser Igreja, uma Igreja que se faz pobre com os pobres. Quando o Documento de Aparecida fala sobre a missão *ad gentes*, afirma: “Somos Igrejas pobres, mas ‘devemos dar a partir de nossa pobreza e a partir da alegria de nossa fé’” (DAp, n. 379). Um chamado a compartilharmos bens espirituais e materiais com outras Igrejas, um chamado a corresponsabilidade na missão universal.

“Na religiosidade popular o povo adora este ‘Deus próximo dos pobres e dos que sofrem’ [...], e se consola com ‘sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos’”¹¹¹. Uma Igreja que faz a opção pelos pobres há de aderir à religiosidade popular, como uma verdadeira “religião do povo”, que é “parte de uma ‘originalidade histórica cultural’ dos pobres deste Continente, e fruto de ‘uma síntese entre as culturas e a fé cristã’” (DAp, n. 264). Uma espiritualidade popular de resistência, que tantas vezes não encontra acolhida dentro dos parâmetros da religiosidade tradicional.

O Documento de Aparecida retoma a tradição teológica latino-americana e se torna um convite a “manter com renovado esforço a nossa opção preferencial e evangélica pelos pobres”¹¹².

1.3.4 Incidência do Documento de Aparecida na Igreja em saída

A Conferência de Aparecida fez uma clara opção missionária, opção de *ir ao encontro* das pessoas nas diversas realidades. “Para uma evangelização realmente nova [...] Aparecida sugere um itinerário de evangelização e de renovação, com base na formação de discípulos missionários, à luz da opção preferencial pelos pobres”¹¹³. Se a Igreja conseguir virar a chave missionária, então conseguirá reencontrar seu lugar no mundo atual, pois terá atingido o coração dos homens e mulheres.

A importância do Documento de Aparecida vai muito além do documento oficial, além do que está explicitamente escrito, o documento abre perspectivas de reflexões que ficaram nas entrelinhas do texto. “O Documento de Aparecida é parte de um processo já existente na

¹¹⁰ BRIGHENTI, 2016, p. 681.

¹¹¹ SUESS, 2007, p. 107.

¹¹² LIBANIO, 2007, p. 145.

¹¹³ VALE, 2023, p. 18.

América Latina e no Caribe. O texto do documento é suficientemente aberto e iluminador a ponto de disponibilizar caminhos para quem quer continuar a trilhar a estrada traçada pelas Conferências anteriores”¹¹⁴. O Documento de Aparecida permite iniciar ou dar prosseguimentos a processos eclesiais que estavam estagnados na Igreja na América Latina e Caribe.

Nos idos de 2007, Libanio profetizou: “Se o texto não tem nenhuma faísca especial, constrói, porém, uma síntese, que, como tal, carrega possibilidades até agora não tentadas. [...] Aparecida não terminou totalmente [...] Que Aparecida nos venha mais uma vez despertar para o realismo histórico de Jesus e da Igreja!”¹¹⁵. O experiente Libanio conseguiu enxergar para além do Documento de Aparecida. Diante da possibilidade de uma nova conferência geral o papa Francisco optou por convocar, para novembro de 2021, não uma nova conferência geral, mas a Primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe. Com a convocação da primeira assembleia eclesial, o papa pediu que fosse feita uma reflexão, com metodologia sinodal, acerca dos novos desafios da evangelização no continente latino-americano à luz do Documento de Aparecida, que foi apontado como instrumento de relevância para evangelização na atualidade. Como afirmou Libanio, o Documento de Aparecida ainda não terminou totalmente.

O estudioso do pensamento do papa Francisco, Agenor Brighenti, chega a acreditar que praticamente tudo aquilo que outrora foi censurado no Documento de Aparecida, está agora incluso no programa de governo, nos documentos e nos pronunciamentos do bispo de Roma¹¹⁶. Um exemplo deste aspecto podemos citar no que se refere à valorização da realidade histórica no fazer Teologia, se “para os censores do Documento de Aparecida, os pressupostos são mais importantes que o contexto histórico, para o papa Francisco, a realidade é mais importante do que a ideia”¹¹⁷.

O primeiro papa latino-americano leva para o centro um jeito de ser Igreja das periferias, do sul do mundo. “É o ‘papa do fim do mundo’, fazendo soprar desde a periferia os ‘ventos do Sul’ no coração da Igreja como um todo. Trata-se da afirmação da tradição eclesial libertadora da Igreja na América Latina, antes sob suspeição e, agora, reconhecida e enriquecendo a Igreja inteira”¹¹⁸.

¹¹⁴ HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. O referencial teológico do Documento de Aparecida. *Telecomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 157, p. 319-336, set. 2007. p. 336.

¹¹⁵ LIBANIO, 2007, p. 167.

¹¹⁶ BRIGHENTI, 2016, p. 673-674.

¹¹⁷ BRIGHENTI, 2016, p. 691.

¹¹⁸ BRIGHENTI, Agenor. (Org.). *Os ventos sopram do sul: O Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção bispo de Roma). p. 17.

De modo enfático, disse Brighenti: “Aliás, certamente não haveria papa Francisco sem Aparecida, seja por ter contribuído muito com seu êxito, seja por ter assumido suas conclusões, que significam o resgate da renovação do Vaticano II, na perspectiva de Medellín”¹¹⁹. Percebemos que as conclusões do Documento de Aparecida se demonstram presentes no exercício do magistério petrino de Francisco, não como alguém que deseja repetir um projeto que deu certo no passado, mas como alguém que tem consciência de um modelo eclesial mais fiel ao Evangelho. Sobre a abrangência e atualidade do Documento de Aparecida um de seus peritos, o teólogo Carlos María Galli, ratifica nossa reflexão com as seguintes palavras: “Com a eleição do Papa Francisco, a V Conferência de Aparecida adquiriu então uma dimensão não apenas continental, mas universal. Não no sentido de que “se exporte um modelo latino-americano, mas de que cada Igreja assuma a missão no seu tempo e lugar”¹²⁰.

1.4 *Introversão eclesial* segundo o Documento de Aparecida

Para elucidar o que é o conceito *Igreja em saída* pode ser vantajoso explicar o que ela não é. A *introversão eclesial*, que é uma expressão que possui existência própria, se apresenta como o contrário da expressão *Igreja em saída*. Apresentaremos um breve histórico da *introversão eclesial*, e a seguir, evidenciaremos elementos que demonstram sua presença no Documento de Aparecida.

1.4.1 A *introversão eclesial*

Normalmente é mais fácil perceber a manifestação da *introversão eclesial* nos momentos de reformas, ou de grandes mudanças que a Igreja passou ao longo dos séculos. A *introversão eclesial* é o último suspiro de estruturas e mentalidades falidas que teimam em resistir e demonstrar sua pertinência, diante dos processos de inovação. Dada a amplitude da história da Igreja, nos deteremos a investigar determinados aspectos da expressão *introversão eclesial* a partir do Concílio Vaticano II.

O autor latino-americano Juan Noemi Callejas traçou um paralelo entre *extroversão eclesial*, que seria segundo ele, a proposta eclesial do Concílio Vaticano II, e a *introversão*

¹¹⁹ BRIGHENTI, 2019, p.13.

¹²⁰ “[...] venga esportato un modello latinoamericano, ma che ogni Chiesa assuma la missione nel suo tempo e luogo”. GALLI, Carlos María. *La teología pastoral de Evangelii Gaudium en el proyecto misionero de Francisco*. *Revista Teología*, Buenos Aires, tomo L, n. 114, p. 23-59, agosto 2014. p. 37-38.

eclesial, enquanto proposta eclesial pré ou anti Concílio Vaticano II. Doutor em Teologia pela Universidade de Münster, o teólogo chileno Juan Noemi fez história ao se tornar o primeiro leigo a assumir uma cátedra como professor titular da Universidade Católica do Chile e por desenvolver “uma teologia esperançosa do ‘sinais dos tempos’”¹²¹.

Juan Noemi no “caminho aberto pelo Concílio, subscreve a preocupação de estar atento e de pensar nos sinais dos tempos”¹²². E para pensar os sinais dos tempos e interpretá-los teologicamente, Juan Noemi sempre insistiu na necessidade e urgência da mediação filosófica. Chegou a alertar criticamente que “a falta de reflexão filosófica com raízes latino-americanas implicava muitas vezes um uso acríptico das necessárias mediações socioanalíticas”¹²³ tão caras à Teologia da Libertação.

Em artigo intitulado *Por uma teologia da evangelização na América Latina*, datado de 1995, Juan Noemi destaca que sua reflexão se delimita tendo como ponto de referência o Chile. No mencionado artigo se sobressai, na linha de pensamento do Concílio Vaticano II, a leitura dos sinais dos tempos na valorização da historicidade, catolicidade, criatividade e a importância da filosofia na reflexão teológica em prol da evangelização na América Latina. Os elementos destacados encontram eco na seguinte citação:

Quando Paulo VI, no final do Concílio Vaticano II, apresentou aos bispos latino-americanos ‘um estado de fraqueza orgânica’ do nosso catolicismo e apelou ‘que a fé do povo latino-americano deve ainda atingir a sua plena maturidade de desenvolvimento’, não se trata do clamor de um intelectual de escritório, mas sim a percepção de um pastor clarividente que sabe que a fé em Jesus do evangelho implica inevitavelmente pensar nele como *Logos* e pensar em si mesmo como destinatários ativos deste dom.¹²⁴

Justamente reverberando as palavras do papa Paulo VI, Juan Noemi legitima sua defesa da filosofia na reflexão teológica do *Logos*, ao mesmo tempo que propõe de modo inovador o binômio *extroversão eclesial versus introversão eclesial*.

¹²¹ “[...] una esperanzada teología de ‘los signos de los tiempos’”. PARRA, Fredy. *In memoriam. Juan Noemi Callejas (1942-2017): Teólogo laico al servicio de una esperanzada teología de ‘los signos de los tiempos’*. *Teología y Vida*, Chile, v. 58, n. 2, p. 263-266, 2017. p. 263.

¹²² “En la senda abierta por el Concilio hace suya la preocupación por atender y pensar los signos de los tiempos” (PARRA, 2017, p. 264).

¹²³ “Al mismo tiempo, advirtió críticamente que la carencia de una reflexión filosófica de raigambre latinoamericana implicó muchas veces un uso acríptico de las necesarias mediaciones socioanalíticas” (PARRA, 2017, p. 266).

¹²⁴ “Cuando Pablo VI, al terminar el Concilio Vaticano II, les hacía presente a los obispos latino americanos ‘un estado de debilidad orgánica’ de nuestro catolicismo y llamaba a ‘que la fe del pueblo latinoamericano debe alcanzar todavía su plena madurez de desarrollo’, no se trata del clamor de un intelectual de escritorio, sino de la percepción de un pastor clarividente que sabe que la fe en Jesús como evangelio implica insoslayablemente pensarlo como *Logos* y pensarse como receptores activos de este don”. NOEMI CALLEJAS, Juan. *Hacia una teología de la evangelización en América Latina*. *Teología y Vida*, Chile, v. 36, p. 203-224, 1995. p. 208.

Na verdade, a extroversão eclesial, consciente e explicitamente assumida no Vaticano II, procurou pôr fim à marca da introversão eclesial ante o mundo moderno determinada por Trento e pelo Vaticano I, e, de fato, abriu um espaço sem precedentes para o catolicismo latino-americano se desenvolver e refletir sobre si mesmo, para assumir o próprio espaço e tempo como reais.¹²⁵

O teólogo chileno explica que por *extroversão eclesial* podemos compreender a eclesiologia assumida pelo Concílio Vaticano II, enquanto a *introversão eclesial* seria a postura anticoncílio e antimodernidade. Sobre a *extroversão eclesial* Juan Noemi aponta que sua concretização só ocorrerá quando houver a superação da polaridade Igreja-mundo, como se estes fossem realidades totalmente diversas. No Concílio Vaticano II, temos um caminho de superação da polaridade Igreja-mundo iniciado pela constituição pastoral *Gaudium et spes*. Com elevada criticidade Juan Noemi destaca: “O Vaticano II, porém, não consegue assumir plenamente o desafio que a mundanidade representa para uma eclesiologia extrovertida”¹²⁶. O termo mundanidade aqui deve ser entendido como tudo aquilo que se refere ao mundo, na linha de superação da distinção Igreja-mundo como realidades díspares ou irreconciliáveis.

Passados dez anos da publicação do artigo *Por uma teologia da evangelização na América Latina* (1995), Juan Noemi escreve numa nota¹²⁷ comentando o livro intitulado *O futuro dos católicos latino-americanos*, onde reafirma sua reflexão sobre o binômio *extroversão eclesial* versus *introversão eclesial*. Ainda na nota, o teólogo chileno, deixa transparecer que na Europa se viveu no pós-Concílio Vaticano II uma *introversão eclesial*, uma espécie de “vazio ou recesso teológico”¹²⁸. Enquanto que na América Latina aconteceu uma recepção mais efetiva do Concílio Vaticano II em prol da construção da *extroversão eclesial*, no rumo “de um horizonte aberto que projete um cristianismo especificamente católico, isto é, universal e segundo o todo”¹²⁹.

¹²⁵ “De hecho, la extroversión eclesial, consciente y explícitamente asumida en el Vaticano II, pretendió terminar con la impronta de introversión eclesial ante el mundo moderno determinada por Trento y el Vaticano I, y, de hecho, le abrió un espacio inédito al catolicismo latinoamericano para reflexionar sobre sí mismo, para asumir su propio espacio y tiempo como reales” (NOEMI CALLEJAS, 1995, p. 208).

¹²⁶ “El Vaticano II, sin embargo, no logra asumir plenamente el desafío que representa la mundanidad para una eclesiología extrovertida” (NOEMI CALLEJAS, 1995, p. 220).

¹²⁷ NOEMI CALLEJAS, Juan Noemi. El porvenir de los católicos latinoamericanos. Una reflexión elemental. *Teología y Vida*, Chile, v. 46, p. 105-110, 2005.

¹²⁸ “[...] vacío o recesso teológico” (NOEMI CALLEJAS, 2005, p. 105).

¹²⁹ “[...] un horizonte abierto que proyecta un cristianismo concretamente católico, es decir, universal y según el todo” (NOEMI CALLEJAS, 2005, p. 107)

1.4.2 A *introversão eclesial* no Magistério

O papa João Paulo II, com a proposta dos sínodos continentais, pode ser interpretado, devido a algumas de suas escolhas, como alguém que promoveu a ideia do centralismo romano, que, em si, é uma expressão da *introversão eclesial*. Deixadas de lado as controvérsias, fato é que ao tratar do tema da nova evangelização na exortação pós-sinodal *Ecclesia in Oceania*, o papa João Paulo II usa o termo *introversão eclesial*, ao falar especificamente dos agentes da evangelização. Vejamos:

A nova proclamação de Cristo deve brotar duma renovação interior da Igreja e, vice-versa, toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de *introversão eclesial*. Cada aspecto da missão da Igreja no mundo deve partir duma renovação que derive da contemplação do rosto de Cristo. Esta renovação, por sua vez, faz surgir novas estratégias pastorais.¹³⁰

O papa João Paulo II reafirma um contexto de renovação eclesial que só será possível em linha missionária, do contrário a Igreja cai na *introversão eclesial* como que numa reação inicialmente natural de autopreservação. O texto ainda impulsiona a inovação pastoral na busca de novas estratégias que devem brotar da contemplação do rosto de Cristo que nos impulsiona a missão. Com as referidas palavras o papa João Paulo II, mesmo não sendo o criador do neologismo, introduz nos documentos do Magistério o termo *introversão eclesial*.

A missão é apresentada pelo papa João Paulo II como a principal solução na superação da *introversão eclesial*, ao invés de se aquartelar a Igreja deve sair para anunciar a Boa Nova do Evangelho. O teólogo da Universidade Católica de Portugal, o professor João Duque, escreve, retomando as palavras do papa João Paulo II sobre a missão como remédio à *introversão eclesial*, demonstrando que a Igreja deve assumir cada vez mais a sua dimensão extrovertida.

A Igreja, porque portadora de um anúncio ou boa nova e como sacramento de Deus para todos os seres humanos, não pode ceder à tentação de ‘introversão’, pois assim torna-se infiel à sua mesma missão [...] a dimensão ‘extrovertida’ [...] da Igreja é constituinte fundamental do seu ser e do seu agir.¹³¹

¹³⁰ JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in Oceania*. 2001. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20011122_ecclesia-in-oceania.html. Acesso em: 19 out. 2023. n. 19.

¹³¹ DUQUE, João. João Paulo II: *In memoriam. Theologica*, Braga, v. 40, n. 1, p. 185-198, jan. 2005. p. 186.

João Duque prefere enfatizar a figura do papa João Paulo II como um líder extrovertido, que teria impulsionado a Igreja a vencer a *introversão eclesial* pela via da saída missionária. Com palavras carregadas de uma espécie de elogio fúnebre ao papa João Paulo II, assim se expressa João Duque, num de seus textos:

João Paulo II foi, sem dúvida, um papa ‘extrovertido’, que encarnou simbolicamente a fundamental característica ‘exotérica’ da Igreja, assumindo como primordial preocupação da sua existência, nas últimas décadas da sua vida variadíssima, o destino de todos os seres humanos, estejam em que situação estiverem¹³².

A introdução do termo *introversão eclesial* na exortação pós-sinodal *Ecclesia in Oceania*, se tornou a principal referência do Magistério sobre o assunto. Quando se menciona a *introversão eclesial* normalmente se faz referência às palavras do papa João Paulo II. A *introversão eclesial* é entendida na maioria das vezes como o fechamento da Igreja em si mesma, autorreferencialidade, autopreservação, antirreformas.

O papa Bento XVI não se expressou com as palavras *introversão eclesial*, mas o sentido da expressão se manifesta em alguns de seus escritos quando se menciona e denuncia a ditadura do relativismo, que prejudica a pregação da verdade do Evangelho em contraste com as verdades individuais¹³³. Nesta linha de reflexão o relativismo se torna uma das expressões de *introversão eclesial* quando a comunidade ou os indivíduos se fecham às reformas em nome de suas próprias verdades.

Já Francisco, recordando o papa João Paulo II, faz referência direta ao que seria a *introversão eclesial*. “Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceania, ‘toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial’” (EG, n. 27). O próprio papa Francisco endossa as palavras de seu antecessor ao se expressar sobre a *introversão eclesial*, fazendo uso do método de dizer o que não é a *Igreja em saída*, na expectativa de explicar melhor o que é o projeto de *Igreja em saída*.

O teólogo jesuíta Allan Figueroa Deck escreveu um artigo sobre os desafios que a *introversão eclesial* tem imposto ao pontificado de Francisco. A *introversão eclesial* se manifesta em diferentes grupos e de diversos modos, talvez o modo mais nocivo de todos seja aquele que silenciosamente vai minando as propostas de conversão pastoral. “Pior ainda, surgiu entre alguns líderes eclesiásticos uma espécie de silêncio benigno que mascara a mera tolerância

¹³² DUQUE, 2005, p. 186.

¹³³ BENTO XVI. *Homilia na Santa Missa “Pro Eligendo Romano Pontifice”*. 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html. Acesso em: 23 out. 2023.

desta liderança e uma agressão passiva latente contra as ações do Santo Padre na promoção da conversão pastoral e do caminho sinodal”¹³⁴.

Uma das causas da *introversão eclesial* no pontificado de Francisco é, segundo o jesuíta Allan Deck, a proveniência do atual pontífice, fato que por si só já é uma grande mudança no modo de operar da Igreja. O referido autor aponta que o momento atual é de rápidas evoluções:

Acredito que muitos, no entanto, continuam a experimentar uma sensação de perplexidade e desconforto crescente com a sua liderança, nove anos após o início do seu papado em rápida evolução. Para a Igreja, depois de séculos de defensiva, a introversão e a auto-referencialidade estão sendo desafiadas como nunca antes na sua história.¹³⁵

Vivemos um momento de desafios inéditos para esta Igreja de tradição milenar. E diante destes desafios uma das possíveis respostas, talvez a mais instintiva, é querer se agarrar às seguranças do passado através da *introversão eclesial*.

Para o papa Francisco, a postura adotada pela Igreja ao responder fielmente a esses eventos sem precedentes não pode ser a introversão eclesial, o colocar as carroças em círculo fortificado, o retrocesso nostálgico às práticas do passado. [...] Em vez de recuar para o passado, a Igreja deve promover energicamente o encontro, o que Francisco chama de “uma cultura do encontro”, um envolvimento fiel e corajoso, até mesmo amoroso, com o mundo e as realidades de hoje, por mais desconcertantes que sejam.¹³⁶

A *introversão eclesial* coloca a Igreja nos trilhos de um regresso ao passado, na busca de seguranças que já não existem mais. Enquanto a *Igreja em saída* se lança ao encontro das realidades atuais e se deixa interpelar por elas, sem medo de tomar a direção mais árdua em busca de novas sínteses, de respostas que sejam compatíveis com a evangelização no tempo presente.

¹³⁴ “Even worse, there has arisen among some ecclesiastical leaders a kind of benign silence that masks mere toleration of this leadership and a simmering passive aggression against the Holy Father’s actions in the promotion of pastoral conversion and the synodal way”. DECK, Allan Figueroa. Pope Francis and the Challenge of Ecclesial Introversion: Where is he Coming from? Where is he Going? *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 54, n. 3, p. 703-717, set./dez. 2022. p. 705.

¹³⁵ “I believe that many, nevertheless, continue to experience a sensation of bewilderment and growing discomfort with his leadership nine years into his fast-moving papacy. For the Church after centuries of defensiveness, introversion and self-referentiality is being challenged to move on and unfold as never before in its history” (DECK, 2022, p. 708).

¹³⁶ “For Pope Francis the stance taken by the Church in faithfully responding to these unprecedented developments cannot be ecclesial introversion, a circling of the wagons, a retreat into nostalgia and practices of the past [...] Rather than retreat into the past, the Church must energetically foster encounter, what Francis calls ‘a culture of encounter’, a faithful and courageous, even loving engagement with today’s world and realities no matter how disconcerting they may be” (DECK, 2022, p. 710).

1.4.3 A *introversão eclesial* no Documento de Aparecida

No Documento de Aparecida podemos identificar alguns pontos do texto onde se manifesta a *introversão eclesial*, ainda que não de modo nominal. Se pensarmos que para ser aprovado por Roma o Documento de Aparecida passou por várias alterações¹³⁷, sendo este um documento redigido pelo episcopado latino-americano e caribenho, já temos aí mostras da *introversão eclesial*. A *introversão eclesial* enquanto fechamento se manifesta no Documento de Aparecida como uma forma de resistência a dialogar com as realidades do tempo presente. Os desafios que se impõem não podem ser vistos apenas como ameaças, mas se tratados com o devido discernimento e prudência podem se tornar oportunidades irrecusáveis de uma sadia conversão pastoral.

A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Ela não pode fechar-se frente àqueles que só vêem confusão, perigos e ameaças ou àqueles que pretendem cobrir a variedade e complexidade das situações com uma capa de ideologias gastas ou de agressões irresponsáveis. (DAp, n. 11)

A *introversão eclesial* leva a Igreja a agir de modo reativo, enquanto a proposta da *Igreja em saída* deve assumir sempre uma postura reflexiva na busca de discernimento das realidades. “Mas se percebem atitudes de medo em relação à pastoral urbana; tendências a se fechar nos métodos antigos e a tomar atitude de defesa diante da nova cultura, com sentimento de impotência diante das grandes dificuldades das cidades” (DAp, n. 513). Diante do desafio da evangelização nas grandes cidades, a Igreja continua insistindo em um modelo paroquial que atendia muito bem as realidades rurais do passado, mas que hoje já não corresponde à realidade complexa das cidades. Os fechamentos implicados na *introversão eclesial* fazem a Igreja assumir caminhos retrógrados e anacrônicos ao nosso tempo.

O bispo de Querétaro, Mario de Gasperín Gasperín, alude à *introversão eclesial* no Documento de Aparecida quando faz a constatação de que existiria “também, por vezes, uma ‘inversão pastoral’ recorrendo a uma eclesiologia pré-conciliar”¹³⁸. A *introversão eclesial*, como aversão ou negação ao Concílio Vaticano II é constatada ainda como uma das sombras enunciadas pelos bispos da América Latina e Caribe:

¹³⁷ BRIGHENTI, Agenor. *Aparecida em resumo: O Documento Oficial com referência às mudanças efetuadas no Documento Original*. São Paulo: Paulinas, 2008a. (Coleção sinais dos tempos). p. 5.

¹³⁸ “Habría también, en ocasiones, una ‘inversión pastoral’ recurriendo a una eclesiología preconiliar”. GASPERÍN GASPERÍN, Mario. La exigencia de una Conversión Pastoral. In: PONTIFICIA COMMISSIO PRO AMERICA LATINA. *Aparecida 2007: Luces para América Latina*. Ciudad de Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008. p. 295-316. p. 311.

Lamentamos, seja algumas tentativas de voltar a um certo tipo de eclesiologia e espiritualidade contrárias à renovação do Concílio Vaticano II, seja algumas leituras e aplicações reducionistas da renovação conciliar; lamentamos a ausência de uma autêntica obediência e do exercício evangélico da autoridade, das infidelidades à doutrina, à moral e à comunhão, nossas débeis vivências da opção preferencial pelos pobres, não poucas recaídas secularizantes na vida consagrada influenciada por uma antropologia meramente sociológica e não evangélica. (DAp, n. 100)

Existe na citação acima uma outra característica da *introversão eclesial* que é a infidelidade à doutrina. A *introversão eclesial* é uma infidelidade, um negar-se a acompanhar a caminhada viva da Igreja, como se a doutrina fosse algo pronto e acabado, numa rigidez que não permite reinterpretações das perenes verdades da fé. O papa Francisco afirma que a revelação divina deve ser sempre reinterpretada: “As mudanças culturais e os novos desafios da história não alteram a revelação, mas podem nos estimular a expressar melhor certos aspectos de sua riqueza transbordante que oferece sempre mais”¹³⁹.

Quando a *introversão eclesial* ganha espaço, cresce a indiferença religiosa em relação a sociedade atual, a Igreja perde espaço e influência concreta na vida das pessoas. “Essa condição de distância ou indiferença por parte dos homens, que questiona fortemente o estilo de nossa pastoral convencional” (DAp, n. 461). Deixar-se questionar sobre o porquê da indiferença religiosa pode ajudar a encontrar caminhos de superação da tentação da *introversão eclesial* num tempo de crise das instituições como o nosso. Uma das marcas do Documento de Aparecida é a valorização da religiosidade popular como caminho de superação da indiferença, e mesmo, do abandono da fé por parte dos já batizados.

Conscientes de nossa responsabilidade pelos batizados que deixaram essa graça de participação no mistério pascal e de incorporação no Corpo de Cristo sob uma capa de indiferença e esquecimento, é necessário cuidar do tesouro da religiosidade popular de nossos povos, para que nela resplandeça cada vez mais ‘a pérola preciosa’ que é Jesus Cristo, e seja sempre novamente evangelizada na fé da Igreja e por sua vida sacramental. (DAp, n. 549)

A religiosidade popular possui uma plasticidade, uma capacidade de adaptação rápida, de que a religião oficial carece. Dentro das capacidades de adaptar a vivência da fé às diferentes e novas circunstâncias da vida concreta das pessoas, a religiosidade popular, na sua capacidade de abertura a novas possibilidades, é sempre o contrário da *introversão eclesial*.

Também no Documento de Aparecida vemos a aplicação de uma solução já indicada pelo papa João Paulo II: a missão. “Para não cairmos na armadilha de nos fechar em nós

¹³⁹ FRANCISCO, Papa. *O Papa responde as Dúbia de cinco cardeais*. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/papa-francisco-responde-dubia-cinco-cardeais.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

mesmos, devemos formar-nos como discípulos missionários sem fronteiras, dispostos a ir ‘à outra margem’, àquela onde Cristo ainda não é reconhecido como Deus e Senhor, e a Igreja não está presente” (DAp, n. 376).

É na opção missionária que o Documento de Aparecida aponta a superação da antiga visão medieval de que a santidade se obtinha na fuga do mundo. A *introversão eclesial*, como fuga da realidade, pode ser superada pela missão que “conduz ao coração do mundo” (DAp, n. 148).

1.5 A modo de conclusão

O papa Francisco, como argentino e jesuíta, é filho da tradição eclesial da América Latina e Caribe em um fecundo diálogo com a cultura europeia. Já na fase madura de sua reflexão, recebeu a influência do método de Guardini, que o auxiliou a sistematizar seu próprio pensamento. Seu raciocínio se estrutura a partir do modelo polar oferecido por Guardini e dos quatro princípios.

Considerando que o cardeal Bergoglio foi presidente da comissão de redação do Documento de Aparecida, foi apresentada uma tentativa de aproximação entre as expressões *ir ao encontro* (presente no Documento de Aparecida) e a *Igreja em saída*. Pelo caminho percorrido admitimos a incidência do Documento de Aparecida na concepção da expressão *Igreja em saída*, e apontamos que tal incidência está na opção pela formação de discípulos missionários para *ir ao encontro* das pessoas no coração do mundo, para promoção da construção do Reino de Deus.

Existe uma correlação verdadeiramente estreita entre elementos do Documento de Aparecida e o magistério de Francisco com a sua proposta de *Igreja em saída*. No caminho de investigação do que seja a expressão *Igreja em saída* vimos que pode ser útil compreender a *introversão eclesial*. A partir da chave hermenêutica que foi estabelecida neste trabalho, com base nas expressões discípulos missionários, conversão pastoral e opção pelos pobres, podemos indicar ao menos duas direções:

- Que os elementos (ir ao encontro, missão, discípulo missionário, conversão pastoral, opção pelos pobres, religiosidade popular) presentes no Documento de Aparecida e que reverberam na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, documento onde se apresenta a expressão *Igreja em saída*, seriam de autoria de Bergoglio. Tal afirmação, contudo, seria apressada e exigiria uma pesquisa pormenorizada que a sustentasse, o que não é nosso objeto de pesquisa.

- Tais elementos semelhantes (ir ao encontro, missão, discípulo missionário, conversão pastoral, opção pelos pobres, religiosidade popular), presentes em ambos documentos, são resultado da opção do papa Francisco em retomar o Concílio Vaticano II, bem como a tradição eclesial da América Latina e Caribe da qual ele é parte integrante e foi figura de destaque na redação do Documento de Aparecida.

2 O PENSAMENTO DO PAPA FRANCISCO E O CONCEITO DE *IGREJA EM SAÍDA* NA *EVANGELII GAUDIUM*

Se precisássemos resumir o pontificado do papa Francisco em uma expressão, pensamos que a mais adequada seria *Igreja em saída*. No entanto, é preciso romper a superficialidade da expressão e buscar compreender qual é a proposta do Bispo de Roma ao se referir com frequência a tal expressão.

Por si só, o papa Francisco representa uma grande novidade para toda a Igreja, “os ventos soprando a partir do Sul e forjando uma nova conjuntura eclesial”¹. Porém, é preciso localizar o papa Francisco dentro do grande rio da Tradição como aquele que retoma as intuições propostas desde o Concílio Vaticano II.

Neste capítulo, tendo como base de reflexão a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, carta encíclica *Redemptoris Missio* e o decreto conciliar *Ad Gentes*, nos deteremos em desvelar a gênese da expressão *Igreja em saída*. Num segundo momento demonstraremos a *Igreja em saída* como resultado da relação de continuidade de Bergoglio ao papa Francisco. Destacaremos a presença do Documento de Aparecida na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, tentando demonstrar uma aproximação com o magistério da Igreja na América Latina e Caribe. No desenrolar da reflexão apresentaremos uma possível definição da expressão *Igreja em saída* a partir da *Evangelii Gaudium*. A seguir, apontaremos três chaves hermenêuticas para a leitura da *Evangelii Gaudium*. E ao final do capítulo investigaremos a *introversão eclesial* segundo a *Evangelii Gaudium*.

2.1 Papa Francisco e a gênese da expressão *Igreja em saída*

A expressão *Igreja em saída*, tão viva no magistério do papa Francisco, é resultado de reflexões teológicas que podem encontrar suas raízes mesmo antes do Concílio Vaticano II. Como origem remota daquilo que viria depois a se tornar *Igreja em saída* temos a expressão Igreja em estado de missão, que “é a expressão idealizada e aprofundada por Marie-Dominique

¹ BRIGHENTI, 2019, p. 12.

Chenu”². Em 1947, o teólogo dominicano Chenu propôs a expressão Igreja em estado de missão numa conferência a padres da missão na França³.

Para Chenu, que depois exerceu influência direta no Concílio Vaticano II, a Igreja em estado de missão “não é um slogan, mas um ponto de chegada e de nova partida que reúne a riqueza da reflexão teológica, um doloroso caminho existencial de fidelidade à Igreja e o desejo de renovação que encontrará um novo fôlego vital no Vaticano II”⁴. A Igreja em estado de missão não enquanto uma propaganda, mas enquanto uma instituição que se volta para missão como aquilo que constitui sua existência.

Segundo o teólogo italiano Giovanni Casarotto a natureza missionária da Igreja é entendida por Chenu como: “a postura e a identidade da Igreja a serviço do anúncio, mas ao mesmo tempo é o que a mantém viva e a renova no duplo movimento de sair de si e retornar à fonte evangélica”⁵. A Igreja que existe para evangelizar, que se coloca no movimento de saída de sua autorreferencialidade, retornando assim ao essencial evangélico. “A constituição pastoral do Vaticano II, para a qual Chenu contribuiu, representa uma referência indispensável para a adoção do método indutivo na reflexão e na ação da Igreja”⁶. O caráter pastoral e a adoção do método indutivo no Concílio Vaticano II marcam um novo modo de fazer Teologia, um teologizar que seja capaz de partir da história e da vida concreta das pessoas.

O Concílio Vaticano II é marcado pelo desejo de conversão da instituição religiosa numa Igreja em estado de missão. Como não temos condições aqui de analisar o conjunto dos documentos emanados pelo Concílio Vaticano II destacamos o decreto conciliar *Ad Gentes*, que explicitamente trata da atividade missionária da Igreja. O decreto afirma: “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo” (AG, n. 2). A missão que brota do coração de Deus é que origina e faz peregrinar a Igreja.

² “è l’espressione ideata e approfondita da Marie-Dominique Chenu”. CASAROTTO, Giovanni. Chiesa in stato di missione: tornare al Vangelo per abitare il mondo. *Fronteiras*, Recife, v. 2, n. 2, p. 115-151, jul./dez. 2019. p. 115.

³ CASAROTTO, 2019, p. 117.

⁴ “non è uno slogan, ma punto di arrivo e nuova partenza che raccoglie la ricchezza della riflessione teologica, un sofferto percorso esistenziale di fedeltà alla chiesa e il desiderio di rinnovamento che troverà un nuovo soffio vitale nel Vaticano II” (CASAROTTO, 2019, p. 127-128).

⁵ “la postura e l’identità della Chiesa a servizio dell’annuncio, ma allo stesso tempo è ciò che la mantiene viva e che la rinnova nel duplice movimento di uscita da sé e di ritorno alla sorgente evangelica” (CASAROTTO, 2019, p. 130).

⁶ “La costituzione pastorale del Vaticano II, a cui Chenu ha contribuito, rappresenta un riferimento irrinunciabile per l’assunzione del metodo induttivo nella riflessione e nell’agire della Chiesa” (CASAROTTO, 2019, p. 142).

No pós-Concílio Vaticano II podemos elencar ainda dois documentos do magistério que estão na gênese da expressão *Igreja em saída*:

Em 1975, com a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* (EN), o Papa Paulo VI procurou resgatar as inspirações conciliares sobre o anúncio do Evangelho no mundo. Em 1990, com a Encíclica *Redemptoris Missio* (RM), o Papa João Paulo II insistia na validade do mandato missionário, mostrando que a missão da Igreja ainda estava no início.⁷

Em ambos os documentos, percebe-se a urgência da tarefa de colocar a Igreja em estado de missão. Na *Evangelii Nuntiandi* se conceitua a evangelização (EN, n. 17) e se faz um destaque à piedade popular (EN, n. 48) enquanto valor para a missão da Igreja. Já na *Redemptoris Missio*, o papa João Paulo II denunciava que, na iminência da celebração de dois mil anos do cristianismo, muitas pessoas ainda não conheciam a Jesus Cristo, destacando assim a permanente urgência da missão de ir a todos.

A *Evangelii Gaudium* retoma a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, apreciada pelo papa Francisco como um dos documentos mais importantes no pós-Concílio Vaticano II, cuja elaboração respondeu à solicitação de um sínodo dos bispos sobre a evangelização⁸. Vale destacar que o título da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* “vem de uma frase da Exortação *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI”⁹, provavelmente da passagem “conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar” (EN, n. 80).

Pensando ainda na gênese da expressão *Igreja em saída* não podemos negar a influência da tradição eclesial latino-americana no pensamento do papa Francisco, de modo muito especial no Documento de Aparecida¹⁰. O atual pontificado reformador e missionário, bem como a *Evangelii Gaudium*, tem suas raízes tanto na figura do jesuíta Bergoglio quanto na Igreja Latino-Americana e no Documento de Aparecida, e também na promissora Teologia pós-conciliar argentina¹¹. A postura do ir ao encontro, que é uma marca da *Igreja em saída*, já estava presente no Documento de Aparecida:

⁷ FERNANDES, Leonardo Agostini. Missão e missiologia: A partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014b. (Coleção Fronteiras). p. 277-308. p. 280.

⁸ ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. A dimensão social da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 227-234. p. 227.

⁹ CORREA LIMA, Luis. *Evangelii Gaudium: Contribuições para as questões contemporâneas*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 245-250. p. 245.

¹⁰ GALLI, 2014, p. 23.

¹¹ GALLI, 2014, p. 25.

Na linha da Conferência de Aparecida, da qual o então Cardeal Bergoglio foi presidente da comissão de redação, a Igreja necessita ser cada vez mais uma *Igreja do ir*, do ir ao encontro das pessoas, nas mais diversas situações, nas mais distantes periferias; ir ao encontro das culturas, em sua diversidade e, de algum modo, ir ao encontro de si mesma, no sentido de purificar-se do que venham a ser marcas históricas não condizentes com o que o Senhor Jesus quis para sua Igreja.¹²

Podemos perceber traços da reflexão da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* já presentes na intervenção do cardeal Bergoglio durante uma Congregação dos Cardeais antes do último conclave¹³. A referida intervenção chamou atenção do arcebispo de Havana, cardeal Jaime Ortega, que pediu ao então cardeal Bergoglio o texto do discurso, tendo recebido em seguida o manuscrito com os pontos principais da reflexão¹⁴.

No discurso é possível identificar vários elementos que depois foram desenvolvidos na *Evangelii Gaudium*:

- “Evangelizar supõe na Igreja a parresia para sair de si mesma”¹⁵;
- “A Igreja é chamada a sair de si mesma e ir em direção às periferias, não só as geográficas, mas também as periferias existenciais”¹⁶;
- “Quando a Igreja não sai de si para evangelizar, torna-se autorreferencial e depois adoce”¹⁷;
- A “Igreja evangelizadora que sai de si mesma”¹⁸;
- Que Jesus Cristo ajude a Igreja “a ser mãe fecunda que vive a doce e reconfortante alegria de evangelizar”¹⁹.

¹² TEMPESTA, Orani João. Algumas interpelações da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 13-21. p. 15.

¹³ CORREA LIMA, 2014, p. 245.

¹⁴ BERGOGLIO, Jorge Mario. La dulce y confortadora alegría de evangelizar. In: ORTEGA ALAMINO, Jaime. *Homilia pronunciada por S.E.R. Cardeal Jaime Ortega Alamino, Arzobispo de La Habana, en celebración de la Misa Crismal*. Habana, 23 marzo 2013. p. 1-3. Disponível em: <https://www.arquidiocesisdelahabana.org/contens/noticias/Homil%C3%ADa%20de%20Misa%20Crismal.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2024.

¹⁵ “Evangelizar supone en la Iglesia la parresía para salir de sí misma” (BERGOGLIO, 2013, p. 2).

¹⁶ “La Iglesia está llamada a salir de sí misma e ir hacia las periferias, no sólo las geográficas, sino también las periferias existenciales” (BERGOGLIO, 2013, p. 2).

¹⁷ “Cuando la Iglesia no sale de sí misma para evangelizar deviene autorreferencial y entonces se enferma” (BERGOGLIO, 2013, p. 2).

¹⁸ “Iglesia evangelizadora que sale de sí” (BERGOGLIO, 2013, p. 3).

¹⁹ “[...] a ser la madre fecunda que vive la dulce y confortadora alegría de evangelizar” (BERGOGLIO, 2013, p. 3).

2.2 Igreja em saída: relação de continuidade de Bergoglio ao papa Francisco

O pensamento do papa Francisco tem como verdade basilar: “crer em Cristo significa ser missionário. Esta é a verdadeira ortodoxia”²⁰. Daí se desenrola o programa da *Igreja em saída* com a sua tarefa de empenhar toda a Igreja para que se coloque em estado permanente de missão. Ao propor para todos os batizados o projeto de *Igreja em saída* o Bispo de Roma propõe não só uma ideia com a qual ele se identifica, mas sim uma nova postura eclesial que ele sempre experimentou nas periferias das cidades da Argentina.

Tudo o que o padre Jorge viveu e pensou fora dos holofotes agora se torna público, agora ‘floresce’ nas palavras e nos gestos do papa Francisco. Usamos o verbo florescer, porque é útil para nos distanciarmos do cliché de ‘como é que ele mudou!’ Na realidade, o padre Jorge não mudou: ele floresceu.²¹

Aquilo que o papa Francisco nos apresenta como o projeto de *Igreja em saída* é o fruto maduro de sua própria experiência de vida como discípulo missionário. É próprio do crescimento humano ir transformando não só o corpo, mas também o intelecto. Por isso, aos críticos de Bergoglio, por atitudes que ele tomou no passado, com seus erros e acertos, respondemos que o cardeal argentino floresceu em papa Francisco. A parábola do bambu japonês nos ajuda a compreender que a *Igreja em saída* que hoje nos propõe o papa Francisco foi maturada em longos anos de uma vida dedicada a evangelização. Vejamos a parábola do bambu japonês:

[...] assim que é semeado, cresce quase imperceptivelmente durante sete anos e depois, em seis semanas, cresce mais de trinta metros. Poderíamos dizer que o bambu levou apenas seis semanas para crescer? Não, a verdade é que demorou sete anos e seis semanas para se desenvolver. Nos primeiros sete anos de aparente inatividade, está a gerar aquele sistema radicular complexo que lhe permitiria sustentar um crescimento impetuoso após os sete anos de idade. No entanto, são pouquíssimas as pessoas que, com a idade, em vez de murchar, florescem e dão o melhor de si. O Papa Francisco é um deles.²²

²⁰ “Per Papa Francesco, credere in Cristo significa essere missionari. Questa è la vera ortodossia”. TENACE, Michelina (org). *Dal chiodo alla chiave: la teologia fondamentale di Papa Francesco*. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018. p. 27.

²¹ “Tutto quello che il padre Jorge aveva vissuto e pensato fuori dalle luci dei riflettori sta ora divenendo pubblico, sta ora ‘fiorendo’ nelle parole e nei gesti di papa Francesco. Usiamo il verbo fiorire, perché è utile a prendere le distanze dal luogo comune del ‘come è cambiato!’ In realtà, padre Jorge non è cambiato: è fiorito”. FARES, Diego. *Papa Francesco è come un bambù: alle radici della cultura dell’incontro*. Milano: Ancora, 2014. p. 48.

²² “appena seminato, per la durata di sette anni ha una crescita quasi impercettibile, e poi, in sei settimane, cresce più di trenta metri. Potremmo dire che il bambù abbia impiegato soltanto sei settimane per crescere? No, la verità è che si è preso sette anni e sei settimane per svilupparsi. Nei primi sette anni di apparente inattività, sta generando quel complesso sistema di radici che gli avrebbero consentito di sostenere una crescita impetuosa dopo i sette anni. Eppure sono pochissime le persone che, con l’età, invece di appassire, fioriscono e danno il meglio di sé. Papa Francesco è una di queste” (FARES, 2014, p. 48).

Florescendo no coração da Igreja, o papa Francisco conclama a *Igreja em saída* como caminho de renovação e reforma das estruturas que sempre deveriam estar a serviço da missão. “A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* veio a legitimar o que era discurso e prática de um homem para entrar na ordem de uma práxis que cabe a toda a Igreja”²³. Porém, é preciso estar atento para não cairmos em personalismos, pois o projeto de *Igreja em saída* é maior do que o papa Francisco. “O que se pretende é o modelo de uma Igreja que se quer fiel ao Evangelho e ao anúncio que deve ser feito na Alegria, na Alegria do Evangelho, na força do Ressuscitado”²⁴.

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* desencadeou a proposta de *Igreja em saída* semeada no Concílio Vaticano II, agora desenvolvida pelo papa Francisco e que esperamos que transborde para além do atual pontificado. “Os conteúdos abordados pela *Evangelii Gaudium* exigirão um longo e paciente prazo de recepção. [...] Esta recepção exige renovação de mentes, de práticas pastorais e de estruturas eclesiais, em vista da imprescindível missão evangelizadora no mundo atual”²⁵. Como alguém que atingiu a maturidade, a preocupação do papa Francisco é desencadear processos e garantir que eles tenham condições de seguir em frente, sempre sob a guia do Espírito Santo que “embeleza a Igreja, mostrando-lhe novos aspectos da Revelação e presenteando-a com um novo rosto” (EG, n. 116).

A Teologia do magistério do papa Francisco visa não só atualizar a Igreja, mas fazer com que através da *Igreja em saída* possamos ser conduzidos a uma Teologia e uma práxis cristã adequadas à nossa era pós-industrial²⁶. O papa argentino “prefere dizer o que a Igreja é chamada a fazer e não o que ela é chamada a ser. O primeiro capítulo da EG, intitulado ‘A transformação missionária da Igreja’ fala precisamente sobre o que a Igreja faz. Isso ‘sai’. Como comunidade de discípulos missionários, a Igreja sai”²⁷. É no fazer-se que a *Igreja em saída* irá ajudar a comunidade eclesial a redescobrir a sua identidade.

²³ KUZMA, Cesar. Cantar com Francisco! Provocações eclesiológicas a partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p.195-208. p. 200.

²⁴ KUZMA, 2014, p. 200.

²⁵ MORAES, Abimar Oliveira. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 33-48. p. 45.

²⁶ “[...] la teologia del Magistero di Papa Francesco non ha solo la particolarità di aggiornare la Chiesa, ma, prendendo l’iniziativa, anche di portarci a una teologia e ad una prassi cristiana che risultino appropriate per la nostra epoca post-industriale”. PATSCH, Ferenc. Rivelazione, contesto, verità. Il Magistero di Papa Francesco in tempo di transizione. In: TENACE, Michelina (org). *Dal chiodo alla chiave: la teologia fondamentale di Papa Francesco*. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018. p. 45-72. p. 72.

²⁷ “Preferisce dire ciò che la Chiesa è chiamata a fare e non ciò che è chiamata ad essere. Il primo capitolo di EG, dal titolo ‘La trasformazione missionaria della Chiesa’ parla proprio di ciò che la Chiesa fa. Questa ‘esce’. Come

2.3 A presença do Documento de Aparecida na *Evangelii Gaudium*

É possível identificar a presença do Documento de Aparecida na *Evangelii Gaudium* pelas treze citações diretas no texto, mas reconhecemos que sua influência está para além destas referências. Paulo Suess, que é um estudioso da exortação, chega a concluir: “Na EG, o magistério latino-americano da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe (2007), realizado em Aparecida, tornou-se magistério universal da Igreja Católica”²⁸. O Documento de Aparecida, do qual Bergoglio presidiu a comissão de redação, faz parte da tradição eclesial latino-americana de que o papa Francisco é fruto.

Concordamos com o teólogo argentino Carlos María Galli que, ao analisar a influência do Documento de Aparecida na *Evangelii Gaudium*, preferiu não se deter nas citações, mas destacou a influência em alguns temas:

Sem detalhar parágrafos e notas, destaco a sua influência em alguns temas: a primazia do dom do amor de Deus; a alegria de crer e de evangelizar; o Povo de Deus como comunidade de discípulos missionários; a responsabilidade de todos os batizados na transmissão do Evangelho; os componentes de uma espiritualidade evangelizadora; a centralidade da Palavra de Deus e uma catequese querigmática; a piedade popular como força ativamente evangelizadora; a Igreja num movimento permanente de missão; o encontro com todas as periferias humanas; a conversão das estruturas eclesiais; as dimensões sociais do Reino de Deus e da evangelização; o lugar dos pobres no coração de Cristo e da Igreja; leitura do processo de globalização; a denúncia dos sistemas de exclusão; o desafio da inculturação da fé nas novas gerações; a nova pastoral urbana.²⁹

Fazer a abordagem aproximativa dos dois documentos, por meio da influência de alguns temas, amplia o raio da incidência do Documento de Aparecida naquilo que é proposto na exortação. Vejamos alguns temas relevantes presentes em ambos os documentos:

comunità di discepoli missionari, la Chiesa esce”. CORKERY, James. Francesco, erede e innovatore: un Papa argentino e gesuita nella tradizione post-conciliare. In: TENACE, Michelina (org). *Dal chiodo alla chiave: la teologia fondamentale di Papa Francesco*. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018. p. 135-150. p. 142-143.

²⁸ SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral*. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção comunidade e missão). p. 8.

²⁹ “La *Evangelii gaudium* cita veinte veces el Documento de Aparecida. Sin detallar párrafos y notas destaco su influjo en algunos temas: el primado del don del amor de Dios; la alegría de creer y de evangelizar; el Pueblo de Dios como comunidad de discípulos misioneros; la responsabilidad de todos los bautizados/as en la transmisión del Evangelio; los componentes de una espiritualidad evangelizadora; la centralidad de la Palabra de Dios y de una catequesis kerigmática; la piedad popular como una fuerza activamente evangelizadora; la Iglesia en un movimiento permanente de misión; el encuentro con todas las periferias humanas; la conversión de las estructuras eclesiales; las dimensiones sociales del Reino de Dios y de la evangelización; el lugar de los pobres en el corazón de Cristo y de la Iglesia; la lectura del proceso de globalización; la denuncia de los sistemas de exclusión; el desafío de la inculturación de la fe en las nuevas generaciones; la nueva pastoral urbana” (GALLI, 2014, p. 48).

- Piedade popular: A força da piedade popular ganha uma seção no capítulo III da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*³⁰(EG, n. 122-126), nesta parte temos referências diretas ao Documento de Puebla (DPB, n. 450) e ao Documento de Aparecida (DAP, n. 258-265). “Francisco assume e universaliza o ensinamento de Aparecida que considera a piedade católica como expressão teológica e cultural do encontro com Cristo, com rico potencial de santidade, justiça e missão”³¹. Na EG n. 124, o papa Francisco faz referência a espiritualidade católica popular³², utilizando um texto do Documento de Aparecida (DAP, n. 258-265), o teólogo Galli afirma ser este texto de autoria de Bergoglio, que na época “cuidou da redação daquela seção, da qual participaram cinco argentinos, e depois a comentou em um trabalho coletivo elaborado pelo CELAM”³³.

- Conversão pastoral: Sobre a temática da conversão pastoral, enquanto reforma que levará à *Igreja em saída*, constatamos que o “programa de Francisco começa com ‘a reforma da Igreja em saída missionária’ (EG 17). O primeiro capítulo propõe uma ‘pastoral de conversão’ (EG 25-33) que recria as propostas de Aparecida sobre conversão pastoral e renovação missionária [DAP, n. 365-372]”³⁴.

- Evangelizar por atração: Um verbo caro ao papa Francisco é atrair, segundo ele a evangelização precisa acontecer por atração, conversão é muito mais do que convencimento. “Francisco usa muito o substantivo atração e o verbo atrair porque ‘a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração’” (EG 14, 131 [...])³⁵. O referido número se trata de uma citação do Documento de Aparecida (DAP, n. 159).

- Igreja como mãe: Uma boa figura para falar da *Igreja em saída* é a figura da Igreja como mãe que ama e não desiste de seus filhos, que sabe acolher e ao mesmo tempo procurar

³⁰ “El capítulo III contiene una breve pero densa sección sobre La fuerza evangelizadora de la piedad popular en la que se cita a Aparecida y Puebla (EG 122-126)” (GALLI, 2014, p. 39).

³¹ “Francisco asume y universaliza la enseñanza de Aparecida que considera a la piedad católica como una expresión teológica y cultural del encuentro con Cristo, con rico potencial de santidad, justicia y misión” (GALLI, 2014, p. 46).

³² GALLI, 2014, p. 46.

³³ “Bergoglio cuidó la redacción de esa sección, en la que intervinieron cinco argentinos, y luego la comentó en una obra colectiva preparada por el CELAM”. GALLI, Carlos María. *La piedad popular: sensus fidei y locus theologicus*. Buenos Aires, 2020. p. 1-18. Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/13312/1/piedad-popular-sensus.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024. p. 4.

³⁴ “El programa de Francisco comienza con “la reforma de la Iglesia en salida misionera” (EG 17). El primer capítulo plantea una “pastoral en conversión” (EG 25-33) que recrea las propuestas de Aparecida sobre la conversión pastoral y la renovación misionera (A 365- 372)” (GALLI, 2014, p. 50).

³⁵ “Francisco emplea mucho el sustantivo atracción y el verbo atraer porque “la Iglesia no crece por proselitismo sino por atracción” (EG 14, 131, con cita de A 159)!” (GALLI, 2014, p. 51).

os filhos dispersos. “A Igreja é uma mãe de coração aberto (EG 46-49), o que lembra a frase de Aparecida: ‘uma mãe que sai ao encontro’ [DAp, n. 370]”³⁶.

	Nota de rodapé na EG	EG	DAp	Texto
1	4	10	360	“Na doação, a vida se fortalece; e se enfraquece no comodismo e no isolamento. De fato, os que mais desfrutam da vida são os que deixam a segurança da margem e se aproximam pela missão de comunicar a vida aos demais”
2	5	10	360	“Aqui descobrimos outra profunda lei da realidade: ‘A vida se alcança e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros’. Isto é, definitivamente, a missão”
3	13	14	Homilia de abertura – Bento XVI	“por atração”
4	17	15	548	“Não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em nossos templos”
5	18	15	370	“de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária”
6	21	25	201	“simples administração”
7	22	25	551	“estado permanente de missão”
8	63	83	12	“é o pragmatismo cinzento da vida cotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas, na realidade, a fé vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez”
9	98	122	264	“o povo se evangeliza continuamente a si mesmo”
10	103	124	262	“espiritualidade popular’ ou “mística popular”
11	104	124	263	“espiritualidade encarnada na cultura dos simples”
12	106	124	264	“uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionários”
13	147	181	380	“a missão do anúncio da Boa-Nova de Jesus Cristo tem destinação universal. Seu mandato de caridade alcança todas as dimensões da existência, todas as pessoas, todos os ambientes da convivência e todos os povos. Nada do humano pode lhe parecer estranho”

Tabela de citações diretas do Documento de Aparecida na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*.

- Audácia evangelizadora: Paulo Suess é da opinião de que o papa Francisco incorporou o Documento de Aparecida na Igreja como um todo, levando consigo o binômio fidelidade e audácia³⁷. Continua Suess comentando o movimento realizado por papa Francisco:

Considerou o Documento de Aparecida (DAp) ‘um chamado à criatividade [...] que não termina com um documento [...], mas com uma missão’. [...] ‘A Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais’ (DAp 11). Audazes são aqueles evangelizadores ‘que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo’ (EG 259).³⁸

³⁶ “La Iglesia es una madre de corazón abierto (EG 46-49), lo que recuerda la sentencia de Aparecida: “una madre que sale al encuentro” (A 370)” (GALLI, 2014, p. 44-45).

³⁷ SUESS, Paulo. Igreja sem saída, Igreja em saída. Da Conferência Episcopal de Aparecida para a Assembleia Eclesial do México. *Fronteiras*, Recife, v. 4, n. 1, p. 5-12, jan./jun. 2021. p. 5.

³⁸ SUESS, 2015, p. 9.

O Documento de Aparecida, preconizando o projeto de *Igreja em saída* proposto pela *Evangelii Gaudium*, esboçava que deveríamos ser “uma Igreja cheia de ímpeto e audácia evangelizadora [...] saíamos para comunicar a todos a vida verdadeira, a felicidade e a esperança que nos tem sido dada a experimentar e a nos alegrar” (DAp, n. 549).

- Discípulos missionários: O tema dos discípulos missionários, tão caro a proposta de *Igreja em saída* da *Evangelii Gaudium*, perpassa toda a reflexão do Documento de Aparecida que se abre e termina fazendo referência direta aos discípulos missionários (DAp, n. 1, 554). “Com Aparecida, Francisco afirma: ‘somos todos discípulos missionários’” (EG 119-121)”³⁹.

Com estas breves provocações, sem a pretensão de exaurir todos os conteúdos relacionados, percebemos que a influência do Documento de Aparecida na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* extrapola o número de citações que atestam a relação entre os documentos. Quando nos detemos a analisar as temáticas abordadas nos dois textos, podemos traçar vários pontos de contato. É possível afirmar que o Documento de Aparecida possui relevância afetiva e efetiva na reflexão do papa Francisco.

2.4 Introduzindo a *Evangelii Gaudium*

Percebendo a necessidade de um novo impulso para evangelização da Igreja o papa Bento XVI convocou a XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que aconteceu de 7 a 28 de outubro de 2012, e tratou da nova evangelização. Esperava-se que o papa Bento XVI fosse escrever, como de costume após um sínodo dos bispos, uma exortação apostólica pós-sinodal. No entanto, em 28 de fevereiro de 2013 o papa Bento XVI pediu renúncia ao papado ficando para seu sucessor, o papa Francisco, a tarefa de escrever um documento que recolhesse as conclusões da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos.

A exortação apostólica “*Evangelii Gaudium*, contudo, sem deixar de estar em sintonia com o Sínodo que a precedeu, não é uma Exortação ‘Pós-Sinodal’ (foi omitido do título oficial), mas apresenta-se como uma Exortação programática do pontificado do Papa Bergoglio”⁴⁰. A *Evangelii Gaudium*, publicada em 24 de novembro de 2013, ainda no primeiro ano de pontificado do papa Francisco, foi apresentada como um programa pontifício amadurecido com a contribuição da Tradição da Igreja, da XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, das conferências gerais (continentais) e das conferências episcopais (nacionais).

³⁹ “Con Aparecida, Francisco afirma: “todos somos discípulos misioneros” (EG 119-121)” (GALLI, 2014, p. 45).

⁴⁰ MORAES, 2014, p. 41.

O centro das atenções na *Evangelii Gaudium* está na pessoa humana. “A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora” (EG, n. 178). Num documento que trata sobre a evangelização no mundo atual, a principal preocupação não está em fazer o número de fiéis crescer ou na preocupação de autopreservação da Igreja frente aos desafios atuais, mas justamente na dignidade da vida real de cada pessoa humana⁴¹.

O humano está no centro da *Evangelii Gaudium* [...] através de três aspectos que nos parecem mais explícitos: a noção de pessoa como intersubjetividade, a primazia do ser humano nos processos socioeconômicos e a visão do ser humano como um ser que narra e é narrado por Deus.⁴²

Com seu estilo próprio de escrita, o papa Francisco usa um gênero pastoral que assume o caráter de uma conversa entre pai e filhos, com metáforas, neologismos e expressões coloquiais⁴³. O texto da *Evangelii Gaudium* resgata elementos que fazem parte da Tradição da Igreja:

a) o protagonismo dos pobres, o que supõe uma Igreja mais pobre e para os pobres; b) a riqueza da colegialidade e a valorização da pluralidade, visibilizada na Exortação Apostólica pelas citações das conferências episcopais; c) o diálogo inter-religioso e intercultural; d) a crítica aos contra valores da sociedade, opostos ao espírito do Evangelho.⁴⁴

O primeiro papa latino-americano vindo do subcontinente mais desigual e injusto⁴⁵ coloca em relevo o protagonismo dos pobres, a colegialidade e pluralidade, o diálogo e a denúncia dos contravalores, elementos que o próprio papa Francisco tenta personificar em seus gestos e práticas diárias. “O que o Papa ensina é tachado de ‘coisas novas’, porque este é o

⁴¹ PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p.135-145. p. 144.

⁴² PEDROSA-PÁDUA, 2014, p. 135.

⁴³ AMADO, Joel Portella. *Evangelii Gaudium: alguns aspectos para sua leitura*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 27-32. p. 27.

⁴⁴ SIQUEIRA, Josafá Carlos de. *Evangelii Gaudium: a esperança de uma primavera na Igreja*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 23-24. p. 23.

⁴⁵ GALLI, 2014, p. 26.

primeiro Pontífice a ter uma consciência histórica tão marcante. O seu desejo é ser fiel ao espírito do Concílio e apontar o caminho para o futuro”⁴⁶.

Na sua exortação apostólica, o papa Francisco demonstra, de modo inovador num texto magisterial, sua preocupação em descentralizar e ao mesmo tempo manifestar a catolicidade da Igreja. Na linha de promoção da *Igreja em saída* o papa descentraliza o magistério eclesial citando as diversas conferências episcopais nacionais e continentais, as exortações apostólicas pós-sinodais de João Paulo II, redigidas por ocasião dos sínodos continentais. Ao longo do texto, Francisco busca dialogar com os episcopados, citando as diversas conferências⁴⁷.

Sem medo de mexer com as estruturas de poder, o “Papa Francisco, acredita na descentralização para dar mais liberdade de decisão e de ação às conferências episcopais: ‘Não convém que o papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios (EG 16)’⁴⁸. Na *Igreja em saída* processos de descentralização são indispensáveis, e ao mesmo tempo nos apontam que toda comunidade de fé pode dar sua contribuição no que se refere a explicitação dos temas da fé para o magistério da Igreja como um todo.

O papa Francisco preconiza uma *Igreja em saída* capaz de superar a inércia da pastoral de conservação para ir ao encontro das vicissitudes humanas, tornando-se assim uma pastoral decididamente missionária.

O pensamento de Francisco é então um 'pensamento de sapato' (sapato preto, gasto), um pensamento ambulante; um pensamento de método (caminho) fenomenológico, que pensa saindo ao encontro, acompanhado, colocando-se na lama, vagando com sua gente, fazendo fila. Nesse sentido é um pensamento que cria cultura, que deixa rastros ao longo do tempo. Portanto, não se trata de forma alguma de pensamento mágico, esclarecido e gnóstico.⁴⁹

⁴⁶ “Ciò che il Papa insegna, viene bollato come ‘cose nuove’, perché questo è il primo Pontefice ad avere una consapevolezza storica così marcata. Il suo desiderio è di essere fedele allo spirito del Concilio e indica la strada per il futuro” (WHELAN, 2018, p. 133).

⁴⁷ Exemplos de descentralização que se apresentam na *Evangelii Gaudium* e que são impulsionados pela *Igreja em saída*: Ao se referir a escuta do clamor dos pobres o papa faz referência a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB): “Animados pelos seus Pastores, os cristãos são chamados, em todo o lugar e circunstância, a ouvir o clamor dos pobres, como bem se expressaram os Bispos do Brasil: ‘Desejamos assumir, a cada dia, as alegrias e esperanças, as angústias e tristezas do povo brasileiro’” (EG, n. 191). Em nível continental destacamos o Documento de Aparecida como a voz do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM): “Dentre as conferências dos episcopados citadas, uma se destaca (não somente quantitativamente). Trata-se da V Conferência do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizada em Aparecida. [...] em 13 ocasiões [...] explicitamente [cita-se] o Documento de Aparecida” (MORAES, 2014, p. 42). A descentralização também acontece com a citação direta às exortações apostólicas pós sinodais do papa João Paulo II, nos sínodos continentais. Duas exortações apostólicas pós sinodais, *Ecclesia in Africa* e *Ecclesia in Ásia*, são citadas num mesmo número da *Evangelii Gaudium* (EG, n. 62) quando o papa discorre sobre a cultura.

⁴⁸ FERNANDES, 2014b, p. 291.

⁴⁹ “Il pensiero di Francesco è poi un ‘pensiero scarpa’ (scarpa nera, consumata), un pensiero che cammina; un pensiero di metodo (cammino) fenomenologico, che pensa uscendo all’incontro, accompagnato, mettendosi nel fango, peregrinando con il suo popolo, facendo la fila. In questo senso è un pensiero che crea cultura, che lascia

É um pensamento que coloca a *Igreja em saída* a caminho, que promove a “cultura do encontro numa harmonia pluriforme” (EG, n. 220), colocando tudo e todos em movimento, recordando-nos que os primeiros cristãos eram chamados de seguidores do caminho (cf. At 9, 2).

Nos estudos do teólogo brasileiro Abimar Oliveira Moraes a missão e a mística são os dois eixos que sustentam o texto da exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, ainda declara que o papa Francisco é um pastor místico⁵⁰. Com base nestes dois eixos, missão e mística, o papa Francisco tem buscado conduzir a Igreja de tal maneira que ela aprenda a se colocar guiada pelo Espírito e em saída missionária.

2.5 Chaves hermenêuticas para a leitura da *Evangelii Gaudium*

Com o intuito de favorecer uma análise aproximativa entre o Documento de Aparecida e o conceito *Igreja em saída* proposto pela exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, utilizaremos a seguir a mesma chave hermenêutica utilizada no capítulo anterior. Refletiremos sobre três pontos que julgamos basilares na compreensão da *Igreja em Saída* e que, ao mesmo tempo, servem como chave hermenêutica na tentativa de aproximação do Documento de Aparecida com a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*: discípulos missionários, conversão pastoral, opção pelos pobres.

2.5.1 Discípulos missionários

No terceiro capítulo da *Evangelii Gaudium*, intitulado *O anúncio do Evangelho*, temos uma seção que se dedica aos discípulos missionários. Já nos primeiros números temos o destaque de que somos todos discípulos missionários. “Em virtude do Batismo recebido, cada membro do povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19)” (EG, n. 120). Todos os batizados são impelidos pelo Espírito Santo à evangelização (EG, n. 119), todos são responsáveis pelo projeto de *Igreja em saída*. “Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos missionários’” (EG, n. 120). Percebemos na citação anterior um passo em relação a proposta missionária do Documento de Aparecida que

traccia nel corso del tempo. Pertanto, non si tratta affatto di un pensiero magico, illuministico, gnostico” (FARES, 2014, p. 78).

⁵⁰ MORAES, 2014, p. 45.

afirmava o binômio discípulos e missionários. Com o avanço da reflexão teológica se constatou que não é possível separar o discipulado da missão, eles não se desenrolam em tempos estanques, estão sempre imbricados.

O verdadeiro protagonista da missão é sempre o Espírito Santo, por isso cabe ao discípulo missionário que se torne um evangelizador com espírito. A *Evangelii Gaudium* explica:

Evangelizadores com espírito quer dizer evangelizadores que se abrem sem medo à ação do Espírito Santo. No Pentecostes, o Espírito faz os Apóstolos saírem de si mesmos e transforma-os em anunciadores das maravilhas de Deus, que cada um começa a entender na própria língua. Além disso, o Espírito Santo infunde a força para anunciar a novidade do Evangelho com ousadia (*parresia*), em voz alta e em todo o tempo e lugar, mesmo contracorrente. (EG, n. 259)

Quando os batizados conseguem se tornar evangelizadores com o espírito e por ele se deixam conduzir, é possível vencer o mundanismo de confiar nas próprias forças e estratégias na evangelização. O caminho do discípulo missionário pressupõe um crescimento no exercício da missão, “todos somos chamados a crescer como evangelizadores” (EG, n. 121). Por isso, o discipulado é sempre aprendizado, precisa-se “aprender a aprender, aprender a pensar e a conhecer; aprender a fazer; aprender a ser; aprender a ouvir; aprender a ver; aprender a conviver com os outros, aprender a aceitar e a conviver com o diferente; aprender a continuar aprendendo (Libanio, 2001)”⁵¹. O caminho de aperfeiçoamento do discípulo missionário nunca termina, pois um só é o Mestre (cf. Mt 23, 8).

O discípulo missionário encontra na comunidade de fé o seu lugar entre os irmãos e as irmãs, é da comunidade de fé que se recebe o envio missionário para sair em missão. “Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos, no respeito da complexa trama de relações interpessoais que a vida numa comunidade humana supõe” (EG, n. 113). A vida cristã não se vive no isolamento, a *Igreja em saída* nos coloca no movimento de sempre formar novas comunidades. Cumpre ainda a todo batizado, enquanto discípulo missionário, acompanhar os outros discípulos missionários (EG, n. 173). Esta dinâmica do cuidado comunitário serve de testemunho atrativo para aqueles que estão fora da comunidade. O livro de Atos dos Apóstolos, ao se referir à primeira comunidade cristã, assim se expressa: “A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém considerava suas

⁵¹ LIBANIO, 2001 *apud* TAVARES, Cássia Quelho. Contornos éticos na *Evangelii Gaudium*: “Primeirrar, envolver-se, acompanhar, furtificar e festejar” (EG 24). In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 209-223. p. 219.

as coisas que possuía, mas tudo entre eles era posto em comum” (cf. At 4, 32). Todos os que abraçaram a fé estavam unidos e tudo partilhavam, dando assim testemunho com a vida e não só com palavras.

Nas palavras do papa Francisco: “discípulo missionário é um descentrado porque o seu centro é Jesus Cristo, que o convoca a segui-lo e o envia para a periferia da existência. Ao canonizar a Pedro Fabro eu disse: ‘só se você estiver centrado em Deus é possível chegar às periferias do mundo’”⁵². As periferias da existência humana se tornam o habitat onde devem viver os discípulos missionários, não apenas visitar, mas ir e permanecer junto àqueles que encontrar nas realidades periféricas.

No exercício da cultura do diálogo o discípulo missionário “é convidado a priorizar, por uma escuta atenta e generosa, as ‘vozes’ menos ouvidas ou ‘caladas’ das mulheres, dos negros, dos mais pobres, e outras pessoas ignoradas em suas angústias, necessidades e realidades existenciais”⁵³. Escutar os sem voz é o primeiro passo para os trazer a existência, tirar da invisibilidade a todas as pessoas que vivem silenciadas e violentamente agredidas em sua dignidade humana.

“Uma Igreja ‘em saída’ estará aberta aos novos desafios humanos e sociais e não será estranha a estes, pois os conhece de perto e sabe como abordá-los, ou, no mínimo, terá coragem de fazê-los, com humildade e discernimento, na atenção aos que mais precisam”⁵⁴. Aos discípulos missionários cabe admitir e abordar os novos desafios à evangelização na tentativa de discernir caminhos possíveis para chegar ao coração dos homens e mulheres, esta deve ser a postura da *Igreja em saída* e de seus membros.

2.5.2 Conversão pastoral

Na *Evangelii Gaudium* o papa Francisco faz uma retomada da trajetória da conversão de toda a Igreja, a partir do Vaticano II, como uma forma de manter a fidelidade a Jesus Cristo:

O Concílio Vaticano II apresentou a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo [...] ‘A Igreja peregrina é chamada por Cristo a esta reforma perene. Como instituição humana e terrena, a Igreja necessita perpetuamente desta reforma’. (EG, n. 26)

⁵² “‘Una Iglesia en salida’ (EG 20-24) es una Iglesia des-centrada de sí porque se centra en Cristo por la conversión y en el hombre por la misión. El discípulo-misionero es un des-centrado porque su centro es Jesucristo, quien lo convoca a seguirlo y lo envía a las periferias existenciales. Al canonizar a Pedro Fabre dijo: ‘sólo si se está centrado en Dios es posible ir hacia las periferias del mundo’” (GALLI, 2014, p. 35).

⁵³ TAVARES, 2014, p. 220.

⁵⁴ KUZMA, 2014, p. 203.

Diante da dinâmica de um mundo em constantes e rápidas mudanças, a Igreja, como instituição presente no meio do mundo, também precisa se renovar em suas estruturas. É preciso ter em vista sempre mais a evangelização do que a autopreservação (EG, n. 27) da Igreja e suas estruturas cristalizadas.

“A tão desejada conversão pastoral exige a inadiável renovação eclesial a partir de uma retomada da missão, segundo os critérios assumidos pelo próprio Deus: encarna-se no centro das limitações do ser humano para restaurar nele a sua imagem e semelhança”⁵⁵. Diante da urgência da conversão pastoral a solução é que a Igreja se coloque em linha missionária, buscando na missão de Deus (*Missio Dei*) sua razão de ser.

A proposta da conversão pastoral é indispensável na passagem de uma Igreja sacramentalista, do sempre foi assim, da manutenção, para uma Igreja em saída missionária, que vive em estado permanente de missão (EG, n. 25). A conversão pastoral enquanto reforma das estruturas perpassa a Igreja como um todo, desde a pequena comunidade eclesial de base à Cúria Romana.

O papa Francisco insiste em dizer que as paróquias não são estruturas caducas, e que por possuírem grande plasticidade podem se adaptar muito bem às novas e desafiantes realidades nas quais a Igreja precisa estar inserida (EG, n. 28). Além das paróquias, são apontadas como forças as “outras instituições eclesiais, comunidades de base e pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e setores” (EG, n. 29). A *Igreja em saída* ao mesmo tempo que está aberta a criação de novas estruturas, também precisa se empenhar na reforma e ou renovação de estruturas já consolidadas. É importante combinar o fator renovação, pois a Igreja não começou agora, com o fator inovação, pois precisamos responder aos novos desafios com novas respostas.

Ao nos pedir comprometimento na conversão pastoral o papa Francisco também se coloca em postura de conversão, de modo muito sincero e sóbrio ele escreve na exortação: “Dado que sou chamado a viver aquilo que peço aos outros, devo pensar também numa conversão do papado. [...] Pouco temos avançado neste sentido. Também o papado e as estruturas centrais da Igreja universal precisam de ouvir este apelo a uma conversão pastoral” (EG, n. 32). Nenhuma estrutura e nenhum batizado podem ficar de fora da proposta da conversão pastoral de toda a Igreja. A grande dignidade batismal (EG, n. 104) possibilita que todos possam se tornar agentes de pastoral (EG, n. 17, 76-80, 82, 169) ou agentes de

⁵⁵ FERNANDES, 2014b, p. 306.

evangelização (EG, n. 27, 28, 78, 122). Com frequência falamos da Igreja de modo abstrato para nos eximir das responsabilidades, enquanto que o ser da Igreja depende da atitude e conduta de seus membros⁵⁶. Todo batizado é chamado a tomar parte ativa no projeto de *Igreja em saída*. “Importante é não caminhar sozinho, mas ter sempre em conta os irmãos e, de modo especial, a guia dos Bispos, num discernimento pastoral sábio e realista” (EG, n. 33).

Com o intuito de promover uma verdadeira conversão pastoral, é preciso formar as mentalidades dos batizados e batizadas, chamados a se tornarem agentes que tomam parte no projeto de *Igreja em saída*. “Uma mudança nas estruturas, sem se gerar novas convicções e atitudes, fará com que essas mesmas estruturas, mais cedo ou mais tarde, se tornem corruptas, pesadas e ineficazes” (EG, n. 189). As reformas das estruturas eclesiais só ocorrerão se as pessoas que são o seu rosto atuarem de acordo com o Evangelho⁵⁷. As estruturas precisam estar à serviço da evangelização e é justamente da fidelidade aos apelos do Evangelho no hoje de nossas vidas que brotarão novas estruturas. “Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem ‘fidelidade da Igreja à própria vocação’, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo” (EG, n. 26). Por isso, no processo de conversão pastoral, o essencial, o que não pode faltar, é a fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo sob a guia do Espírito Santo.

2.5.3 Opção pelos pobres

Recordemos que “Jorge Mario Bergoglio cultivou a sua formação e exerceu o seu ministério junto aos pobres. Como bispo acompanhou a vida pastoral nas ‘vilas miséria’ da periferia de Buenos Aires, as vilas de Cristo”⁵⁸. O papa Francisco quando fala sobre a opção pelos pobres não está abstraindo, mas está falando de sua própria experiência de vida. A opção pelos pobres se revela no pontificado do papa Francisco desde pequenos gestos até os documentos pontifícios, tudo está orientado por esta opção. Na escolha do seu nome como papa vemos transparecer a evangélica opção pelos pobres:

O primeiro papa jesuíta escolheu o nome do *Poverello* seguindo a recomendação de seu amigo Cláudio Hummes, brasileiro e franciscano: não se esqueça dos pobres, como havia sido dito a São Paulo (Gl 2,10), num texto que comenta a exortação [EG,

⁵⁶ AUGUSTIN, George. *Por uma Igreja em saída*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 123.

⁵⁷ AUGUSTIN, 2016, p. 25.

⁵⁸ “Jorge Mario Bergoglio cultivó su formación y ejerció su ministerio cerca de los pobres. Como obispo acompañó la vida pastoral en las ‘villas miseria’ en las periferias de Buenos Aires, las villas de Cristo” (GALLI, 2014, p. 55).

n. 193-196] [...] Então ele adotou o nome de Francisco, o que nenhum Papa antes havia feito.⁵⁹

O nome Francisco se torna o indicativo de um programa de pontificado que, partindo do sul pobre do mundo, atinge o coração da Igreja. Assim como outrora Francisco de Assis empreendeu uma reforma na Igreja, surge agora um novo Francisco de Roma promovendo uma verdadeira revolução.

Francisco não é um nome. É um projeto de Igreja, pobre, simples, evangélica e destituída de todo o aparato. Francisco de Assis iniciou uma Igreja que andava pelos caminhos, junto com os últimos; que criou as primeiras comunidades de irmãos que rezavam o breviário debaixo de árvores junto com os passarinhos. Era uma Igreja ecológica que chamava a todos os seres com a doce palavra de ‘irmãos e de irmãs’. Esse é um modelo de Igreja que está inspirando o Francisco de Roma: uma ‘Igreja pobre para os pobres’, como bem o disse, e que quer ser fiel ao legado de Jesus.⁶⁰

A opção pelos pobres, como recorda o atual Bispo de Roma, é algo irrenunciável à fé cristã. “Para a Igreja, a opção pelos pobres é uma opção pelo ser humano e pela dignidade que lhe foi outorgada por Deus”⁶¹. Na exortação, o papa Francisco recorda o seu antecessor, Bento XVI, que, na abertura da conferência geral de Aparecida (DAp), destacou a prioridade da opção pelos pobres: “Como ensinava Bento XVI, esta opção ‘está implícita na fé cristológica naquele Deus que Se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza” (EG, n. 198).

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* é perpassada pelo tema dos pobres como prediletos de Deus e como aqueles que devem ter prioridade dentro da *Igreja em saída*: “A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (EG, n. 200). A opção pelos pobres assume lugar preferencial (EG, n. 197), mas nunca deve ser exclusiva e excludente em relação a todos os demais fiéis.

A *Igreja em saída* se coloca “em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres” (EG, n. 97). O centro permanece sempre Jesus Cristo e sua entrega pelos últimos. A exortação revela que os pobres de nosso tempo são todos os tipos de excluídos que, vítimas de perversos sistemas econômicos, já não são nem sequer explorados, mas são considerados resíduos, sobras (EG, n. 53). Na cultura do descartável, numa economia que mata (EG, n. 53), o pobre desprovido de sua dignidade de pessoa humana se tornou lixo.

⁵⁹ “El primer papa jesuita eligió el nombre del Poverello recogiendo la recomendación de su amigo Claudio Hummes, brasileño y franciscano: no te olvides de los pobres, como le habían dicho a san Pablo (Ga 2,10), en un texto que comenta la exhortación (EG 193-196). Entonces tomó el nombre Francisco, lo que ningún Papa había hecho” (GALLI, 2014, p. 52).

⁶⁰ BOFF, 2014, p. 51.

⁶¹ AUGUSTIN, 2016, p. 100.

O cristão que busca ser fiel ao Evangelho descobriu que “Deus está com os pobres e os pobres estão em Deus”⁶². Por isso o papa Francisco insiste numa Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar. [...] É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles” (EG, n. 198). O pobre é reconhecido na sua dignidade humana e no seu protagonismo na evangelização, temos neles o critério da autenticidade eclesial:

Em meio a tantos discursos teóricos sobre o que era mais ou menos importante no seguimento de Cristo e sem diminuir o valor da lei, a Igreja-Mãe de Jerusalém indica, como caminho seguro e como ‘critério-chave de autenticidade’, que Paulo e os demais deveriam ‘lembrar-se sempre dos pobres’ (Gl 2, 10).⁶³

Lembrando-se dos pobres como critério de autenticidade do agir da *Igreja em saída* missionária, cumpre a ela o dever profético de denunciar: a economia da exclusão (EG, n. 53-54), a nova idolatria do dinheiro (EG, n. 55-56), um dinheiro que governa em vez de servir (EG, n. 57-58), a desigualdade social que gera violência (EG, n. 59-60). A “tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano” (EG, n. 182). Na construção do bem comum, de um mundo melhor, “embora a justa ordem da sociedade e do Estado seja dever central da política, a Igreja não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça” (EG, n.183). A exortação apostólica frisa que para a Igreja a opção pelos pobres é uma categoria mais teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica (EG, n. 198).

2.6 Conceituando *Igreja em saída*

É na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* que a expressão *Igreja em saída* se manifesta explicitamente e atinge seu maior desenvolvimento na reflexão do papa Francisco. A expressão *Igreja em saída* aparece uma única vez na *Evangelii Gaudium* no subtítulo *Uma Igreja em saída*, do primeiro capítulo do documento. No entanto, a reflexão sobre a *Igreja em saída*, que está nucleada na *Evangelii Gaudium* do número 20-23, se estende por todo o texto com termos correlatos que buscam explicitar o que seja a *Igreja em saída*. Segundo o teólogo Paulo Suess a exortação aponta uma visão de Igreja que pode ser descrita com os seguintes verbos: “abrir, sair, caminhar, converter, priorizar, despojar, diversificar na unidade do Espírito Santo”⁶⁴.

⁶² POBRES. In: SUESS, 2015, p. 139.

⁶³ GONZAGA, Waldecir. Os pobres como “critério-chave de autenticidade” eclesial. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras), p. 75- 95. p. 86.

⁶⁴ IGREJA. In: SUESS, 2015, p. 95.

A *Igreja em saída* tem substituído a expressão nova evangelização que esteve presente até a XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, que em 2012 refletiu sobre *A nova evangelização para a transmissão da fé cristã*⁶⁵. A *Evangelii Gaudium* abandona a controversa expressão nova evangelização e assume o paradigma missionário da *Igreja em saída*.

Mas, se por um lado a expressão nova evangelização levantava sérios questionamentos, por outro lado não é diferente com a *Igreja em saída*, que suscita uma série de questões que precisam ser elucidadas.

1. Quem deve sair?

Antes de tudo é preciso refletir a *Igreja em saída* como uma saída de si mesmo, entendendo que todos os batizados são Igreja. Quando usamos a expressão *Igreja em saída*, mentalmente fazemos alusão de movimento, deslocamento, ação de ir. Daí a “eclesiologia de Francisco é uma Igreja em movimento que precisa de movimentos, mas não é uma eclesiologia para uma Igreja de movimentos”⁶⁶. Os movimentos eclesiais, que no pós-Concílio Vaticano II ganharam espaço com a valorização do laicato no *ad intra* e *ad extra* da Igreja, por um lado auxiliaram na promoção de um laicato católico organizado e por outro lado promoveram uma elite leiga⁶⁷. “A novidade de Francisco em relação aos leigos vem da ênfase no povo de Deus”⁶⁸. Protagonista da *Igreja em saída* não é uma elite de privilegiados, sejam leigos ou clero, mas todos os batizados sob a condução do Espírito Santo.

2. Sair por quê?

O discípulo missionário sai porque compreende a dimensão eclesial como um dos elementos constituintes do seu ser cristão, por isso se sente responsável pela missão de anunciar o Evangelho e formar comunidade. Além disso, no “plano [...] teológico, a saída de si mesmo é uma operação que se realiza no nível da própria divindade. Deus, ao criar o mundo, sai de si mesmo, faz surgir uma realidade do nada (*ex nihilo*) e, através dela, manifesta o seu ser, mas Deus não apenas cria, ele se revela na história”⁶⁹. O próprio Deus se coloca em movimento de

⁶⁵ SUESS, Paulo. Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária do Papa Francisco. *Pistis&Praxis*, Paraná, v. 8, n. 3, p. 659-671, set./dez. 2016. p. 661.

⁶⁶ “L’eclesiologia di Francesco è una Chiesa in movimento che ha bisogno dei movimenti, ma non è una eclesiologia per una Chiesa dei movimenti”. FAGGIOLI, Massimo. *Il laici nella Chiesa di Francesco*. In: RICCARDI, Andrea. *Il cristianesimo al tempo di papa Francesco*. Roma: Laterza & Figli, 2018. p. 198-214. p. 208.

⁶⁷ FAGGIOLI, 2018, p. 208.

⁶⁸ “La novità di Francesco circa il laicato viene dall’enfasi sul popolo di Dio” (FAGGIOLI, 2018, p. 208).

⁶⁹ “En un plano estrictamente teológico, la salida de sí es una operación que tiene lugar en el plano de la misma divinidad. Dios, al crear el mundo, sale de sí, hace emerger una realidad de la nada (*ex nihilo*) y, a través de ella, manifesta su ser, pero Dios no solo crea, se revela en la historia”. SALIDA DE SÍ. In: TORRALBA, Francesc. *Diccionario Bergoglio: Las palabras clave de un pontificado*. Madrid: San Pablo, 2019. p. 316.

saída de si mesmo para entrar na história dos seus filhos e filhas, a *Igreja em saída* se torna o reflexo permanente e atual do movimento de saída iniciado por Deus.

A tradição bíblica está repleta de exemplos da saída de si mesmo para se colocar ao serviço do outro, que no encontro deixa de ser o estranho para se tornar nosso próximo, nosso irmão.

3. Sair para quê?

O próprio papa Francisco na tentativa de revelar o sentido da proposta da *Igreja em saída* destaca:

[...] sair para anunciar, para curar, para consolar, para ensinar. Isso significa sair, apesar de não ser bem recebido. Este movimento é constantemente mencionado na história da salvação. Os personagens bíblicos saem do seu ambiente, da sua situação, obedecem ao chamado de Deus que os impele ao movimento de saída. É o caso paradigmático de Moisés. O patriarca ouve uma voz que o convoca a deixar, com o seu povo, a terra do Egito.⁷⁰

A proposta da *Igreja em saída* é atingir o objetivo de evangelizar, em si não é nenhuma novidade, pois a Igreja sempre evangelizou e existe justamente para isso, a novidade está justamente na postura que a Igreja assume ao abraçar a proposta de uma *Igreja em saída* missionária. Nesta tarefa evangelizadora de tornar o Reino de Deus presente no mundo, já não podemos ficar esperando que venham até nós. Na situação atual, torna-se imprescindível que aprendamos a primeirizar no ir ao encontro, envolver-se, acompanhar, para então frutificar e festejar (EG, n. 24).

A Igreja deve sair sem pretensões proselitistas, mas sair com o intuito de tornar o nome de Jesus conhecido e amado. “Chama-nos a atenção o objetivo desta saída, que não é a conquista de outro ou de um território, nem mesmo a busca de mais fiéis à Igreja”⁷¹. Partindo da “centralidade de Jesus Cristo que, na união do Espírito Santo, realizou o plano salvífico do Pai. Este plano foi confiado à Igreja que, ungida no Espírito Santo, existe para torná-lo presente e acessível ao ser humano de cada época e lugar”⁷². Na força do Espírito Santo a Igreja existe para tornar acessível, a cada pessoa humana, o plano de amor redentor do Pai.

⁷⁰ “salir para anunciar, para sanar, para consolar, para enseñar. Esto significa salir, a pesar de no ser bien recibido. Este movimiento está constantemente referido en la historia de la salvación. Los personajes bíblicos salen de su entorno, de su situación, obedecen la llamada de Dios que les impele al movimiento de salida. Es el caso paradigmático de Moisés. El patriarca ausculta una voz que le convoca a salir, con su pueblo, de la tierra de Egipto” (SALIDA DE SÍ. In: TORRALBA, 2019, p. 316).

⁷¹ KUZMA, 2014, p. 201.

⁷² FERNANDES, 2014b, p. 280-281.

4. Sair para quem e para onde?

A Igreja em saída tem os pobres como destinatários privilegiados (EG, n. 197-201). O discípulo missionário vai ao encontro da pessoa humana onde quer que sua vida esteja acontecendo.

[...] a atividade missionária exprime-se no anúncio aos pagãos, no diálogo entre Deus e os homens através da ação dos arautos, no encontro do Evangelho com os valores, na comunhão com as diferentes comunidades humanas e na presença em situações fronteiriças onde Igreja e mundo se encontram. A presença da Igreja no mundo não tem como objetivo a construção de um novo cristianismo para substituir um sistema consolidado, mas contribuir para a ação criativa a que o homem é chamado.⁷³

Rompe-se com qualquer tipo de tendência restauracionista duma cristandade medieval para se colocar no centro da evangelização a preocupação com a pessoa humana, pois compreende-se, olhando para o mistério da encarnação, que uma autêntica evangelização é verdadeira humanização.

5. Sair como?

Sair com uma postura de abertura e diálogo. É necessário um exercício eclesial de olhar para dentro e para fora, e evitar fechamentos por um testemunho de abertura que seja capaz de promover a cultura do diálogo e ao mesmo tempo interpelar o mundo nas suas violentas contradições. “O diálogo é um dos primeiros passos fundamentais para a dinâmica da ‘saída’. Urge que a Igreja auxilie no processo humano de encontro entre a liberdade e responsabilidade para agir ético e solidário”⁷⁴.

Sem promover a cultura do diálogo a *Igreja em saída* não conseguirá avançar, por isso a exortação apresenta três âmbitos do diálogo para a verdadeira evangelização: “o diálogo com os Estados, com a sociedade – que inclui o diálogo com as culturas e as ciências – e com os outros crentes que não fazem parte da Igreja Católica (EG 238)”⁷⁵. A promoção da cultura do diálogo entre a sociedade, as culturas e a ciência e com os demais religiosos se trata do esforço de tentar travar diálogos com todas as pessoas de boa vontade. Enquanto *Igreja em saída* nos damos conta de que um diálogo é mais do que comunicação duma verdade (EG, n. 142).

⁷³ “L’attività missionaria si declina nell’annuncio ai pagani, nel dialogo tra Dio e gli uomini attraverso l’azione degli annunciatori, nell’incontro del Vangelo con i valori, nella comunione con le diverse comunità umane e nella presenza nelle situazioni di frontiera dove s’incontrano Chiesa e mondo. La presenza della Chiesa nel mondo non ha come obiettivo la costruzione di una nuova cristianità in sostituzione di un sistema consolidato, ma di contribuire all’azione creatrice a cui l’uomo è chiamato” (CASAROTTO, 2019, p. 118).

⁷⁴ TAVARES, 2014, p. 213.

⁷⁵ PEDROSA- PÁDUA, 2014, p. 142-143.

6. Sair e voltar, ou sair e permanecer fora?

O primeiro passo é o movimento de sair de si mesmo, para depois ir ao encontro do outro com atitude de respeito e disponibilidade para servir. No pontificado do papa Francisco a expressão *Igreja em saída* ressoa como uma síntese de todos os seus esforços no cumprimento da sua árdua missão de bispo de Roma. O sair para ir ao encontro supõe uma porta sempre aberta, sinal de uma mentalidade também aberta, que permita o trânsito livre daqueles que partem e regressam. Uma postura de abertura que se desdobra em várias direções, mas que visa sempre a inclusão na comunidade de fé. O discípulo missionário sai não simplesmente para permanecer fora, mas para anunciar e incluir a outros na dinâmica da Boa Nova da Salvação.

Inúmeras vezes podemos ler na exortação os diversos sentidos que o papa Francisco admite ao termo sair:

Sair torna-se, no ensinamento de Francisco, uma palavra central: ‘Sair de si mesmo... sempre além’ (EG 21); sair ‘é vital... sem demora, sem repulsa e sem medo’ (EG 23); sair para ‘procurar os que estão longe e chegar às encruzilhadas para convidar os excluídos’, oferecendo-lhes misericórdia; sair ‘tocando a carne sofredora de Cristo no povo’ (EG 24); sair ‘às periferias do próprio território ou a novos espaços socioculturais’ (EG 30), incluindo o bispo (EG 31); sair para anunciar a essência do cristianismo (EG 34-37); sair para proclamar o Reino de Deus.⁷⁶

Exigência da *Igreja em saída* é que cada batizado, como discípulo missionário, compreenda esta saída missionária não como um apêndice ou uma tarefa que podemos deixar de lado, mas entenda que a vida de cada um é uma missão nesta terra (EG, n. 273).

A exortação apostólica *Evangelii Gaudium* nos oferece um conceito de *Igreja em saída* que, de modo sintético, abrange toda a reflexão que temos feito até aqui: “Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém” (EG, n. 23). Sair por fidelidade ao mandato missionário para anunciar o Evangelho de Jesus Cristo, sair ao encontro de todos, sair urgentemente e destemidamente para partilhar a nossa alegria.

⁷⁶ “Uscire diventa, nel magistero di Francesco, una parola centrale: ‘Uscire da sé... sempre oltre’ (EG 21); uscire ‘è vitale... senza indugio, senza repulsioni e senza paura’ (EG 23); uscire per ‘cercare i lontani e arrivare agli incroci delle strade per invitare gli esclusi’, offrendo loro la misericordia; uscire ‘toccando la carne sofferente di Cristo nel popolo’ (EG 24); uscire ‘verso le periferie del proprio territorio o verso i nuovi ambiti socio-culturali’ (EG 30), incluso il vescovo (EG 31); uscire per annunciare l’essenza del cristianesimo (EG 34-37); uscire per proclamare il Regno di Dio”. BRAVO, Benjamin. Il territorio e la Chiesa. In: RICCARDI, Andrea. *Il cristianesimo al tempo di papa Francesco*. Roma: Laterza & Figli, 2018. p. 184-197. p. 193.

2.7 A *introversão eclesial* segundo a *Evangelii Gaudium*

A *Evangelii Gaudium* visa expressar a proposta de *Igreja em saída*, no entanto, podemos identificar elementos que denunciam a influência da *introversão eclesial* na reflexão do papa Francisco. Consciente das resistências ao Concílio Vaticano II e também ao seu pontificado, Francisco não se deixa intimidar e segue adiante na proposta de iniciar processos. Tais resistências têm se revelado não só no interno da Igreja, percebemos também rejeições externas à *Evangelii Gaudium*. A partir destas resistências internas e externas podemos elencar temas que apontam para a *introversão eclesial*:

1. Uma economia que mata - Com voz profética, o papa Francisco não se cansa de denunciar aquilo que diminui ou mata a vida humana. Para ele o critério não pode ser o do mercado financeiro, mas a centralidade de toda pessoa humana. As rejeições externas ao papa Francisco, via de regra:

[...] têm se voltado para o capítulo 2 (EG 53-54), que trata dos rumos econômicos, políticos e sociais do mundo. [...] [O papa] denuncia clara e diretamente o domínio absoluto das leis do mercado sobre a dignidade das pessoas, vendo neste domínio a origem das exclusões e dos sofrimento de muita gente.⁷⁷

Tais posturas tem feito do papa uma figura renomada mundialmente, como aquele que tem coragem de se posicionar, enfatizando que esta economia mata (EG, n. 53). Como o líder da *Igreja em saída*, o papa Francisco atesta que tudo aquilo que diz respeito ao ser humano, diz respeito também à evangelização integral, por isso não teme se declarar sobre os mais variados temas. O Bispo de Roma alerta que na “origem da crise financeira há uma crise antropológica, afirma a Exortação, a ‘negação da primazia do ser humano’ (EG 55) como um todo, e a redução do humano a apenas uma de suas necessidades, o consumo”⁷⁸. Já aqueles que militam em nome da *introversão eclesial* querem restringir cada vez mais o discurso da Igreja ao âmbito de uma religiosidade esvaziada de qualquer significado objetivo na vida das pessoas.

2. Preciosismo sacramental - No interno da Igreja são inúmeras as resistências que o papa Francisco enfrenta. “Para a Igreja, a Exortação é uma forte advertência contra as três desgraças atuais: teologia do pano, a liturgia da fumaça e a pastoral dos prodígios”⁷⁹. Tais desgraças elencadas se transvestem de uma valorização sacramental que, por fim, se tornam um

⁷⁷ AMADO, 2014, p. 28.

⁷⁸ PEDROSA- PÁDUA, 2014, p. 138-139.

⁷⁹ AMADO, 2014, p. 31.

preciosismo que provoca justamente o contrário do que se propunha inicialmente, pois acabam por banalizar os sacramentos.

3. Relativismo - Na linha de denúncia ao relativismo, um tema que foi caro ao papa Bento XVI, vemos a *introversão eclesial* marcando presença na reflexão da *Evangelii Gaudium*. O texto relata um relativismo moral que considera a doutrina da Igreja como injusta e até mesmo contrária aos direitos humanos, só admitindo a confiança nos direitos absolutos do indivíduo (EG, n. 64). Por outro lado, há o relativismo doutrinal que deseja acessar só aquilo que lhe é de interesse na doutrina da Igreja, como se a Igreja fosse um mercado onde eu pego somente o que eu quero. Outro aspecto do relativismo apontado na exortação é aquele considerado pior que o relativismo doutrinal, o “relativismo prático é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (EG, n. 80). O relativismo prático conduz ao isolamento que exclui Deus e os outros a partir de uma falsa ideia de autonomia (EG, n. 89).

O papa argentino reflete ainda sobre o relativismo estético, pois a exortação aponta que uma das vias para seguir a Cristo é a via do que é justo e belo: “Nesta perspectiva, todas as expressões de verdadeira beleza podem ser reconhecidas como uma senda que ajuda a encontrar-se com o Senhor Jesus. Não se trata de fomentar um relativismo estético, [...] mas de recuperar a estima da beleza para poder chegar ao coração do homem” (EG, n. 167).

Em todas estas expressões de relativismo, como facetas da *introversão eclesial*, podemos pensar direções por onde pode caminhar a *Igreja em saída*:

Relativismo moral – colocar no centro a dignidade da vida humana.

Relativismo doutrinal – voltar às fontes como propunha o Vaticano II⁸⁰.

Relativismo prático – encontrar Cristo no rosto dos pobres.

Relativismo estético – perceber o potencial do belo como acesso ao coração do homem.

4. Igreja autorreferencial - Agarrar-se às seguranças do passado como uma atitude defensiva é uma das formas de manifestação da *introversão eclesial*. A exortação *Evangelii Gaudium* constata e, ao mesmo tempo, já indica uma direção para superar a *introversão eclesial* enquanto fechamento provocado pela autorreferencialidade:

⁸⁰ “E o Concílio, sobretudo na ‘Constituição sobre a Igreja no mundo de hoje’ (*Gaudium et Spes*), assinala [...] a volta à fonte não pode ser repetição arqueologizante, mas um traslado atualizador, um trazer para o presente o que ali está descoberto e rememorado”. QUEIRUGA, Andrés Torres. Volta às raízes: Renovar-se a partir da experiência originária. In: SILVA, José Maria da (Org.). *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 26 – 37. p. 32.

O ideal cristão convidará sempre a superar a suspeita, a desconfiança permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual. Muitos tentam escapar dos outros fechando-se na sua privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, e renunciam ao realismo da dimensão social do Evangelho. (EG, n. 88)

Invocando a dimensão social do Evangelho o papa Francisco convida os cristãos ao diálogo franco e desarmado com o mundo atual, mesmo tendo consciência de que nem sempre será um diálogo fácil.

5. Perigos do regresso ao sagrado - Nem sempre a *introversão eclesial* se mostra de modo explícito. Dada a sua capacidade de adaptação, pode assumir também formas complexas, nem sempre perceptíveis à primeira vista. É o que pode acontecer com o movimento de regresso ao sagrado que temos observado em nosso contexto.

O regresso ao sagrado e a busca espiritual, que caracterizam a nossa época, são fenômenos ambíguos. Mais do que o ateísmo, o desafio que hoje se nos apresenta é responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro. (EG, n. 89)

Num fenômeno que aparentemente seria uma boa notícia à religião, o papa Francisco constata os diferentes sentidos que podem assumir, na contemporaneidade, esse regresso ao sagrado e a busca espiritual. Tal fenômeno pode ser uma oportunidade para a *Igreja em saída*, mas também é oportunidade para a *introversão eclesial* com suas práticas religiosas alienantes, revestidas como religião.

6. Rejeição da instituição eclesial - Não é difícil ouvir entre os nossos contemporâneos: “Jesus, sim; Igreja, não!” Este *slogan* da segunda metade do séc. XX reflete uma atitude muito difundida. O mistério da Igreja no plano divino de salvação tornou-se estranho até para muitos dos membros das nossas comunidades”⁸¹. Percebe-se um menosprezo às instituições religiosas, tal menosprezo, embora possa encontrar suas bases no contratestemunho dos membros das instituições religiosas, permanece sempre uma atitude infundada:

[...] não é difícil ver que a rejeição total supõe uma atitude irrealista. Nada pode durar na história sem algum tipo de organização, de instituição. Basta pensar que, se após a morte de Jesus os apóstolos e demais discípulos não tivessem fundado uma comunidade [...] o cristianismo não teria chegado até nós.⁸²

⁸¹ AUGUSTIN, 2016, p. 73.

⁸² QUEIRUGA, 2014, p. 27.

Com isto vemos que é tarefa da *Igreja em saída* introduzir todos os seus membros no mistério da Igreja (LG, n. 1-8), que permanece sendo uma instituição necessária na constante tarefa de evangelizar. A *Igreja em saída* é também retomada da credibilidade da Igreja enquanto instituição que traz em si traços humanos e divinos.

A *Igreja em saída* é um processo que se abriu e seguirá avançando, na medida de nossa dedicação e conversão missionária. Em contrapartida, os possíveis retrocessos sempre serão resultado da *introversão eclesial*, que também não será superada de uma vez por todas. A constante tentação da *introversão eclesial* exigirá sempre da Igreja postura de vigilância e conversão constantes.

2.8 A modo de conclusão

A proposta de *Igreja em saída*, apresentada pelo papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, é resultado da caminhada da Igreja, bem como da trajetória pessoal de Bergoglio. Percebemos a fidelidade do papa Francisco ao Concílio Vaticano II e, ao mesmo tempo, vemos a relevância do Documento de Aparecida, como símbolo da tradição latino-americana, na elaboração da expressão *Igreja em saída*.

A partir das chaves hermenêuticas *discípulos missionários*, *conversão pastoral* e *opção pelos pobres*, podemos aproximar pela análise temática a *Evangelii Gaudium* do Documento de Aparecida, o que é um forte indicativo de que sua influência no documento programático do papa Francisco vai além das citações diretas que o texto apresenta.

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, número vinte, temos uma afirmação basilar do que seja a *Igreja em saída*, ou seja, é a tomada de consciência de que precisamos sair com coragem para alcançar as periferias com a luz do Evangelho. A Igreja que sai não deve colocar o enfoque no que ela deve ser, mas no que ela deve fazer. É no caminho, sob o impulso do Espírito Santo, que a Igreja experimentará a autenticidade do seu ser missionário.

A *Igreja em saída* revela a necessidade de colocar todas as ações eclesiais em linha missionária. É a pastoral decididamente missionária onde todos os fiéis, valorizados na vocação batismal, se tornam discípulos missionários protagonistas da evangelização. Desse modo caminhamos rumo a uma Igreja descentralizada, dialogante, mundial, misericordiosa, caridosa, sinodal e que encontrará caminhos para aprimorar o magistério, reformar estruturas e atualizar sua linguagem para melhor expressar a revelação perene à humanidade contemporânea.

A consideração da *introversão eclesial* nos ajuda não só a compreender, como também nos aponta caminhos para efetivação da *Igreja em saída*. Na missão temos a superação de todo

tipo de *introversão eclesial*, através dela podemos mergulhar no mistério da Igreja. “A missão chama a Igreja para servir ao propósito de Deus no mundo. A Igreja não possui uma missão, mas a missão possui uma Igreja”⁸³.

⁸³ BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. *Diálogo profético: reflexões sobre a missão cristã hoje*. São Paulo: Paulinas, 2016. p. 34.

3 IGREJA EM SAÍDA E A PORTA DA BÍBLIA

O magistério do papa Francisco é perpassado pela valorização do imagético, são diversas imagens que ele nos apresenta para ilustrar seu pensamento: *Igreja em saída* (EG, n. 20), poliedro (EG, n. 236), casa comum (EG, n. 206), casa aberta do Pai (EG, n. 47), alegria de evangelizar (EG, n. 10), Igreja como mãe de todos (EG, n. 210), mundanismo espiritual (EG, n. 93), etc. O próprio papa Francisco nos diz sobre a importância do uso de imagens: “Uma imagem fascinante faz com que se sinta a mensagem como algo familiar, próximo, possível, relacionado com a própria vida” (EG, n. 157).

Com a utilização das imagens o papa Francisco deseja se aproximar da vida dos seus interlocutores, deseja que as pessoas possam se identificar com suas palavras, ver nelas o reverberar de suas próprias vidas. Considerando esta metodologia do papa Francisco entendemos que para explicar sobre o conceito de *Igreja em saída*, até aqui investigado no Documento de Aparecida e na *Evangelii Gaudium*, seja válido relacionar a imagem da porta, à presente pesquisa.

Deste modo, trataremos de apontar neste capítulo a metáfora da porta aplicada à proposta de *Igreja em saída*. Sendo impossível pensar a *Igreja em saída* de modo estático, nos debruçaremos a investigar as possibilidades de uma Igreja que se mantém de portas abertas. Mas, assim como toda casa possui uma porta principal, destacaremos para este lugar relevante a porta da Bíblia, enquanto aquela que contém a Palavra de Deus. Nesta parte, é importante nos determos a investigar a relação da revelação e a *Dei Verbum*. A seguir estabeleceremos pontos de contato entre a Bíblia e o Documento de Aparecida, a Bíblia e a *Evangelii Gaudium*, a Bíblia e a sua relação com a *introversão eclesial*. Por fim, tendo adentrado pela porta da Palavra de Deus refletiremos sobre a proposta do papa Francisco de *Igreja em saída* e as suas implicações para a missão hoje.

3.1 A metáfora da porta e a *Igreja em saída*

Quando se fala de *Igreja em saída* pensamos numa ação de movimento, de ir ao encontro de pessoas, de realidades, etc. “Se a Igreja quer ser uma voz ouvida pelo mundo hodierno, como os primeiros discípulos ouviram e seguiram o exemplo e os passos de Jesus Cristo, ela precisa

sair de si mesma e se deixar transformar através da sua vocação missionária”¹. É do próprio Jesus que temos o exemplo de sair de si mesmo, através da sua *kenosis*, ou seja, do seu esvaziamento no processo da encarnação (cf. Fl 2, 6-7). Ele, que durante sua vida pública desempenhou sua missão nas estradas da vida, se encontrava com as pessoas no cotidiano de suas vidas.

A Igreja em saída nos coloca em movimento e exige de nós decisão para adentrarmos com a Boa Nova do Evangelho nas novas realidades e ambientes. Propomos a metáfora da porta, que pode nos ajudar a compreender o projeto missionário que o papa Francisco nos apresenta.

3.1.1 Metáfora da porta

As pessoas fazem uso da metáfora da porta para expressar situações que sem a sua utilização dificilmente seriam exprimíveis. “A metáfora da porta facilita a compreensão de determinadas situações vividas e muitas vezes expressa o que não pode ser formulado nem compreendido de outra maneira”². A porta possui um conceito material, físico e fundamental para estrutura espacial³, mas também possui um outro sentido metafórico. Buscando uma definição no Dicionário de Símbolos encontramos:

A porta simboliza o local de passagem entre dois estados, entre dois mundos, entre o conhecido e o desconhecido, a luz e as trevas, o tesouro e a pobreza extrema. A porta se abre sobre o mistério. Mas ela tem um valor dinâmico, psicológico; pois não somente indica uma passagem, mas convida a atravessá-la. É o convite à viagem rumo a um além...⁴

A porta é apresentada como um marco entre duas realidades diferentes, como passagem que convida à travessia, à decisão. A porta “possibilita ao homem exercer a condição de sujeito de sua própria existência”⁵. Além disso, introduz na “linguagem a ideia de abertura e

¹ FERNANDES, Leonardo Agostini. O culto da Verdade... Ao redor da Palavra de Deus. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014a. (Coleção Fronteiras). p. 97-116. p. 99.

² CAVALCANTE, Sylvia. A porta e suas múltiplas significações. *Estudos de Psicologia*, v. 8, n. 2, p. 281-288, ago. 2003. DOI: 10.1590/S1413-294X2003000200010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/Z46bWt8mjzGqb8nPsmVDCJm/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Sylvia%20Cavalcante&text=A%20porta%20%C3%A9%20um%20dos,%20Dlos%20ou%20fundi%20Dlos>. Acesso em: 8 jul. 2024. p. 284.

³ CAVALCANTE, 2003, p. 282.

⁴ PORTA. In: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1988. p. 734-738. p. 734-735.

⁵ CAVALCANTE, 2003, p. 283.

fechamento”⁶. O sujeito pode decidir abrir a porta e assim abrir-se à comunicação com os outros e com o mundo lá fora, ou fechar a porta favorecendo sua segurança e intimidade.

Abrindo-se a porta, pode-se estabelecer conexões entre os espaços, criar perspectivas de interesses diversos, descortinar espaços vizinhos. Através da abertura, o olhar pode buscar outros mundos. Contrariamente, fechando-se a porta, a privacidade é favorecida: o homem pode voltar-se para si mesmo e desenvolver atividades privilegiadas.⁷

Segundo Sylvia Cavalcante, doutora em psicologia, a liberdade de escolha entre a abertura e fechamento não existe diante da porta do outro, o que deve prevalecer é o respeito⁸. Já a porta aberta é condição de possibilidade de escolha. “Só muito raramente uma porta aberta se torna uma coerção porque permite sempre a escolha entre entrar ou permanecer do lado de fora; já uma porta fechada, que não se pode abrir, é um entrave à ação”⁹.

Diante da provocação que a porta nos impõe de ultrapassá-la ou não podemos observar três tempos: “antes, durante e depois da porta – caracterizados todos, pelo mesmo objetivo funcional, a passagem propriamente dita, e adaptação ao novo espaço ou domínio de ação”¹⁰. Esses três tempos valem tanto para a porta material ou no sentido metafórico que estamos destacando¹¹.

As portas exercem também um valor regulatório do fluxo de passagem entre aqueles que passaram e aqueles que foram barrados¹², tal regulação é uma das características que determinam a necessidade da porta. Se fosse só fechamento, a porta seria muro, e da mesma forma, perderia a razão de ser caso fosse só abertura, possibilitando a passagem de tudo e todos. Segundo Sylvia Cavalcante, as portas cumprem o papel de guardiãs daquilo que está dentro, quanto mais valioso for o objeto mais a acessibilidade será reduzida¹³.

A metáfora da porta se manifesta nas mais diversas tradições e culturas, sendo que nas “tradições judaicas e cristãs a importância da porta é imensa, porquanto é ela que dá acesso à revelação”¹⁴. A porta como passagem entre mundos, seja o profano e o sagrado, remete “a possibilidade de acesso a uma realidade superior (ou, inversamente, da efusão de dons celestes

⁶ CAVALCANTE, 2003, p. 282.

⁷ CAVALCANTE, 2003, p. 282.

⁸ CAVALCANTE, 2003, p. 283.

⁹ CAVALCANTE, 2003, p. 284.

¹⁰ CAVALCANTE, 2003, p. 287.

¹¹ CAVALCANTE, 2003, p. 287.

¹² CAVALCANTE, 2003, p. 284.

¹³ CAVALCANTE, 2003, p. 285.

¹⁴ PORTA. In: CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 735.

sobre a terra)”¹⁵. Numa linguagem escatológica Antigo e Novo Testamento fazem referência às portas dos céus¹⁶, portas da morte¹⁷, e por fim a designação do próprio Cristo¹⁸ como a porta.

3.1.2 Relação Igreja em saída e as portas abertas

Para fundamentar nossa reflexão sobre a metáfora da porta aplicada à *Igreja em saída*, fazemos uma breve menção ao papa Bento XVI com sua carta apostólica *Porta Fidei* e ao papa Francisco com sua bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia *Misericordiae Vultus*.

O papa Bento XVI usou a metáfora da porta quando proclamou a abertura do ano da fé, que foi convocado para ter início em outubro de 2012 e encerrar-se em novembro de 2013, com a solenidade de Cristo Rei do Universo. “A porta da fé (cf. At 14, 27), que introduz na vida de comunhão com Deus e permite a entrada na sua Igreja, está sempre aberta para nós” (PF, n. 1). Na obra de Libanio, intitulada *Introdução à teologia fundamental*, temos uma reflexão sobre a porta da fé no caminho da nova evangelização¹⁹, com a qual o autor afirma que a “*Porta Fidei*, de Bento XVI, oferece excelente metáfora para a Teologia Fundamental”²⁰.

No decorrer do ano da fé sucedeu a renúncia do papa Bento XVI²¹, sendo que o encerramento do ano da fé foi realizado pelo recém-eleito²² papa Francisco, que assim se expressou na encíclica sobre a fé intitulada *Lumen Fidei*:

Estas considerações sobre a fé — em continuidade com tudo o que o magistério da Igreja pronunciou acerca desta virtude teologal— pretendem juntar-se a tudo aquilo que Bento XVI escreveu nas cartas encíclicas sobre a caridade e a esperança. Ele já

¹⁵ PORTA. In: CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 736.

¹⁶ “Falar-se-á do mesmo modo de portas dos céus (Gênesis, 28, 17; Salmos, 78, 23) que Deus abre para se manifestar (Apocalipse, 4, 1) e espalhar seus benefícios sobre os homens (Malaquias, 3, 10). Inversamente, a abertura das portas (da nova Jerusalém escatológica, Isaías, 60, 11, do Templo ideal...) simboliza o livre acesso do povo santo à graça de Deus)” (PORTA. In: CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 736).

¹⁷ “As portas da morte (Isaías, 38,10), dos infernos ou morada dos mortos (Mateus, 16, 18) simbolizam o poder notável desse abismo do qual não se pode sair, mas sobre o qual Cristo se proclama vencedor. Ele detém as suas chaves (Apocalipse, 3, 7)” (PORTA. In: CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 736-737).

¹⁸ “[...] a porta tida como uma designação simbólica do próprio Cristo (João, 10, 1-10): Ele é a única porta pela qual as ovelhas podem ter acesso ao curral, isto é, ao reino dos eleitos” (PORTA. In: CHEVALIER; GHEERBRANT, 1988, p. 737).

¹⁹ “Não significa ruptura, por sua vez, situa-se em outra perspectiva. [...] A tradição de Medellín quis corrigir a rota da evangelização vinda de fora [...] A preocupação de João Paulo II e de Bento XVI se voltou para as regiões da antiga evangelização que se secularizaram [...] Não faltaram também programas de evangelização que assumiram a forma quase de verdadeira empresa. Montaram-se gigantescos programas com os recursos midiáticos”. LIBANIO, João Batista. *Introdução à Teologia Fundamental*. São Paulo: Paulus, 2014b. (Coleção Introduções). p. 210-211.

²⁰ LIBANIO, 2014b, p. 107.

²¹ A renúncia do papa Bento XVI ocorreu em 28 de fevereiro de 2013.

²² O papa Francisco foi eleito na data de 13 de março de 2013.

tinha quase concluído um primeiro esboço desta carta encíclica sobre a fé. Estou-lhe profundamente agradecido e, na fraternidade de Cristo, assumo o seu precioso trabalho, limitando-me a acrescentar ao texto qualquer nova contribuição. (LF, n. 7)

Com as referidas palavras do papa Francisco percebemos o seu respeito e consideração ao seu predecessor. A encíclica *Lumen Fidei* (2013) sobre a fé é a conclusão da trilogia de documentos encetados pelo papa Bento XVI, que já havia escrito a encíclica *Deus caritas est* (2005) sobre o amor cristão, e a encíclica *Spe Salvi* (2007) sobre a esperança.

A metáfora da porta está presente na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, onde podemos ler: “A Igreja ‘em saída’ é uma Igreja com as portas abertas” (EG, n. 46). Diante das portas abertas descortina-se a possibilidade de um duplo movimento: de saída e de acolhimento. “Não se pode pensar uma Igreja em Saída que de fato não saia de suas estruturas, mas também não dá para conceber uma Igreja em Saída que não acolha, em seu corpo eclesial e também físico, novos membros”²³. A abertura para sair ao encontro do mundo e a mesma abertura para acolher aqueles que decidem adentrar pelas portas abertas da Igreja.

Na *Igreja em saída* a porta aberta se torna símbolo do envio missionário, da ousadia de evangelizar e dialogar com o mundo lá fora. “Sair em direção aos outros [...] não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido” (EG, n. 46), o papa Francisco sem rodeios explica que devemos ir aos pobres e não deixá-los sozinhos (EG, n. 48). “A porta aberta, portanto, é um convite não apenas a entrar, mas também e sobretudo a sair em busca dos que estão perdidos em seu próprio eu, ou afastados por não se sentirem parte da comunidade”²⁴.

Sem ingenuidade e sem pessimismo estéril, o papa Francisco sabe que, de portas abertas e em saída, estamos expostos a perigos inimagináveis, no entanto, se não sair a Igreja adocece, por isso afirma: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG, n. 49). Ser *Igreja em saída* é um ato de fé, o “Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos [...] com a sua alegria contagiosa [...]. A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo” (EG, n. 88).

Na *Evangelii Gaudium* temos indicativos simples e práticos que podem revelar a concepção da *Igreja em saída*: “Um dos sinais concretos desta abertura é ter, por todo o lado,

²³ VILAS BOAS, Thomas da Silva. *A iconografia da eclesiologia do papa Francisco*. Orientador: Ademir Eing. 2023. 108 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia). Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://www.facasc.edu.br/Arquivos/TCC%20Thomas%20S.%20Vilas%20Boas.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024. p. 80.

²⁴ VILAS BOAS, 2023, p. 82.

igrejas com as portas abertas. Assim, se alguém quiser seguir uma moção do Espírito e se aproximar à procura de Deus, não esbarrará com a frieza duma porta fechada” (EG, n. 47). Se pretendemos ser uma Igreja de portas abertas objetivamente as portas materiais de nossos templos devem assumir o desafio de se manterem abertas.

O papa Francisco ainda acrescenta: “Mas há outras portas que também não se devem fechar: todos podem participar de alguma forma na vida eclesial, todos podem fazer parte da comunidade, e nem sequer as portas dos sacramentos se deveriam fechar por uma razão qualquer” (EG, n. 47). A proposta é que as portas materiais abertas sejam expressão da abertura e do acolhimento incondicional. “É preciso pensar essas duas dimensões: de um lado uma Igreja sempre disposta a acolher, e de outro um caminho que é sempre exigente. A proposta se centra na disposição para o acolhimento”²⁵. A abertura para o acolhimento incondicional não significa laxismo, ou um verdadeiro vale tudo. Aqueles que são acolhidos são chamados a experiência do encontro amoroso com a pessoa de Jesus Cristo, e a partir deste encontro são convidados e fortalecidos pela graça de Deus a transformar suas vidas por inteiro. A postura de abertura para acolher a todos numa *Igreja em saída* se mantém entre a tensão da permissividade laxista e do rigorismo daqueles que se consideram “controladores da graça” (EG, n. 47).

O papa Francisco também faz uso da metáfora da porta na bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia *Misericordiae Vultus* (2015), onde escreveu: “Será então uma Porta da Misericórdia, onde qualquer pessoa que entre poderá experimentar o amor de Deus que consola, perdoa e dá esperança” (MV, n. 3). Um firme propósito de que a Igreja seja a casa da misericórdia de portas abertas, de tal maneira que qualquer pessoa possa aproximar-se, entrar e fazer a experiência da misericórdia.

No encerramento do jubileu extraordinário da misericórdia foi publicada a carta apostólica *Misericordia et misera* (2016), que diz: “A Porta Santa, que cruzamos neste Ano Jubilar, introduziu-nos no *caminho da caridade*, que somos chamados a percorrer todos os dias com fidelidade e alegria” (MeM, n. 16). São palavras e expressões que nos revelam a misericórdia como caminho da caridade que diariamente deve mover a *Igreja em saída*.

3.2 Porta da Bíblia e a casa do povo de Deus

O teólogo frei Carlos Mesters conta-nos, através de uma de suas obras intitulada *Por trás das palavras*, a metáfora da porta. Numa pequena aldeia existia uma casa que era designada

²⁵ VILAS BOAS, 2023, p. 80.

como casa do povo. A casa tinha uma grande porta bem de frente para rua. “A casa fazia parte da vida do povo, graças àquela porta que unia a casa à rua e a rua à casa. [...] A porta ficava aberta, dia e noite. Seu limiar era gasto pelo uso no tempo. Muita gente, todo mundo por aí passava”²⁶. Era a porta que possibilitava o trânsito livre entre aqueles que chegavam e aqueles que partiam.

Com esta metáfora, Mesters pretende explicar como deve ser a pregação da Bíblia ao povo. “A explicação da Bíblia ao povo deveria ter o mesmo objetivo que a Bíblia sempre teve: apresentar o passado bíblico de tal maneira que nele possamos reencontrar algo de nós mesmos, das nossas aspirações e ideias”²⁷. Levar o povo a compreender a Bíblia como palavra que permanece viva em nossa vida. Para adentrar na casa da parábola era preciso passar por esta grande porta que sempre estava aberta, nos interessam aqui estas figuras da casa do povo e da grande porta, que para nós são justamente imagem da Igreja e da Palavra de Deus contida na Bíblia.

O papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* apresenta a Igreja como casa para muitos (EG, n. 288), como casa aberta do Pai (EG, n. 47). *A Igreja em saída* é a casa de muitos, é a casa do povo que possui uma grande e bonita porta principal: a Bíblia. Através da porta da Bíblia a casa inteira, que é imagem da *Igreja em saída*, pode se iluminar com a luz que vêm do mundo lá fora. Acreditamos que a Bíblia pode fazer da Igreja a casa do povo de Deus, onde todos se sintam acolhidos. Sem esta porta principal da Bíblia a casa se torna apenas mais uma casa, que pode até congregar e acolher a muitos, mas nunca será casa do povo de Deus.

Com o intuito de fundamentar nossa afirmação, da Bíblia como a porta principal da Igreja em saída, passaremos a relacionar Bíblia e: *Dei Verbum*, Documento de Aparecida, *Evangelii Gaudium* e *introversão eclesial*. Iremos priorizar alguns elementos e não todos, na relação Bíblia e os referidos documentos e realidades.

3.2.1 A revelação e a *Dei Verbum*

A teóloga italiana Marinella Perroni descreve uma das dimensões mais características do pontificado do papa Francisco: “Trata-se de uma dimensão muito específica, isto é, o peso que Francisco reserva à Escritura no desenvolvimento do ministério petrino, que fortemente ele

²⁶ MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras*. Petrópolis: Vozes, 1980. (Publicações CID. Exegese, 1). p. 13.

²⁷ MESTERS, 1980, p. 127.

quer que seja, para a Igreja, ministério de unidade e, para o mundo, ministério de esperança”²⁸. Sendo Francisco um papa que ancora seu pontificado nos ensinamentos do Concílio Vaticano II é importante explicar a compreensão da Igreja Católica sobre as expressões Palavra de Deus, Sagrada Escritura e Sagrada Tradição, numa interpretação embasada na constituição dogmática *Dei Verbum*, sobre a revelação divina. Na Teologia Católica, quando se fala da Palavra de Deus, acima de tudo se fala de Alguém. A Palavra de Deus é uma pessoa, é Jesus Cristo²⁹. O Concílio Vaticano explicitou essa verdade da seguinte forma:

Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos Profetas, Deus ‘ultimamente’, nestes dias, falou-nos pelo Filho (Hb 1, 1-2). Com efeito, Ele enviou Seu Filho, o Verbo [*Logos, Verbum*] eterno que ilumina todos os homens, para que habitasse entre os homens e lhes expusesse os segredos de Deus (cf. Jo 1, 1-18). Jesus Cristo, portanto, Verbo [*Logos, Verbum*] feito carne, enviado como ‘homem aos homens’ ‘proferes as palavras [*verba*] de Deus’ (Jo 3, 34) e consuma a obra salvífica que o Pai lhe confiou (cf. Jo 5, 36; 17, 4). Eis por que Ele, ao qual quem vê, vê também o Pai (cf. Jo 14, 9), pela total presença e manifestação de Si mesmo por palavras e obras [...]. (DV, n. 4)

Jesus Cristo é a plenitude da revelação. “Não é apenas o revelador, mas a própria revelação. [...] Ele, Palavra definitiva do Pai, entrou na nossa história humana e pode comunicar-se conosco com as modalidades expressivas da nossa natureza, pode dizer-nos ‘palavras’ que nos são acessíveis”³⁰. A *Dei Verbum* apresenta a Bíblia e Tradição como *meios* de transmissão da Palavra de Deus por excelência.

A Sagrada Escritura [Bíblia] é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura [Bíblia] a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. (DV, n. 9)

Não se trata de duas fontes distintas da revelação, teoria que se consolidou no período pós-Concílio de Trento. A constituição dogmática *Dei Verbum* quer justamente “sublinhar com força a estreita comunhão da tradição e da Escritura, a sua unidade original, a sua dependência

²⁸ PERRONI, Marinella. *Querigma e Profecia: Ahermenêutica bíblica do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco, 9). p. 13.

²⁹ A nova edição da Bíblia da CNBB (2018), traz uma mudança no texto do prólogo joanino feita com intenção pastoral: onde antes o termo grego *Lógos* era traduzido como *Verbo*, agora aparece como *Palavra* (cf. Jo 1, 1-18). Por este motivo, decidimos utilizar a expressão *Palavra de Deus* em vez de *o Verbo de Deus*.

³⁰ “Non solo è il rivelatore, ma la rivelazione stessa. [...] Egli, Parola definitiva del Padre, è entrato nella nostra storia umana e può comunicarsi a noi con le modalità espressive della nostra natura, può dirci ‘parole’ a noi accessibili”. FERRARI, Pier Luigi. *La Dei Verbum*. Brescia: Queriniana, 2005. (Interpretare la Bibbia oggi). p. 49.

mútua e a sua necessária complementaridade, para garantir à Igreja uma relação estável e vivificante com a palavra de Deus”³¹.

O Concílio Vaticano II ainda refletiu por meio da *Dei Verbum* sobre a verdade da Bíblia como Alguém, Jesus Cristo, e essa verdade é isenta de qualquer erro. O “conteúdo profundo da verdade, seja a respeito de Deus, seja da salvação do homem, se nos manifesta por meio dessa revelação em Cristo que é ao mesmo tempo mediador e plenitude de toda a revelação” (DV, n. 2). A mediação que Cristo opera “não se realiza através de um anúncio externo, mas n’Ele, na sua natureza de Verbo feito carne, de Verbo íntimo do Pai. A sua humanidade é a epifania de Deus”³².

Ainda sobre a verdade da Bíblia como Alguém a *Dei Verbum* afirma: “deve-se professar que os livros da Escritura [Bíblia] ensinam com certeza, fielmente e sem erro a verdade [= Cristo, referido em DV n. 2] que Deus em vista da nossa salvação quis fosse consignada nas Sagradas Escrituras [Bíblia]” (DV, n. 11). Entretanto, se vista por outra perspectiva, a Bíblia contém de fato falhas e imprecisões. “Estes livros [a Bíblia], embora contenham também coisas imperfeitas e transitórias, manifestam, contudo, a verdadeira pedagogia divina” (DV, n. 15). O teólogo belga e biblista Ignace de la Potterie interpretou a verdade radical da Bíblia a partir da *Dei Verbum* da seguinte forma:

Portanto, se a Escritura não contém erro, não é formalmente do ponto de vista científico ou histórico (onde diversas inexatidões podem e devem ser admitidas), mas sim do ponto de vista formal da revelação progressiva do plano salvífico de Deus: o que a Escritura me ensina não pode fazer-me desviar do caminho da verdade, que é o caminho da salvação escatológica.³³

Com isso, reafirmou-se a verdade da Bíblia enquanto revelação divina do plano salvífico de Deus, manifestando-nos a verdade da revelação divina, que tem sua plenitude em Jesus Cristo. “Esta Palavra de Deus dirigida aos homens através de autores ‘inspirados’ por Deus (e que, portanto, tem Deus como verdadeiro autor) contém a mesma verdade que a revelação

³¹ “La teoria delle ‘due fonti’, che si era venuta consolidando nel periodo post-tridentino e secondo la quale Scrittura e tradizione sarebbero due sorgenti distinte delle verità rivelate, è molto più difficile da sostenere dopo da DV. L’intensione con forza dei padri conciliari, infatti, è stata quella di sottolineare con forza la stretta comunizzazione di tradizione e Scrittura, la loro unità originaria, la loro reciproca dipendenza e la loro necessaria complementarità, per assicurare alla chiesa una relazione stabile e vivificante con la parola di Dio” (FERRARI, 2005, p. 84).

³² “[...] non si realizza attraverso un annuncio dall’esterno, ma in lui, nella sua natura di Verbo fatto carne, di intima Parola del Padre. La sua umanità è epifania di Dio” (FERRARI, 2005, p. 46).

³³ LA POTTERIE, Ignace de. A verdade da Sagrada Escritura conforme a doutrina do concílio (Cap. III da *Dei Verbum*). In: LYONNET, Stanislas et al. *A Bíblia na Igreja depois da 'Dei Verbum'*: estudos sobre a constituição conciliar. São Paulo: Paulinas, 1971. (Coleção Bíblica, 13). p. 77-111. p. 101.

divina, ou seja, o seu conteúdo é o mistério da salvação realizada em Jesus, o Senhor”³⁴. Ao mesmo tempo que a *Dei Verbum* afirmou que a Bíblia contém a verdade da revelação divina, também motivou e garantiu caminho livre para investigação científica e histórica dos textos sagrados. O método histórico-crítico se estabeleceu como o método mais recomendado para a abordagem e interpretação da Bíblia. Apesar dos seus limites, o método adquiriu importância de primeiro plano³⁵. Sobre as características do método histórico-crítico:

É um método histórico [...] procura elucidar os processos históricos de produção dos textos bíblicos, processos diacrônicos algumas vezes complicados e de longa duração. [...] É um método crítico, porque ele opera com a ajuda de critérios científicos tão objetivos quanto possíveis em cada uma de suas etapas [...] Método analítico, ele estuda o texto bíblico da mesma maneira que qualquer outro texto da antiguidade e o comenta enquanto linguagem humana. Entretanto, ele permite ao exegeta, sobretudo no estudo crítico da redação dos textos, perceber melhor o conteúdo da revelação divina.³⁶

O método histórico-crítico busca investigar a evolução do sentido expresso pelos autores e redatores, de modo a abrir ao leitor atual o significado dos textos bíblicos³⁷. Consideremos que no referir-se à Bíblia é importante a compreensão de que “os Evangelhos têm o primeiro lugar, enquanto são o principal testemunho da vida e doutrina do Verbo encarnado, nosso salvador” (DV, n. 18). A Palavra de Deus encarnada é “Cristo Senhor, em quem toda a revelação do Deus altíssimo se consuma” (DV, n. 7).

Como Bíblia compreendemos o Antigo e o Novo Testamento (DV, n. 7), sendo que os Evangelhos assumem lugar de proeminência. “A *Dei Verbum* também mostra que, diferentemente das Escrituras, que são fixas seja em sua redação literária seja em sua definição canônica, a Tradição é viva”³⁸. A partir do que é exposto na constituição dogmática *Dei Verbum*, o teólogo Pier Luigi Ferrari levanta uma crítica ao documento no que se refere à Tradição: “[...]”

³⁴ “Esta Palavra de Dios dirigida a los hombres por medio de unos autores ‘inspirados’ por Dios (y que por tanto tiene a Dios como verdadero autor) contiene la misma verdad que la revelación divina, es decir, su contenido es el misterio de la salvación realizado en Jesús, el Señor”. PACOMIO, Luciano. Bíblia. In: MANCUSO, Vito; PACOMIO, Luciano (Dir.). *Diccionario Teológico Enciclopédico*. 4 ed. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2003. p. 111-112.

³⁵ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1994. (Documentos pontifícios). p. 16.

³⁶ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 16.

³⁷ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 19.

³⁸ FELLER, Vitor Galdino. Escritura, Tradição e Magistério. In: DE MORI, Geraldo et al. (Orgs.). *Theologica Latinoamericana: enciclopédia digital*. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://teologialatinoamericana.com/?p=2510>. Acesso em: 06 maio 2024. Não paginado.

falta uma definição circunscrita de ‘tradição’ [...] em toda a constituição e isto foi destacado por alguns como uma lacuna na *DV*, tanto no campo protestante como no campo católico”³⁹.

A Tradição é “mãe da Sagrada Escritura [Bíblia], uma vez que antes de os livros serem escritos, no seu caudal histórico, já vinham acontecendo a revelação de Deus e a libertação do povo como obra de Deus”⁴⁰. É ainda filha e irmã contemporânea da Bíblia “pois continuou também depois de a Escritura [Bíblia] estar acabada, e continua até hoje”⁴¹.

Assim, como qualquer organismo vivo que para permanecer vivendo precisa constantemente se renovar, a Tradição enquanto organismo vivo se renova constantemente e ao “fazer isso, a Igreja não acrescenta nada de novo (*non nova*) ao evangelho, mas anuncia a novidade de Cristo de uma maneira nova a cada vez (*sed noviter*)”⁴². A Boa Nova permanece sempre o Evangelho de Jesus Cristo, que na criatividade deve se manifestar de novas maneiras no hoje da humanidade.

Com a constituição dogmática *Dei Verbum* afirmamos que a Tradição é viva, sendo “um organismo vivo, todos os seus componentes participam, cada um a seu modo, nesta função vital de transmissão: magistério, fiéis, religiosos, leigos, teólogos, simples crentes. E, no entanto, o magistério é o único que interpreta autenticamente”⁴³. Se todos que compõe a Igreja participam a seu modo dando vitalidade à Tradição, então por que só o magistério tem o poder de interpretar autenticamente? Não haveria outros critérios para designar o que seja a autêntica Tradição?

“Ora, o Vaticano II reconheceu que o primeiro depositário da revelação de Deus é o povo. ‘O conjunto dos fiéis, ungidos que são pela unção do Santo (cf. 1 Jo 2, 20.27), não pode enganar-se no ato de fé’”⁴⁴. Sendo assim, esse povo de Deus deseja participar de modo ativo, consciente e efetivo da missão do magistério, “o que se espera, cada vez mais, é que a hierarquia não expresse afirmações em matéria de dogma ou moral sem consultar e levar em conta o que se sente nas bases”⁴⁵. Justamente nesta linha, o papa Francisco tem se mostrado cada vez mais sensível. Vemos isso nas consultas ao povo de Deus que têm sido empreendidas nestes anos do

³⁹ “[...] manca [...] in tutta la costituzione una definizione circoscritta di ‘tradizione’ e ciò fu rilevato da qualche voce come una lacuna della DV, sia in campo protestante che in quello cattolico” (FERRARI, 2005, p. 88).

⁴⁰ FELLER, 2021, não paginado.

⁴¹ FELLER, 2021, não paginado.

⁴² “Così facendo la chiesa non aggiunge nulla di nuovo (*non nova*) al vangelo, ma annuncia la novità di Cristo in maniera ogni volta nuova (*sed noviter*)” (FERRARI, 2005, p. 94).

⁴³ “Essendo essa un organismo vivente, tutti i suoi componenti partecipano, ognuno a suo modo, a questa funzione vitale della trasmissione: magisterio, fedeli, religiosi, laici, teologi, semplici credenti. E tuttavia il *magistero* è il solo che autenticamente interpreta” (FERRARI, 2005, p. 90).

⁴⁴ COMBLIN, 2002, p. 381.

⁴⁵ COMBLIN, 2002, p. 383-384.

seu pontificado, culminando na atualidade com o Sínodo da Sinodalidade (2021-2024), que tudo indica ser a maior consulta já realizada pela Igreja Católica.

Sobre o magistério, a *Dei Verbum* afirma seu lugar e missão: “não está acima da Palavra de Deus, mas ele a serve, ensinando somente aquilo que foi transmitido por mandato de Deus, com a assistência do Espírito Santo, ele a escuta com amor, conserva-a santamente e explica-a com fidelidade” (DV, n. 10).

Tendo percorrido brevemente estes pressupostos sobre a revelação divina na esteira do Concílio Vaticano II, podemos compreender melhor porque “Francisco joga o seu mistério sobre o anúncio do Evangelho de Jesus e sobre Jesus. [...] O que Francisco tem para dar e dá é a sua sabedoria das Escrituras, maturada na oração e por meio da disciplina do discernimento, mas enraizada, também, na história de fé do seu povo”⁴⁶.

3.2.2 A Bíblia e o Documento de Aparecida

O Documento de Aparecida é rico em citações bíblicas. “A base de Aparecida é o recurso à Palavra de Deus [Bíblia] como fonte de inspiração para colocação do tema central da V Conferência (‘discípulos – missionários – vida’)⁴⁷. Em referência as palavras de Bento XVI, o Documento de Aparecida cita:

[...] o discípulo, fundamentado assim na rocha da Palavra de Deus [Bíblia], sente-se motivado a levar a Boa Nova da salvação a seus irmãos. Discipulado e missão são como as duas faces da mesma moeda: quando o discípulo está apaixonado por Cristo, não pode deixar de anunciar ao mundo que só ele nos salva (cf. At 4, 12). (DAp, n. 146)

O discípulo missionário tem na Bíblia as bases do seu ser e agir evangelizador, pois a Sagrada Escritura fomenta o encontro com Jesus Cristo, e justamente a partir deste encontro pessoal é que nasce o discípulo missionário. “A Palavra de Deus escrita [Bíblia] deve ser gestora do encontro com Jesus ressuscitado, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6), nutrindo a amizade com o Senhor e possibilitando um autêntico discipulado missionário na Igreja”⁴⁸.

A Bíblia é apresentada pelo Documento de Aparecida como lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo: “A Sagrada Escritura [Bíblia], ‘Palavra de Deus escrita por inspiração do Espírito Santo’, é, com a Tradição, fonte de vida para a Igreja e alma de sua ação

⁴⁶ PERRONI, 2019, p. 34.

⁴⁷ RETAMALES, Santiago Silva. A “Palavra de Deus” na V Conferência de Aparecida. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 27, p. 342-371, set./dez. 2007. p. 343.

⁴⁸ RETAMALES, 2007, p. 370.

evangelizadora. Desconhecer a Escritura é desconhecer Jesus Cristo e renunciar a anunciá-lo” (Dap, n. 247).

O encontro pessoal com Jesus Cristo marca o início de uma caminhada de formação integral do discípulo missionário, que sempre é convidado a dar passos no caminho de maturidade da fé. “O encontro verdadeiro com Jesus Cristo e com os irmãos é caminho do encontro consigo mesmo mediante o discernimento que confronta a própria existência (intenções, motivações e ações) com o projeto do Pai de alcançar a ‘maturidade conforme a plenitude’ de Jesus de Nazaré, seu Messias e Filho (Ef 4,13)”⁴⁹.

No Documento de Aparecida tem lugar de destaque a *animação bíblica da pastoral*⁵⁰, como aquela que “aumenta o conhecimento da Palavra de Deus [Bíblia] e do amor por ela” (Dap, n. 99a). O bispo chileno Santiago Silva Retamales, do Centro Bíblico Pastoral para América Latina (CEBIPAL – CELAM), coloca em destaque que é “a primeira vez que um documento magisterial desta natureza fala de pastoral bíblica como ‘animação bíblica da pastoral’”⁵¹. Se coloca a Bíblia como aquilo que fundamenta e anima todo agir pastoral da Igreja, parece dizer o óbvio, mas o Documento de Aparecida nos alerta: “Não temos de dar nada como pressuposto e descontado” (Dap, n. 549).

A formação bíblico e doutrinal é apontada pelo Documento de Aparecida como um dos eixos que devem ser fortalecidos na Igreja, juntamente com a experiência religiosa, a vivência comunitária e o compromisso missionário. O eixo bíblico e doutrinal é apontado não como um conhecimento meramente teórico e frio, mas como uma ferramenta fundamental para fazer crescer e aprofundar no conhecimento da Bíblia e dos conteúdos da fé. O Documento de Aparecida enfatiza que este é o único caminho para amadurecer a experiência religiosa (Dap, n. 226c).

Segundo o Documento de Aparecida, o lugar próprio da Bíblia, onde ela deve ser lida, meditada, estudada e vivida, é a comunidade de fé.

⁴⁹ RETAMALES, 2007, p. 370.

⁵⁰ “Ao invés de pensar na *pastoral bíblica*, entendida a *Bíblia* como objeto de uma pastoral específica, deve se pensar na Escritura como fonte de evangelização. Nisso se funda seu novo nome de *animação bíblica da pastoral* (Dap, n. 248; cf. n. 99a) ou *animação bíblica de toda a pastoral ordinária e extraordinária* (VD, n. 73), como também pode ser chamada: *animação bíblica do discipulado missionário*. A *Sagrada Escritura*, enquanto transmite a Palavra que salva, está chamada a ser a *alma* e o *coração da missão evangelizadora* (Documento de Puebla, n. 372), uma privilegiada mediação do encontro com Jesus Cristo vivo, de onde brota ‘uma autêntica conversão e uma renovada comunhão e solidariedade’”. PAVEZ, Katuska Cáceres. Organização e implementação da Animação Bíblica da Pastoral. In: COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Animação bíblica da pastoral*. Brasília: CNBB, 2012. p. 248.

⁵¹ RETAMALES, 2007, p. 363.

A Sagrada Escritura [Bíblia] vive na comunidade e, por sua vez, faz que a comunidade seja Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito. Portanto, a relação entre Bíblia e Igreja é essencial: a Igreja proclama a Palavra, a Palavra constrói a Igreja, e nela, interpreta e ora a palavra.⁵²

A comunidade de fé nutre a sua comunhão com o “Pão da Palavra de Deus e com o Pão do Corpo de Cristo” (DAp, n. 158). Vivendo unidos na comunidade de fé e com caridade fraterna, temos neste jeito de proceder o primeiro e principal anúncio da Palavra de Deus contida na Bíblia: “Nisso conhecerão todos que sois os meus discípulos” (Jo 13, 35) (DAp, n. 138). A Bíblia é fonte do encontro com Jesus Cristo, é formativa, constitui a comunidade do povo de Deus, e também nos envia em missão para anunciar o Evangelho do Reino de Vida.

Impulsionados pela Bíblia, somos enviados em missão, numa empreitada que tem destinatários que devem ser privilegiados se quisermos permanecer fiéis a Jesus Cristo, que nos envia a anunciar:

Um importante desafio da animação bíblica é implementar caminhos e meios que ajudem a impulsionar e iluminar a opção preferencial pelos pobres para que não se fique ‘em um plano teórico ou meramente emotivo, sem verdadeira incidência em nossos comportamentos e em nossas decisões’ (DAp n. 397).⁵³

O anúncio exige o compromisso de viver e comunicar a vida nova em Cristo a nossos povos (DAp, n. 348). O “discípulo missionário há de ser um homem ou uma mulher que torna visível o amor misericordioso do Pai, especialmente para com os pobres e pecadores” (DAp, n. 147).

Podemos elencar, segundo o Documento de Aparecida, algumas realidades que precisam permanentemente ser perpassadas pela Bíblia: a renovação da catequese (DAp, n. 99a); a espiritualidade das comunidades eclesiais de base (DAp, n. 179); a atuação da Igreja (DAp, n. 180); o caminho para o diálogo ecumênico (DAp, n. 232); a Palavra de Deus e os sacramentos como caminho permanente de conversão (DAp, n. 382); o desafio de respeitar e valorizar os idosos e anciãos (DAp, n. 448); a *Lectio divina* ou leitura orante como aproximação da Sagrada Escritura (DAp, n. 249).

No que se refere a nossa relação com a Bíblia, a contribuição do Documento de Aparecida é apresentada através da nova compreensão do que seja a pastoral bíblica, que passa a significar *Animação Bíblica da Pastoral* do povo de Deus⁵⁴. A Bíblia além de ser a alma da

⁵² RETAMALES, 2007, p. 371.

⁵³ RETAMALES, 2007, p. 371.

⁵⁴ RETAMALES, 2007, p. 362.

Teologia (DV, n. 24), a partir do Documento de Aparecida, é chamada a tornar-se a alma de toda missão evangelizadora da Igreja (DAp, n. 372, 248)⁵⁵.

3.2.3 A Bíblia e a *Evangelii Gaudium*

A relação da Bíblia com a exortação apostólica *Evangelii Gaudium* inicia-se pelo próprio nome do documento: a alegria do Evangelho. O papa Francisco destaca a centralidade da Bíblia através dos relatos evangélicos. No documento programático de todo seu pontificado está registrado o fundamento do seu agir que é sempre o Evangelho.

Ao ler a Exortação, chama-nos a atenção, como algo que salta aos olhos, o fato de que o uso do NT é, de longe, muito superior ao emprego do AT. Talvez porque o Papa Francisco esteja interessado em indicar o caminho a ser seguido pelos cristãos hoje, como que em forte continuidade com o Cristo, Senhor e Mestre (*sequela Christi*), a partir dos Evangelhos, conjunto mais citado em toda a Exortação.⁵⁶

O papa Francisco apresenta o Evangelho como critério primordial que deve nortear a vida inteira dos discípulos missionários.

A exortação apostólica não começa com uma citação bíblica relacionada com o tema da evangelização. O papa inicia o texto falando da alegria do Evangelho e só depois no terceiro parágrafo faz a primeira citação bíblica⁵⁷. Tal opção metodológica pode indicar o uso do método indutivo, como se o papa Francisco quisesse detectar, para iniciar sua reflexão, o Evangelho enquanto alegria encarnada na vida concreta daqueles que se decidiram por Jesus Cristo. A alegria do Evangelho seria buscar na práxis a Bíblia encarnada e deixar que ela fecunde novamente a práxis.

Fonte eternamente nova de alegria: essa é para o Papa Francisco a Escritura [Bíblia] que a tradição judaica e a cristã conserva e transmite de geração em geração. Para ele, ela é capaz de transformar aqueles que acolhem a sua mensagem, de dar sentido à sua existência e de orientar a convivência humana em relação a formas de equidade e de justiça.⁵⁸

Para o papa Francisco é na acolhida da Boa Nova contida na Bíblia que o ser humano pode encontrar a verdadeira alegria que enche e transforma a vida inteira de quem adere à sua

⁵⁵ RETAMALES, 2007, p. 367.

⁵⁶ GONZAGA, 2014, p. 79.

⁵⁷ GONZAGA, 2014, p. 78.

⁵⁸ PERRONI, 2019, p. 65.

verdade. “A alegria do Evangelho é, de fato, uma alegria missionária, não se experimenta mais do que quando se aceita a ‘liberdade incontrolável da Palavra’”⁵⁹.

É desejo de Francisco derrubar as barreiras e diminuir as distâncias entre a Bíblia e a vida do povo, vemos o anseio de apresentar não uma ideia, mas Jesus Cristo como verdadeiro homem e verdadeiro Deus próximo ao seu povo. “A hermenêutica bíblica do Papa Francisco supõe um conhecimento da Escritura [Bíblia] a partir da vida e um conhecimento da vida a partir da Escritura [Bíblia]. Isso permite-lhe colher, dentro dos textos bíblicos, um anúncio que abre a vida para a esperança”⁶⁰. O papa Francisco tem como propósito demonstrar que é possível um diálogo fecundo entre a Bíblia e a vida da humanidade no mundo atual.

A *Evangelii Gaudium* apresenta a Bíblia como o coração de toda a atividade eclesial:

Toda a evangelização está fundada sobre esta Palavra [Bíblia] escutada, meditada, vivida, celebrada e testemunhada. A Sagrada Escritura [Bíblia] é fonte da evangelização. [...] A Igreja não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar. É indispensável que a Palavra de Deus [Bíblia] ‘se torne cada vez mais o coração de toda a atividade eclesial’. (EG, n. 174)

A Bíblia é força viva capaz de surpreender e revitalizar a Igreja que evangeliza e é evangelizada. “A evangelização é dever da Igreja. Este sujeito da evangelização, porém, é mais do que uma instituição orgânica e hierárquica; é, antes de tudo, um povo que peregrina para Deus” (EG, n. 111).

Na *Evangelii Gaudium* temos o terceiro capítulo inteiramente dedicado ao anúncio do Evangelho, do qual podemos elencar alguns aspectos da evangelização que precisam ser permanentemente fecundados pela Bíblia: a piedade popular como fruto do Evangelho inculturado (EG, n. 126); a homilia que dentro do contexto da assembleia eucarística é uma forma de conquistar corações (EG, n. 136); a *Lectio Divina* como leitura espiritual da Bíblia (EG, n. 152); uma catequese querigmática (EG, n. 164).

“Para o Papa, não basta uma escuta atenta da palavra escrita de Deus; mas é preciso estar atento da mesma forma aos clamores que chegam até nós do povo sofrido”⁶¹. Ou seja, a Bíblia nos interpela a ouvir os clamores da realidade da humanidade sofredora. Sem meias palavras a *Evangelii Gaudium* assevera: “No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo ‘Se fez pobre’ (2 Cor 8, 9)” (EG, n. 197). O Evangelho nos

⁵⁹ PERRONI, 2019, p. 65-66.

⁶⁰ PERRONI, 2019, p. 83.

⁶¹ COSTA, Alfredo Sampaio. Anunciar com alegria: Aspectos espirituais da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 147-161. p. 156.

pede uma resposta de reconhecimento desse Deus que nos ama e nos salva, ao mesmo tempo que nos faz sair de nós mesmos para ir na direção dos outros que precisam de uma Boa Nova (EG, n.39).

O papa Francisco escreve que para anunciar é preciso falar com o coração e ao coração das pessoas, mas não só: “Falar com o coração implica mantê-lo não só ardente, mas também iluminado pela integridade da Revelação e pelo caminho que essa Palavra percorreu no coração da Igreja e do nosso povo fiel ao longo da sua história” (EG, n. 144). A evangelização supõe a acolhida da revelação do Deus que se revela presente na vida do seu povo através da vitalidade que a Bíblia possui.

3.2.4 A Bíblia e a *introversão eclesial*

Como já afirmamos anteriormente, a *introversão eclesial* se caracteriza como fechamento, postura anticoncílio Vaticano II e antimodernidade. Diante do exposto, nosso intuito não é investigar a *introversão eclesial* na Bíblia, mas sim refletir como a *introversão eclesial* pode interferir na correta utilização da Bíblia no processo de *Igreja em saída*.

No desejo de promover uma evangelização que tenha suas raízes na Bíblia, a *introversão eclesial* pode manifestar-se como literalismo bíblico. A *introversão eclesial*, para garantir sua presença e influência nos ambientes eclesiais, é capaz das maiores e mais sutis adaptações, podendo se disfarçar inicialmente por detrás de bons propósitos para depois desvirtuá-los. Dada esta capacidade da *introversão eclesial*, nos processos desencadeados pela *Igreja em saída*, serão sempre necessários a autocrítica, a autoavaliação e o discernimento para evitar desvios na proposta de evangelização. A *introversão eclesial* estará sempre à espreita da *Igreja em saída*, cabe aprender a lidar com esta tensão e identificar seus constantes modos de manifestação.

Para compreender a leitura da Bíblia segundo a vertente literalista, recorremos ao documento da Pontifícia Comissão Bíblica sobre *A interpretação da Bíblia na Igreja*, que diz:

Mas por ‘interpretação literal’ ela entende uma interpretação primária, literalista, isto é, excluindo todo o esforço de compreensão da Bíblia que leve em conta seu crescimento histórico e seu desenvolvimento. Ela se opõe assim à utilização do método histórico-crítico, como de qualquer outro método científico, para a interpretação da Escritura.⁶²

⁶² PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 40.

A Bíblia é tomada como verdade absoluta, inquestionável, isenta de imperfeições de qualquer tipo. Na leitura literalista o leitor considera o texto ao pé da letra, ou ainda uma leitura fragmentária, capaz de considerar perícopes fora do seu contexto. Quando nos remetemos ao literalismo bíblico, percebemos que interpretações literais da Bíblia estão presente na história da Igreja desde os primeiros séculos. Basta citar a figura de Orígenes (Séc. II), que, depois de uma leitura literal do evangelho de Mateus sobre os eunucos por causa do Reino dos Céus, se mutilou. Na atualidade, em determinados grupos católicos de vertente literalista, é possível presenciar a prática de fiéis abrindo a Bíblia aleatoriamente para receber alguma revelação divina. A Pontifícia Comissão Bíblica alerta para os riscos de uma leitura bíblica literalista:

[...] é perigosa, pois é atraente para as pessoas que procuram respostas bíblicas para seus problemas de vida. Ela pode enganá-las oferecendo-lhes interpretações piedosas mas ilusórias, ao invés de lhes dizer que a Bíblia não contém necessariamente uma resposta imediata a cada um desses problemas.⁶³

Num mundo de incertezas e desilusões, a proposta da leitura literalista da Bíblia se apresenta como uma solução muito atraente na busca de segurança e estabilidade. O literalismo bíblico, com suas nuances, se mostra presente ao longo da história. Uma das nuances do literalismo bíblico é a corrente fundamentalista, sendo que a rigor, literalismo bíblico e fundamentalismo não são sinônimos. O primeiro é mais antigo que o segundo.

Surgindo como movimento no século XX, o fundamentalismo é uma reação a dissolução das certezas tradicionais, abaladas pelo modernismo e pela investigação histórico-crítica da Bíblia⁶⁴. Nasce com a publicação de uma série de livretos intitulados *The Fundamentals* (1910-1915), que tinham como missão expor as doutrinas fundamentais acerca da fé tradicional que não deveria permitir dúvidas sobre: a Bíblia como Palavra de Deus; a divindade de Jesus; a realidade do pecado e da salvação pela fé; o poder da oração e o dever da evangelização⁶⁵.

Como movimento que emprega o literalismo bíblico, o fundamentalismo assume uma postura reativa tanto à modernidade quanto às novas abordagens de leitura e investigação da Bíblia. O fundamentalismo, por um lado, “lembra decididamente que a escritura constitui um mundo completo de pensamento, dotado de um potencial imenso para enriquecer a vida cotidiana com orientação e motivações novas”⁶⁶ e, por outro lado, “infunde na vida uma falsa

⁶³ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 42.

⁶⁴ WICKS, Jared. Fundamentalismo. In: FISICHELLA, Rino; LATOURELLE, René (Dir.). *Dicionário de teologia fundamental*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 284. p. 284.

⁶⁵ WICKS, 2017, p. 284.

⁶⁶ WICKS, 2017, p. 284.

certeza, pois confunde inconscientemente as limitações humanas da mensagem bíblica com a substância divina dessa mensagem”⁶⁷.

Em sua origem, o fundamentalismo é protestante, concretamente da América do Norte⁶⁸, mas posteriormente a corrente fundamentalista também encontrou espaço entre grupos católicos resistentes a novidades e com tendências tradicionalistas. O atual pontificado tem desvelado facetas do tradicionalismo que até então estavam passando despercebidas. “O tradicionalismo católico recrudescer com a eleição do papa do fim do mundo (do Sul do mundo) e rapidamente compôs uma frente contrária às reformas religiosas do novo papa”⁶⁹.

A introversão eclesial, enquanto fundamentalismo, desconsidera o presente e os avanços da ciência bíblica, fazendo da Bíblia uma verdadeira peça de museu que nada tem a dizer a nossa vida ou fazendo com que ela se torne instrumento de alienação. As raízes profundas da *Igreja em saída* estão fincadas numa saudável relação com a Bíblia, reconhecida como um dos meios seguros de acesso à Palavra de Deus que, em última instância, é acesso para o encontro com Jesus Cristo.

3.2.5 Bíblia: a porta principal da *Igreja em saída*

Para uma *Igreja em saída* se torna prioritária a porta da Bíblia. Dentre todas as outras, esta deve assumir a centralidade como a grande porta por onde devem transitar os cristãos de nosso tempo. A Igreja existe para evangelizar, é da sua essência o serviço missionário em prol da difusão do Evangelho (AG, n. 2). A porta da Bíblia se torna a principal, pois sem ela a Igreja perderia a sua essência e serviria a ideologias, se tornaria outra coisa, deixando de ser *ekklesia*, assembleia dos convocados para o louvor de Deus.

A porta da Bíblia, com especial atenção aos Evangelhos, nos revela as raízes do pensamento do papa Francisco ao nos propor a *Igreja em saída*.

É no Evangelho, então, que é preciso buscar a fonte originária e permanente do estilo peculiar que comunica o ministério do Papa Francisco. O Evangelho, é óbvio, recebido das mãos da Igreja, guardado com fé e interpretado e encarnado com criatividade, ao longo dos séculos, pela sua Tradição viva.⁷⁰

⁶⁷ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 42.

⁶⁸ PASSOS, João Décio. *A força do passado na fraqueza do presente: o tradicionalismo e suas expressões*. São Paulo: Paulinas, 2020. (Crítica religiosa). p. 41.

⁶⁹ PASSOS, 2020, p. 170.

⁷⁰ CODA, Piero. *A Igreja é o Evangelho: Nas fontes da teologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco, 10). p. 18.

O papa Francisco nos aponta para uma Igreja que nasce da Bíblia, se faz servidora dela por meio do anúncio incansável e, ao mesmo tempo, é sua legítima intérprete e guardiã.

A porta da Bíblia é uma forma de ingresso seguro na Igreja, já que a Bíblia, por conter a Palavra de Deus, possui força de atração e carácter performativo. O papa Bento XVI, na exortação apostólica pós sinodal *Verbum Domini*, afirmou:

Com efeito, na história da salvação, não há separação entre o que Deus diz e faz; a sua própria Palavra apresenta-se como viva e eficaz (cf. Hb 4, 12), como aliás indica o significado do termo hebraico *dabar*. Do mesmo modo, na ação litúrgica, vemo-nos colocados diante da sua Palavra que realiza aquilo que diz. Quando se educa o Povo de Deus para descobrir o carácter performativo da Palavra de Deus na liturgia, ajudamo-lo também a perceber o agir de Deus na história da salvação e na vida pessoal de cada um dos seus membros. (VD, n. 53)

Com seu carácter performático, a Palavra de Deus que a Bíblia contém, realiza aquilo que diz. Assim demonstra-se a força e atualidade do agir de Deus presente na totalidade da história. Entrar em contato com a Bíblia, desde que se tenha uma postura de fé, é sempre oportunidade de encontro com Jesus Cristo.

“Falar da Palavra (com letra maiúscula) nos escritos do Papa Francisco tem um nome: Jesus Cristo. Ele é a Palavra definitiva de Deus”⁷¹. Tal Palavra definitiva encontra registro na Bíblia, que no pontificado de Francisco, através dos Evangelhos, assume a centralidade da evangelização. A leitura orante (*lectio divina*) é apontada, tanto no Documento de Aparecida e na *Evangelii Gaudium*, como maneira privilegiada de encontro pessoal com Jesus Cristo.

Ao atravessar a porta Bíblia somos interpelados a nos inserir na realidade da comunidade eclesial. A “Palavra [Bíblia] não nos é dada de forma individual e privada, mas Deus escolheu nos chamar como povo, e um povo que não é uniforme, mas se encarna em múltiplas formas”⁷². A Bíblia constrói o povo de Deus que hoje é a Igreja.

O discípulo missionário é formado permanentemente pela Bíblia, com a qual sempre deve estar em contato. Sobre a necessidade da formação, entendemos que “[...] hoje, a evangelização terá de ser em primeiro lugar uma espécie de alfabetização na fé”⁷³. Daí a importância de uma catequese querigmática e perpassada pela *Animação Bíblica da Pastoral*, que possa verdadeiramente desencadear nos fiéis processos de maturação da fé. E para que isso

⁷¹ “Parlare della Parola (con lettera maiuscola) negli scritti di Papa Francesco ha un nome: Gesù Cristo. È Lui la Parola definitiva di Dio”. VALLS, Maria Carmen Aparicio. La parola significativa. In: TENACE, Michelina (org). *Dal chiodo alla chiave: la teologia fondamentale di Papa Francesco*. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018. p. 33-44. p. 37.

⁷² “Non solo: la Parola non ci viene data in forma individuale, privata, ma Dio ha scelto di chiamarci come popolo, e un popolo che non è uniforme, ma si incarna in molteplici forme” (VALLS, 2018, p. 36).

⁷³ AUGUSTIN, 2016, p. 109.

aconteça, o papa Francisco diz que é “fundamental que a Palavra revelada fecunde radicalmente a catequese e todos os esforços para transmitir a fé” (EG, n. 175).

Forma privilegiada de experiência de contato com a Bíblia é a liturgia. “Não é possível haver um autêntico anúncio e testemunho da Boa-Nova de Jesus sem uma experiência eclesial-pessoal da Palavra de Deus [Bíblia], celebrada e comentada nas celebrações litúrgico-sacramentais, mormente na celebração da Eucaristia”⁷⁴. Em todas as liturgias deve ficar destacado o lugar fundamental da Bíblia, mas a Pontifícia Comissão Bíblica nos alerta: “Hoje, ainda, é principalmente pela liturgia que os cristãos entram em contato com as Escrituras, particularmente durante a celebração eucarística dominical”⁷⁵. Em comunhão com esta constatação, o papa Francisco escreve na *Evangelii Gaudium* especificamente sobre a homilia (EG, n. 135-144), considerando críticas e dando dicas para que as homilias sejam frutuosas.

A porta da Bíblia é porta sempre aberta de ingresso, por onde as pessoas se inserem na Igreja, mas também é porta de envio missionário a todos que ainda não conhecem a Boa Nova de Jesus Cristo. “O Evangelho é, etimologicamente, e sobretudo em seu conteúdo, mensagem de alegria, que deve ser vivenciada primeiramente pelos cristãos, para poder ser comunicada a outros”⁷⁶. A melhor forma de anúncio é o testemunho de vida dos discípulos missionários, porque “só o Evangelho vivido pode comover verdadeiramente o coração das pessoas”⁷⁷.

Na proposta de *Igreja em saída*, cruzar o limiar da porta da Bíblia é, ao mesmo tempo, adentrar na Igreja e também ser enviado ao encontro do mundo e de suas realidades. O “caminho do ser humano não é uma retirada do mundo, mas uma contribuição para a configuração do mundo na força do Evangelho”⁷⁸. A *Igreja em saída* nos impulsiona a nos colocar em movimento de sair de nós mesmos e nos colocar à disposição para ir a quem e onde o Senhor disser. Recordemos alguns exemplos bíblicos de esvaziamento de si e disponibilidade ao Senhor:

Abrão aceitou o chamamento para sair para uma terra nova (cf. Gn 12, 1-3). Moisés ouviu o chamamento de Deus: ‘Vai, Eu te envio’ (Ex 3, 10) e fez sair o povo em direção à terra da promessa (cf. Ex 3, 17). E disse a Jeremias: ‘Irás aonde Eu te enviar’

⁷⁴ SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. A homilia à luz da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 117-131. p. 117.

⁷⁵ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 1994, p. 79.

⁷⁶ LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. A alegria na *Evangelii Gaudium*: aspectos relevantes da teologia do Antigo e Novo Testamento. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 51-61. p. 51.

⁷⁷ AUGUSTIN, 2016, p. 151.

⁷⁸ AUGUSTIN, 2016, p. 155.

(Jr 1, 7). Hoje, neste ide de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja.⁷⁹

Na intimidade com a Bíblia conseguimos discernir que ela também nos envia na atualidade e aponta uma direção e seus destinatários privilegiados. Precisamos cruzar a porta da Bíblia para chegar as periferias humanas⁸⁰ onde estão os pobres, que, para serem evangelizados, precisam, antes de tudo, de serem amados pelos discípulos missionários: “O amor autêntico é sempre contemplativo, permitindo-nos servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo, independentemente da sua aparência” (EG, n. 199). O serviço do discípulo missionário ao pobre não é cumprimento de uma obrigação, mas é fruto do amor.

“Retornar ao Evangelho para habitar o mundo nos torna uma Igreja em saída, ou melhor ainda, ‘em um novo começo’”⁸¹. Uma Igreja sempre de portas abertas que acredita na força renovadora da Bíblia, que tem consciência dos perigos e sabe arriscar, capaz de transformar a sociedade por meio de uma evangelização que esteja a serviço da promoção humana⁸².

Diante da porta da Bíblia surge a urgência de uma *Animação Bíblica da Pastoral*, como afirmou o Documento de Aparecida e depois reafirmaram os bispos do Brasil: “Trata-se de compreender que a Palavra de Deus [Bíblia] é a alma de toda a ação evangelizadora da Igreja”⁸³. No centro da proposta de *Igreja em saída* do papa Francisco está, justamente, o Evangelho, que permanece sempre o núcleo da Bíblia.

3.3 Papa Francisco e a *Igreja em saída*: a missão hoje

Com o atual papa se abriram verdadeiros novos horizontes em missiologia⁸⁴, temos um pontificado que procura exercer seu magistério em chave missionária. Cada batizado tem sido convidado a encarnar a *Igreja em saída* rumo às periferias, às fronteiras e aos confins.

⁷⁹ AUGUSTIN, 2016, p. 23.

⁸⁰ Compreendemos que periferias humanas abarcam: as periferias geográficas (aqueles pobres que habitam porções territoriais das periferias dos centros urbanos, vivendo em situações precárias e/ou de risco) e as periferias existenciais (falamos dentro da categoria dos pobres reais, de pobreza de outras espécies que a socioeconômica, falamos de pobreza de caráter sociocultural. Como exemplo podemos citar as pessoas que padecem qualquer tipo de discriminação seja por raça, gênero, religião, orientação sexual, deficiência física ou intelectual, idade, doenças físicas ou psíquicas, vícios, aqueles que perderam o sentido da vida, etc.).

⁸¹ “Ritornare al Vangelo per abitare il mondo ci fa essere Chiesa in uscita, o meglio ancora ‘in nuova partenza’” (CASAROTTO, 2019, p. 146).

⁸² FERNANDES, 2014b, p. 295.

⁸³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Mensagem dos Bispos do Brasil sobre a Palavra de Deus e a animação bíblica de toda a pastoral*. Brasília, 12 de maio de 2010. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/mensagem-dos-bispos-do-brasil-sobre-a-palavra-de-deus-e-a-animacao-biblica-de-toda-a-pastoral/>. Acesso em: 27 maio 2024.

⁸⁴ PATSCH, 2018, p. 63.

No que diz respeito ao movimento de saída, o papa Francisco nos indica a direção que devemos tomar:

[...] essa saída não está em direção a qualquer lugar, mas às ‘periferias existenciais’. A missão mantém sempre uma geografia definida e um horizonte rumo ao qual orientar nossos passos: os lugares de luta pela vida, exclusão, marginalização, precariedade, transgressão, informalidade, violência, como a Galileia onde Jesus morava e onde hoje moram as vítimas e os sobreviventes de ‘um sistema social e econômico injusto na sua raiz’ (EG 59). Mas também são lugares de resistência, resiliência, cultura alternativa, relações comunitárias, festa, religiosidade popular, fé, economia solidária. Na periferia, a vida e o próprio Evangelho revive, ressuscita e se recria.⁸⁵

É para as periferias que precisamos nos dirigir e o devemos fazer com realismo, sem romantizar ou demonizar a realidade, reconhecendo que também a periferia é habitada pelo Evangelho e tem seus valores próprios. “Sair de si mesmo para ir às periferias da existência é um caminho sem retorno; [...] Quando alguém penetra nas periferias do mundo, não sabe o que vai encontrar, nem mesmo como vai reagir, pois é um terreno que não se domina”⁸⁶. O sair para ir as periferias se torna um ato de fé, de obediência ao Evangelho, e é um caminho sem volta pois devemos habitar as periferias e não apenas visitá-las como turistas que até se sensibilizam, mas não se engajam com as realidades encontradas.

“Na periferia da existência, ocupam um lugar privilegiado os pobres. A pobreza, no magistério do Papa Francisco, ocupa um lugar privilegiado. Não é uma categoria unicamente social, política ou econômica. É uma categoria teológica”⁸⁷. O papa que veio do fim do mundo, do sul global, com suas grandes marcas de pobreza e injustiças sociais e históricas, tem como uma das palavras chaves de seu pontificado as periferias, como espaços onde habitam os prediletos de Deus.

Com a proposta de *Igreja em saída* do papa Francisco, sair significa abarcar uma dimensão horizontal – partir para as periferias do mundo; uma dimensão vertical – partir ao encontro com Cristo; sendo que na medida que se entra em contato com os homens e mulheres periféricos também se aproxima de Cristo⁸⁸.

A *Igreja em saída* nos impulsiona também para as fronteiras reais do nosso tempo. “De natureza um pouco diferente da periferia são as fronteiras no sentido de divisas, limiares entre

⁸⁵ PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS. *Texto Base do 5º Congresso Missionário Nacional: Ide da Igreja local aos confins do mundo*. Maio de 2023. Disponível em: <https://www.pom.org.br/wp-content/uploads/2023/05/5CMN-Texto-Base-1.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024. p. 35.

⁸⁶ TORRALBA, Francisc. Sair de si mesmo: O movimento irrenunciável. In: SILVA, José Maria da (Org.). *Papa Francisco: perspectivas e expectativas m papado*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 84-98. p. 87-88.

⁸⁷ TORRALBA, 2014, p. 91.

⁸⁸ TORRALBA, 2014, p. 95.

um território e outro, onde se (des)encontram duas identidades, dois povos, duas culturas. [...] para os pobres, essas fronteiras existem e representam cercas intransponíveis”⁸⁹. Com o avanço da Internet, dos demais modernos meios de comunicação e de transporte, o mundo está interligado, o que não quer dizer que as fronteiras deixaram de existir. Nas fronteiras reais está uma miríade de homens e mulheres que sofrem vítimas de todo tipo de males sem que lhes seja concedido o direito de cruzar as fronteiras. Os migrantes são uma categoria de pobres, que desde sempre, preocupam o papa Francisco. Na sua primeira viagem apostólica o papa Francisco esteve na ilha de Lampedusa, onde denunciou a triste realidade da crise migratória que enfrentamos na atualidade.

O apelo da *Igreja em saída* também comporta o ir aos confins que “são realidades que desafiam o conhecido e que se projetam além do imaginário: não se fica dentro dos perímetros nem nas linhas divisórias, mas se cruza as fronteiras para entrar em espaços desconhecidos, peregrinar nos mundos dos outros”⁹⁰. Ir aos confins se configura como a missão *Ad Gentes*, proposta enfatizada no Concílio Vaticano II como irrenunciável tarefa da Igreja, complementada atualmente pelo conceito de missão *Inter Gentes* que se propõe evangelizar no meio de povos diversos por meio da humilde e respeitosa partilha da vida, enquanto vivência dos valores evangélicos.

A reflexão avança e nos faz questionar sobre: Que tipo de missão se propõe com a *Igreja em saída*? Depois de todos os elementos que já apresentamos sobre o que seja a proposta de *Igreja em saída* no Documento de Aparecida e na *Evangelii Gaudium*, ainda compete apresentar alguns elementos missiológicos que podem nos ajudar na compreensão e na efetivação da proposta do papa.

A missão pode ser caracterizada em linha programática ou paradigmática, dependendo do que se prioriza se afeta todo o processo de evangelização. O próprio papa Francisco explica o sentido destes termos: “A missão programática, como o próprio nome indica, consiste na realização de atos de índole missionária. A missão paradigmática, por sua vez, implica colocar em chave missionária a atividade habitual das Igrejas particulares”⁹¹. A missão que nos propõe a *Igreja em saída* assume o caráter de missão paradigmática, sendo a missão o fundamento de

⁸⁹ PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS, 2023, p. 36.

⁹⁰ PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS, 2023, p. 36.

⁹¹ FRANCISCO, Papa. *Discurso do Santo Padre: aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) por ocasião da reunião geral de coordenação*. Rio de Janeiro, 28 de julho de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html#:~:text=A%20miss%C3%A3o%20program%C3%A1tica%2C%20como%20o,atividade%20habitual%20das%20Igrejas%20particulares. Acesso em: 30 maio 2024.

todo o agir da Igreja com suas pastorais, movimentos, equipes de serviços, os mais diversos grupos, etc. É certo que para se efetivar a missão como paradigma de toda ação evangelizadora carecemos de planos pastorais eficazes, que acabam por se incluir na linha programática que não pode ser negligenciada.

Quando se fala de missão programática logo recordamos os cronogramas anuais das atividades paroquiais, repletos de muitas atividades. O problema não está nas programações excessivas mas nas motivações inadequadas, sem uma espiritualidade missionária que impregne todas as ações⁹². A missão paradigmática é perpassada pela espiritualidade missionária que dá sentido à ação pastoral e a torna decididamente missionária. O papa Francisco escreveu na *Evangelii Gaudium*: “a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja” (EG, n. 15). O missionário deve se entender sempre como um colaborador do Espírito Santo. “O verdadeiro missionário [...] sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele” (EG, n. 266).

Assumindo a proposta da *Igreja em saída* como primordialmente paradigmática, compreendemos que a forma mais privilegiada de evangelizar é através do testemunho coerente e constância na comunidade de fé, confiando não só nas nossas próprias forças para dar bom testemunho, mas confiando sempre na infinita misericórdia de Deus. “Se, como Igreja, formos capazes de oferecer um testemunho gozoso e esperançado do Deus uno e trino como resposta à pergunta humana sobre o sentido, teremos dado o primeiro passo, o mais importante, de saída”⁹³.

A missão pode ser caracterizada de acordo com a direção assumida no seu agir missionário. Podemos distinguir entre duas direções: missão centrípeta e missão centrífuga. Os dois termos são tomados da física e nos ajudam a pensar o agir missionário que deve ser assumido na proposta de *Igreja em saída*.

Vejamos o que podemos identificar como missão centrípeta:

A meta parecia ser, através de uma missão centrípeta, sair para fora da Igreja, a fim de trazer de volta para dentro dela os católicos afastados. Como destinatários da dita ‘nova evangelização’ havia, sobretudo, os católicos da sociedade europeia secularizada, emancipados da Igreja⁹⁴.

⁹² GUEDES, José Otácio Oliveira. A novidade do cristianismo na *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 163-172. p. 170.

⁹³ AUGUSTIN, 2016, p. 57.

⁹⁴ BRIGHENTI, 2019, p. 11.

O movimento centrípeto aponta sempre para o centro, é uma força centralizadora. A missão centrípeta parte de uma concepção do centro e da periferia, tudo deve se dirigir ao centro ou a ele estar voltado. Reconhecendo a Igreja Católica como o centro da evangelização, a missão, enquanto movimento centrípeto, vai ao mundo em busca dos periféricos, afastados e não crentes, para trazê-los ou neles incutir a mentalidade do centro. A missão centrípeta esteve em curso várias vezes na história da Igreja, principalmente quando era necessário uma atitude mais apologética, normalmente nestes momentos apoiava-se “essencialmente, na missão centrípeta que consiste em ir para o exterior para atrair as pessoas para dentro da Igreja, ‘numa atitude hostil frente ao mundo’, cria o seu próprio mundo, uma espécie de ‘subcultura eclesial’”⁹⁵. Sem reconhecer os valores presentes no mundo e nas culturas, a missão centrípeta serviu à colonização, à implantação da Igreja e não à evangelização⁹⁶.

Sobre a missão centrífuga, encontramos elementos no Documento de Aparecida que nos ajudam a compreender o seu sentido:

A meta da missão é o Reino de Vida – a vida em plenitude para todos, em uma atitude eclesial de diálogo e serviço ao mundo, em parceria com outros ‘organismos’ e ‘instituições’ (DA 384) [DAp, n. 384]. O sujeito da missão é a comunidade eclesial como um todo, em uma missão centrífuga (irradiar a vida em Jesus Cristo).⁹⁷

Dentro da proposta de missão como força centrífuga, a tarefa de cada discípulo missionário se define como irradiação do Evangelho na construção do Reino de Vida em todos os cantos e a sua disponibilidade a todas as pessoas.

As comunidades cristãs precisam de se converter num ‘poderoso centro de irradiação da vida de Cristo’, optar por uma missão centrífuga e assim semear os valores evangélicos nos vários ambientes e lugares da sociedade: ‘no mundo das comunicações, da cultura, das ciências e das relações internacionais e da vida pública’, encarnando o Evangelho. É necessário ir ao encontro de todos e compartilhar o dom do encontro com Jesus.⁹⁸

Na missão centrífuga acontece uma descentralização, o movimento vai do centro para as bordas. Esse movimento nos ajuda a pensar a proposta de uma *Igreja em saída* que, partindo da centralidade do Evangelho, o irradia em todas as direções. Através da proposta de *Igreja em saída* e do que atesta o Documento de Aparecida compreendemos que a principal missão da

⁹⁵ VALE, 2023, p. 17.

⁹⁶ “Evangelizar significa animar as pessoas a entender o seu caminho vital como uma caminhada com Cristo e a descobrir nessa caminhada o significado de Cristo cada vez mais e sempre de modo novo” (AUGUSTIN, 2016, p. 69).

⁹⁷ BRIGHENTI, 2008, p. 26.

⁹⁸ VALE, 2023, p. 22.

Igreja deve ser o anúncio e o comprometimento na construção do Reino de Deus. “A proposta da V conferência ‘não é lutar para vencer, senão testemunhar para atrair, argumentar para convencer e dialogar’”⁹⁹. Também o papa Francisco afirma qual deve ser a principal preocupação da missão: “Evangelizar é tornar o Reino de Deus presente no mundo” (EG, n. 176).

Segundo David Jacobus Bosch, missiólogo sul-africano e evangélico, não se trata de escolher entre a missão enquanto força centrípeta ou centrífuga, pois o novo paradigma emergente deveria assumir uma tensão criativa que fosse capaz de considerar os aparentes opostos no desenvolvimento de um modo de teologizar relevante à nossa época¹⁰⁰. Tal reflexão, nos recorda Romano Guardini, com sua filosofia da teoria da oposição polar, que deixou suas influências no pensamento do papa Francisco.

Tendo a Bíblia como porta principal da *Igreja em saída* descobrimos que a missão começa e termina na comunidade de fé, que tem como seu centro Jesus Cristo. O envio missionário parte do centro da comunidade cristã: “Depois disso, o Senhor designou outros setenta e dois e os enviou, dois a dois, à sua frente, a toda cidade e lugar para onde ele mesmo deveria ir” (cf. Lc 10, 1). O destino dos missionários é sempre a comunidade de fé, depois do envio temos o retorno à comunidade de fé: “Os setenta e dois voltaram cheios de alegria, dizendo: ‘Senhor, até os demônios se submetem a nós por causa do teu nome’” (cf. Lc 10, 17). O retornar à comunidade de fé nunca será um retornar à mesma comunidade, pois quem parte em missão sempre se transforma, e também no movimento de saída e regresso, a comunidade sempre se transforma com a presença de novos membros que vão abraçando a fé.

Sobre a metodologia que deve assumir a *Igreja em saída* para permanecer fiel à missão e, ao mesmo tempo, estar aberta a novas práticas evangelizadoras, precisamos recorrer à sabedoria daqueles que têm se empenhado em estudar e aprofundar as temáticas da missiologia. A seguir, faremos referência a David J. Bosch, papa Francisco, Roger Schroeder e Stephen Bevans.

Os métodos missionários vigentes demonstram suas limitações e fragilidades diante da proposta do papa Francisco de uma *Igreja em saída*, que saiba ser, ao mesmo tempo, inovadora e fiel à evangelização. “Para ser fiel a Deus, a Igreja tem de ser fiel ao ser humano, sem fazer distinção de pessoas”¹⁰¹. Esse aspecto, que quase sempre é negligenciado, deveria ser o ponto

⁹⁹ VALE, 2023, p. 22.

¹⁰⁰ BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 4 ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002. p. 441.

¹⁰¹ FERNANDES, 2014b, p. 305.

de partida quando se pensam os métodos missionários. “Os dogmas e os sacramentos não são supérfluos, pois sabemos que eles [...] conduzem à fé. Contudo, cabe à Igreja priorizar o ser humano, uma vez que a ação missionária de Jesus prezou necessariamente a pessoa, razão pela qual estabeleceu o mandamento do amor”¹⁰². Evangelizar precisa se tornar cada vez mais sinônimo de humanização.

Na obra intitulada *Diálogo profético*, dos autores Stephen Bevans e Roger Schroeder, temos o seguinte indicativo:

O ‘quem’ da missão – Jesus – não suscita dúvida; o que interessa para a missão, hoje em dia, é o ‘como’, a maneira como a missão é concebida e vivida, o método da missão. [...] Mas, hoje, a missão mundial precisa, antes de mais nada, ser imaginada, pensada e praticada segundo o princípio de ação do ‘gentil entre’ mulheres e homens – como diálogo.¹⁰³

Sem aprender a dialogar com as realidades circundantes, qualquer tipo de método missionário estará fadado ao fracasso. É necessário levar em conta cada contexto, sem pretensões de elaborar métodos universais ou modelos pré-determinados, e que se integre a ação humana com a ação do Espírito Santo¹⁰⁴. Segundo os autores citados acima, todo método será obsoleto se não partir do diálogo profético, que tem coragem de ouvir os gritos dos sinais dos tempos e de, com eles, iniciar um diálogo que seja capaz de atualizar a mensagem redentora do Evangelho. Em tempos de instabilidades e profundas mudanças, é somente num diálogo sincero com as realidades humanas que a *Igreja em saída* conseguirá exercer o profetismo de proclamar, na atualidade, a força salvífica e a relevância da mensagem bíblica. “Os cristãos devem falar no contexto do diálogo, mas nós devemos falar, pois realmente temos algo a dizer: não nos envergonhamos do Evangelho, porque ele é ‘o poder de Deus para a salvação de todo aquele que tem fé’ (Rm 1, 16)”¹⁰⁵.

Um método que parece atender de modo satisfatório ao princípio do diálogo profético é o *método de planejamento participativo*¹⁰⁶, que visa garantir a participação do maior número

¹⁰² MIKUSZKA, Gelson Luiz. Reflexões metodológicas a partir de uma experiência. Suscitar comunidades cristãs. In: ALBUQUERQUE, Francisco das Chagas de; GODOY, Manoel José. *A pastoral numa Igreja em saída*. São Paulo: Loyola, 2018. p. 121.

¹⁰³ BEVANS; SCHROEDER, 2016, p. 42.

¹⁰⁴ MIKUSZKA, 2018, p. 125.

¹⁰⁵ BEVANS; SCHROEDER, 2016, p. 69.

¹⁰⁶ “Baseado no princípio conciliar da radical igualdade na dignidade de todos os ministérios, fundada no mesmo batismo, este modelo de planejamento concebe a obra da evangelização como um processo compartilhado de decisões entre todos os membros de uma comunidade eclesial, em vista da edificação do Reino de Deus. Da consciência de uma Igreja toda ela ministerial brota o respeito ao direito de decisão de cada um, base da exigência para o engajamento na execução do planejado”. BRIGHENTI, Agenor. *Reconstruindo a esperança*: como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança. São Paulo: Paulus, 2000. (Pastoral e comunidade). p. 72.

possível dos agentes envolvidos nos processos de reflexões, decisões e execuções de transformações. O diferencial do método participativo, como destaca Agenor Brighenti, “está em partir da ação para novamente desembocar na ação”¹⁰⁷.

No diálogo profético, a *Igreja em saída* irradia a Boa Nova nos contextos onde se encontra e assim pode “realizar sua missão de proclamar a salvação de Jesus Cristo para o mundo. Caso contrário, ela será vista como realidade arcaica, peça de museu, não significativa nem pertinente para nossos contemporâneos”¹⁰⁸. Num contexto global de crise das instituições, é preciso também repensar o lugar da Igreja e sua relevância. O teólogo sul-africano David J. Bosch nos ajuda a refletir sobre o papel da igreja:

Em sua missão, a Igreja afirma seu próprio caráter preliminar e contingente (cf. Küng 1987: 122). Ao praticar a ‘evangelização expectante’ (Warren 1948: 133-145), ela sempre antecipa sua própria supressão. Consciente de sua provisoriedade, ela vive e presta serviço como aquela força na humanidade através da qual se servem a renovação e a comunidade de todas as pessoas (‘Report’ apud Limouris 1986: 167).¹⁰⁹

É preciso ter em mente o papel provisório, porém indispensável da Igreja à serviço da humanidade no anúncio do Reino de Deus. “A Igreja tem de anunciar à humanidade esta mensagem divina; a sua missão consiste em conduzir o gênero humano até Deus e levar Deus aos homens”¹¹⁰. Enquanto não vier a plenitude, a Igreja mesmo débil, exerce papel de vanguarda do Reino de Deus no meio do mundo. “Apesar de todos os seus erros, a instituição eclesial tornou acessível a fé cristã aos seres humanos desde os tempos de Jesus até hoje. Se não fosse pela instituição eclesial, a fé não estaria presente no mundo atual”¹¹¹.

Sobre a necessidade de uma reforma eclesial que viabilize as propostas de uma *Igreja em saída*, já o Concílio Vaticano II apontou tal necessidade quando refletiu sobre a natureza da Igreja: é “simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação” (LG, n. 8). Tal purificação passa pela capacidade da Igreja se compreender sempre necessitada de reformas.

A porta da Bíblia é a porta aberta e principal da *Igreja em saída*, por ela todos que se aproximam podem entrar, e por ela são enviados em missão aqueles que já fizeram a experiência do encontro com Jesus Cristo. Durante o tempo duro da pandemia provocada pelo COVID-19, o teólogo checo Tomás Halík escreveu o que podemos considerar que seja a missão da *Igreja*

¹⁰⁷ BRIGHENTI, 2000, p. 63.

¹⁰⁸ MIRANDA, Mario de França. Linhas eclesiológicas da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p.181-194. p. 181.

¹⁰⁹ BOSCH, 2002, p. 616-617.

¹¹⁰ AUGUSTIN, 2016, p. 104.

¹¹¹ AUGUSTIN, 2016, p. 77.

em saída: “O Senhor já bateu à porta a partir ‘de dentro’ e saiu; a nossa missão é procurá-lo e segui-lo”¹¹². É preciso ter coragem para sair e procurar o Senhor onde normalmente não o procuramos, naqueles lugares que desprezamos, onde não queremos encontrá-Lo, pode ser que Ele nos surpreenda.

Pensar a missão continua, como sempre, uma tarefa complexa. Retomamos as palavras do missiólogo Bosch: “a definição de missão é um processo contínuo de peneirar, testar, reformular e descartar. Isso significa que se deve entender a missão como uma atividade que transforma a realidade e, simultaneamente, que existe uma necessidade constante de a própria missão se transformar”¹¹³. Toda definição de missão será, então, sempre parcial e necessitada de reformulações. Hoje, estamos vivenciando as tentativas de colocar em curso o processo de *Igreja em saída* enquanto “convite para uma nova etapa da evangelização” (EG, n. 287).

3.4 A modo de conclusão

Inspirados principalmente no pensamento do papa Francisco, investigamos a metáfora da porta relacionada à proposta de *Igreja em saída*. Destacamos o lugar primordial da porta da Bíblia, como sendo o diferencial que constitui a Igreja como casa do povo de Deus, sempre de portas abertas num duplo movimento de acolhida e de envio missionário.

A direção por onde deve peregrinar a *Igreja em saída* é indicada pela Bíblia, por ela somos enviados às periferias, às fronteiras e aos confins. A mesma Palavra de Deus escrita nos textos bíblicos nos aponta os pobres, de ontem e de hoje, como os destinatários privilegiados de uma *Igreja em saída*. O discípulo missionário que compreendeu o projeto de *Igreja em saída* vai ao encontro dos pobres não por dever, mas por amor a eles. Na utilização da Bíblia como lugar de encontro com Jesus Cristo, Palavra Eterna do Pai, que nos impulsiona a ir ao encontro dos irmãos, é preciso cuidado para não cair no literalismo bíblico ou no fundamentalismo, que podem se manifestar como facetas da *introversão eclesial*.

O papa Francisco, com a preocupação de iniciar processos, coloca diante de nós o desafio de sermos *Igreja em saída*. Uma Igreja que precisa assumir a missão prioritariamente como paradigmática e centrífuga, preocupando-se mais com a dignidade da pessoa humana e em irradiar a vida nova em Jesus Cristo do que com sua autopreservação. O anseio não é apresentar uma metodologia pronta e acabada para atender as demandas de uma *Igreja em*

¹¹² HALÍK, Tomás. *O sinal das Igrejas vazias: para um cristianismo que volta a partir*. Prior Velho: Paulinas, 2020. p. 14.

¹¹³ BOSCH, 2002, p. 609.

saída. No entanto, qualquer método missionário na perspectiva de uma *Igreja em saída* precisa assumir o princípio do diálogo profético com a realidade local e global, bem como a *Animação Bíblica da Pastoral*.

A *Igreja em saída* é casa do Pai de portas abertas e, ao mesmo tempo, caminhando ao encontro da humanidade para lhe anunciar a Boa Nova do Evangelho, que para nós é o próprio Jesus Cristo. Enquanto não vier o Reino de Deus, Reino de Vida para todos, a missão sempre se servirá de sua Igreja, que permanecerá necessária para evangelização dos homens e mulheres.

CONCLUSÃO

O fio condutor de toda a nossa pesquisa é a figura do papa Francisco. Através da sua Teologia apresentamos determinados elementos que demonstram a sintonia da evangelização enquanto *Igreja em saída*, já preconizados desde o Documento de Aparecida e explicitados na *Evangelii Gaudium*. Sobre a Teologia do papa Francisco, destacamos a abertura como uma das suas principais características: “A sua teologia abre, como uma chave, abre de Roma para as igrejas, das igrejas para Roma. 'Teologia do limiar' que permite sair, ir do centro à periferia e da periferia ao centro. Teologia aberta”¹. Uma Teologia marcada pela abertura e tensões, sem medo de se mostrar limitada em seus conceitos; uma Teologia que tem um pensamento descentralizado e descentralizador, o único centro é Jesus Cristo; uma Teologia que anseia por ultrapassar os limiares para encontrar novos horizontes; uma Teologia que permite o despontar das periferias como lugar teológico; uma Teologia dialogal que entra em relação com o mundo e a humanidade como quem na abertura acolhe as palavras que lhe são dirigidas, ainda que sejam de críticas ou questionamentos e, ao mesmo tempo, tem uma Palavra que é Boa Nova para partilhar com todos.

Compreendemos que é possível fazer uma aproximação do Documento de Aparecida e da proposta de *Igreja em saída*. Do Documento de Aparecida destacamos como expressões correlatas à *Igreja em saída*: a preocupação com a evangelização na atualidade e no contexto circunscrito de América Latina e Caribe, o ir ao encontro e o protagonismo de todos os discípulos missionários. Mas a afirmação enfática que podemos fazer é que qualquer semelhança que possamos traçar entre o Documento de Aparecida e a *Igreja em saída* tem como pano de fundo o papa Francisco, enquanto herdeiro da eclesiologia latino-americana, bem como sua fidelidade à Tradição eclesial ao reavivar as propostas do Concílio Vaticano II.

A concepção de *Igreja em saída* promove uma transição da abordagem pastoral, que passa de uma compreensão autorreferencial do que a Igreja deve ser, para uma nova concepção do que a Igreja deve fazer. Um fazer que vai na direção de iniciativas que promovam uma verdadeira conversão pastoral, uma conscientização de todos os batizados como discípulos missionários e que promova, por amor, a opção pelos pobres. A *Igreja em saída* coloca em relevo a dignidade da vocação batismal, exigindo assim a participação ativa de todos os

¹ “La sua è una teologia che apre, come una chiave, apre da Roma verso le chiese, dalle chiese verso Roma. ‘Teologia della soglia’ che permette di uscire, di andare dal centro alla periferia e dalla periferia al centro. Teologia aperta”. TENACE, Michelina (org). *Dal chiodo alla chiave: la teologia fondamentale di Papa Francesco*. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018. p. 3-14. p. 3.

batizados, sejam eles leigos ou clérigos. É um convite a sair de si mesmo para alcançar a humanidade sofredora com a Boa Nova do Evangelho.

Compreendemos que um método que queira ser próprio da *Igreja em saída* deve estar marcado pelo diálogo profético, ou seja, uma postura de abertura e diálogo com as realidades desafiantes sem negligenciar o anúncio profético do Evangelho. A *Igreja em saída* não tem respostas para todos os desafios missionários que nos interpelam, e nem é este o seu objetivo. A proposta de *Igreja em saída* fundamenta-se na perene verdade do Evangelho que mantém sempre a sua atualidade profética, na promoção da dignidade humana em todo tempo e lugar.

Na ação de ir ao mundo, a *Igreja em saída* tem na Bíblia sua bússola, indicando a direção e os destinatários da evangelização. A Igreja Católica já é *toto orbe diffusae*². No entanto, o paradigma missionário agora não é geográfico. A *Igreja em saída* nos provoca a pensar qualitativamente novas maneiras de viver a missão no mundo inteiro. Só deste modo poderemos expressar verdadeiramente a catolicidade da Igreja.

Como “a casa aberta do Pai” (EG, n. 46), a Igreja Católica tem como porta principal a porta da Bíblia. A *Igreja em saída*, pela porta da Bíblia, é chamada a acolher a quem dela se aproxima e, ao mesmo tempo, ir ao encontro das pessoas convicta da missão de irradiar o Evangelho. É na acolhida generosa da Palavra de Deus, que se fez pessoa em Jesus Cristo, que se constitui a autêntica identidade do povo de Deus. Daí a importância de que toda ação pastoral seja perpassada pela *Animação Bíblica da Pastoral*. Ao afirmar que a porta da Bíblia é a porta principal da *Igreja em saída*, dizemos com outras palavras o que já está consignado com as seguintes palavras de Jesus Cristo: “Eu sou a porta” (cf. Jo 10, 9).

Na busca por conceituar a *Igreja em saída*, nos deparamos com a necessidade de investigar o tema da *introversão eclesial*, um tema que nos ajuda a compreender o conceito de *Igreja em saída* pelo seu contrário. Com surpresa descobrimos os escritos do teólogo chileno Juan Noemi Callejas, que em idos de 1995 tratou em seus textos sobre a evangelização na América Latina. Noemi Callejas afirmava existir uma *extroversão eclesial* versus uma *introversão eclesial*. Tendo conhecimento de alguns dos escritos de Noemi Callejas e de outros poucos autores estudiosos do tema *introversão eclesial*, como Allan Figueroa Deck, João Duque, papa João Paulo II e papa Francisco, podemos indicar características da *introversão eclesial*. São elas: atitude de fechamento eclesial, apego ao passado, anticoncílio, antimodernidade, autorreferencialidade, autopreservação, etc. Ao nos depararmos com estas características, constatamos que se tratam de temas que nos são familiares como dificuldades

² Expressão latina que significa: espalhada por todo o mundo.

enfrentadas pela *Igreja em saída*. O diferencial é analisar essas resistências à *Igreja em saída* como expressões da *introversão eclesial*.

Na busca de conceituar *Igreja em saída*, encontramos uma série de dificuldades próprias do ser missionário da Igreja, tais como a provisoriedade do conceito de missão. A missão traz em si o caráter provisório, pois assume uma dinâmica de transformação da realidade e, ao mesmo tempo, de autotransformação. O mesmo vale para a *Igreja em saída*, que deve manter o caráter de provisoriedade e autorreformulação constante. A evangelização integral e humanização são inseparáveis na *Igreja em saída*, que preserva a evangelização de sempre, ao mesmo tempo fazendo isso de modo diferente e atual.

Tendo feito este caminho de investigação acerca do papa Francisco e das raízes da expressão *Igreja em saída* na evangelização no Documento de Aparecida e na *Evangelii Gaudium*, concluímos que a proposta de Francisco não é uma inovação que está fora da Tradição, mas justamente reconduz a Igreja Católica aos trilhos da Tradição viva. Inferimos que no contexto de crise das instituições que se impõe nesta era pós-industrial, o papa Francisco nos propõe, com ousadia profética, que a Igreja continua necessária para evangelização na atualidade, mas não qualquer modelo de Igreja, e sim o modelo de *Igreja em saída*.

Ao tentar atrelar, por intermédio do papa Francisco, o Documento de Aparecida à *Igreja em saída*, tentamos desvelar a biografia de Bergoglio com o intuito de apontar que o papa Francisco, como o temos hoje, é resultado da caminhada existencial de alguém que desde sempre tem buscado ser um autêntico discípulo missionário.

Como limitações de nossa pesquisa, apontamos a bibliografia, ao mesmo tempo vasta e escassa. Quando nos detemos a pesquisar sobre o papa Francisco e a *Igreja em saída*, nos deparamos com um oceano de materiais. Já quando nos detemos a aproximar a figura do papa Francisco ao Documento de Aparecida, não encontramos muitas fontes e, quando se pensa na temática da *introversão eclesial*, as fontes se tornam ainda mais raras. Estas variações nos fizeram optar por temáticas e não por autores específicos na investigação realizada. Com o propósito de explanar sobre a *Igreja em saída*, utilizamos a metáfora da porta, que nos auxiliou na reflexão, porém, quando se trata de metáforas, temos o risco da carga poética, que abre margem para inumeráveis e inesgotáveis significados.

Após o caminho percorrido, constatamos que algumas questões ainda ficam susceptíveis de uma investigação mais pormenorizada e detalhada, são elas: a influência do Documento de Aparecida no pontificado do papa Francisco; o desenvolvimento metodológico da *Igreja em saída*; a *introversão eclesial* na atualidade; caminhos para efetivação da reforma eclesial; o papel de todo o povo de Deus no exercício do magistério, etc.

Vivemos um tempo de grandes e profundas transformações na Igreja Católica. Francisco, como o papa do sul global, está fazendo todo o possível para abrir caminhos, iniciar processos, possibilitar a criatividade e inovação na evangelização. É seu desejo favorecer a opção pelos pobres e a desafiante acolhida das minorias desprezadas como: os negros, as mulheres, os povos originários, os migrantes, os deficientes físicos ou intelectuais, os viciados, os encarcerados, as pessoas com diferentes orientações sexuais e identidades de gênero, etc. A *Igreja em saída* requer uma Teologia das periferias, feita a partir, com e por aqueles que estão às margens. Também é preocupação da *Igreja em saída*, diante da crise climática mundial, a conversão ecológica.

A *Igreja em saída* é aquela que se despoja de si mesma para ir ao encontro dos homens e mulheres de nosso tempo para oferecer a alegria do encontro com Jesus Cristo.

Portanto, para que o processo de *Igreja em saída* se efetive para além do presente pontificado, será necessário o engajamento de todos os batizados como verdadeiros discípulos missionários. Que a presente pesquisa contribua na compreensão das motivações da *Igreja em saída*, e seja incentivo para o engajamento neste processo que está em curso. Auguramos que a *Igreja em saída*, como afirmou o papa Francisco, se consolide como uma nova etapa da evangelização.

REFERÊNCIAS

AMADO, Joel Portella. *Evangelii Gaudium*: alguns aspectos para sua leitura. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 27-32.

ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro de. A dimensão social da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 227-234.

ARENAS, Sandra. Conferências do Conselho Episcopal latino-americano (CELAM). In: DE MORI, Geraldo et al. (Orgs.). *Theologica Latinoamericana*: enciclopédia digital. Belo Horizonte, [201-?]. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=1475>. Acesso em: 22 nov. 2023.

AUGUSTIN, George. *Por uma Igreja em saída*. São Paulo: Paulinas, 2016.

BENTO XVI, Papa. Carta apostólica sob forma de Motu Proprio *Porta Fidei*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html. Acesso em: 04 maio 2024.

BENTO XVI, Papa. *Discurso Inaugural dos Trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*. 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em: 24 out. 2023.

BENTO XVI, Papa. *Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html. Acesso em: 27 jun. 2024.

BENTO XVI, Papa. *Homilia na Santa Missa “Pro Eligendo Romano Pontifice”*. 2005. Disponível em: https://www.vatican.va/gpII/documents/homily-pro-eligendo-pontifice_20050418_po.html. Acesso em: 23 out. 2023.

BENTO XVI, Papa. *Íntegra da carta de Bento XVI ao prefeito da Secretaria para a Comunicação*. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/577104-integra-da-carta-de-bento-xvi-ao-prefeito-da-secretaria-para-a-comunicacao>. Acesso em: 21 nov. 2023.

BERGOGLIO, Jorge Mario. La dulce y confortadora alegría de evangelizar. In: ORTEGA ALAMINO, Jaime. *Homilía pronunciada por S.E.R. Cardeal Jaime Ortega Alamino, Arzobispo de La Habana, en celebración de la Misa Crismal*. Habana, 23 marzo 2013. p. 1-3. Disponível em: <https://www.arquidiocesisdelahabana.org/contens/noticias/Homil%C3%ADa%20de%20Misa%20Crismal.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2024.

BEVANS, Stephen B.; SCHROEDER, Roger P. *Diálogo profético*: reflexões sobre a missão cristã hoje. São Paulo: Paulinas, 2016.

BÍBLIA Sagrada: tradução oficial da CNBB. Brasília: CNBB, 2018.

BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. 2 ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2014.

BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio: uma biografia intelectual: dialética e mística*. Petrópolis: Vozes, 2018.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*. 4 ed. São Leopoldo: EST, Sinodal, 2002.

BRAVO, Benjamin. Il território e la Chiesa. In: RICCARDI, Andrea. *Il cristianesimo al tempo di papa Francesco*. Roma: Laterza & Figli, 2018. p. 184-197.

BRIGHENTI, Agenor. *Aparecida em resumo: O Documento Oficial com referência às mudanças efetuadas no Documento Original*. São Paulo: Paulinas, 2008a. (Coleção sinais dos tempos).

BRIGHENTI, Agenor. Documento de Aparecida: O texto original, o texto oficial e o Papa Francisco. *Pistis e Praxis: Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 673-713, set./dez. 2016.

BRIGHENTI, Agenor. (Org.). *Os ventos sopram do sul: O Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção bispo de Roma).

BRIGHENTI, Agenor. *Para compreender o Documento de Aparecida: o pré-texto, o contexto e o texto*. São Paulo: Paulus, 2008b. (Coleção comunidade e missão).

BRIGHENTI, Agenor. *Reconstruindo a esperança: como planejar a ação da Igreja em tempos de mudança*. São Paulo: Paulus, 2000. (Pastoral e comunidade).

CASAROTTO, Giovanni. Chiesa in stato di missione: tornare al Vangelo per abitare il mondo. *Fronteiras*, Recife, v. 2, n. 2, p. 115-151, jul./dez. 2019.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

CAVALCANTE, Sylvia. A porta e suas múltiplas significações. *Estudos de Psicologia*, v. 8, n. 2, p. 281-288, ago. 2003. DOI: 10.1590/S1413-294X2003000200010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/Z46bWt8mjzGqb8nPsmVDCJm/?lang=pt&format=pdf#:~:text=Sylvia%20Cavalcante&text=A%20porta%20%C3%A9%20um%20dos,%20Dlos%20ou%20fundi%20Dlos>. Acesso em: 8 jul. 2024. p. 284.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1988.

CODA, Piero. *A Igreja é o Evangelho: Nas fontes da teologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco, 10).

COMBLIN, José. A nova evangelização. In: BOFF, Clodovis et al. *Santo Domingo: Ensaios Teológicos-Pastorais*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 206-224.

COMBLIN, José. *O povo de Deus*. São Paulo, Paulus, 2002. (Temas de atualidade).

CONCÍLIO VATICANO II. *Ad Gentes*: decreto do Concílio Vaticano II sobre a atividade missionária da Igreja. In: LOURENÇO, Costa (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja, 1). p. 431-489.

CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum* constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a revelação divina. In: LOURENÇO, Costa (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja, 1). p. 347-367.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium* constituição dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja. In: LOURENÇO, Costa (Org.). *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)*. São Paulo: Paulus, 1997. (Documentos da Igreja, 1). p. 101-198.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Mensagem dos Bispos do Brasil sobre a Palavra de Deus e a animação bíblica de toda a pastoral*. Brasília, 12 de maio de 2010. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/mensagem-dos-bispos-do-brasil-sobre-a-palavra-de-deus-e-a-animacao-biblica-de-toda-a-pastoral/>. Acesso em: 27 maio 2024.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 7 ed. São Paulo: Paulinas; Paulus; Brasília: CNBB, 2008.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Puebla. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do CELAM*: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004. (Documentos da Igreja, 8). p. 225-584.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Santo Domingo. In: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documentos do CELAM*: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004. (Documentos da Igreja, 8). p. 585-782.

CORKERY, James. Francesco, erede e innovatore: un Papa argentino e gesuita nella tradizione post-conciliare. In: TENACE, Michelina (org). *Dal chiodo alla chiave*: la teologia fondamentale di Papa Francesco. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018. p. 135-150.

CORREA LIMA, Luis. *Evangelii Gaudium*: Contribuições para as questões contemporâneas. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 245-250.

COSTA, Alfredo Sampaio. Anunciar com alegria: Aspectos espirituais da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 147-161.

DECK, Allan Figueroa. Pope Francis and the Challenge of Ecclesial Introversion: Where is he Coming from? Where is he Going? *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 54, n. 3, p. 703-717, set./dez. 2022.

- DUSSEL, Enrique. A questão institucional. In: BOFF, Clodovis *et al.* *Santo Domingo: Ensaio Teológicos-Pastorais*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 111-121.
- DUQUE, João. João Paulo II: *In memoriam. Theologica*, Braga, v. 40, n. 1, p. 185-198, jan. 2005.
- FAGGIOLI, Massimo. Il laici nella Chiesa di Francesco. In: RICCARDI, Andrea. *Il cristianesimo al tempo di papa Francesco*. Roma: Laterza & Figli, 2018. p. 198-214.
- FARES, Diego. A 10 anni di Aparecida: Alle fonti del pontificato di Francesco. *La Civiltà Cattolica*, Roma, v. 2, n. 4006, p. 338-352, maio/jun. 2017.
- FARES, Diego. *Papa Francesco è come un bambù: alle radici della cultura dell'incontro*. Milano: Ancora, 2014.
- FELLER, Vitor Galdino. Escritura, Tradição e Magistério. In: DE MORI, Geraldo *et al.* (Orgs.). *Theologica Latinoamericana: enciclopédia digital*. Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=2510>. Acesso em: 06 maio 2024.
- FERNANDES, Leonardo Agostini. O culto da Verdade... Ao redor da Palavra de Deus. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014a. (Coleção Fronteiras). p. 97-116.
- FERNANDES, Leonardo Agostini. Missão e missiologia: A partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014b. (Coleção Fronteiras). p. 277-308.
- FERRARI, Pier Luigi. *La Dei Verbum*. Brescia: Queriniana, 2005. (Interpretare la Bibbia oggi).
- FRANCISCO, Papa. *Bula de proclamação do jubileu extraordinário da misericórdia Misericordiae Vultus*. São Paulo: Paulinas, 2015. (A voz do papa, 200).
- FRANCISCO, Papa. *Carta apostólica Misericordia et misera*. 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html. Acesso em: 04 maio 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Lumen Fidei*. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei_po.pdf. Acesso em: 04 maio 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso do Papa Francisco à Associação Teológica Italiana*. 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco_20171229_associazione-teologica-italiana.html. Acesso em: 21 fev. 2024.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso do Santo Padre: aos bispos responsáveis do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) por ocasião da reunião geral de coordenação*. Rio de Janeiro, 28 de julho de 2013. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html#:~:text=A%20miss%C3%A3o%20program%C3%A1tica%2C%20como%20o,atividade%20habitual%20das%20Igrejas%20particulares. Acesso em: 30 maio 2024.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCISCO, Papa. *O Papa responde as Dúbia de cinco cardeais*. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-10/papa-francisco-responde-dubia-cinco-cardeais.html>. Acesso em: 25 out. 2023.

GALLI, Carlos María. *Cristo, Maria, a Igreja e os povos: A mariologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco, 5).

GALLI, Carlos María. *La piedad popular: sensus fidei y locus theologicus*. Buenos Aires, 2020. p. 1-18. Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/13312/1/piedad-popular-sensus.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2024.

GALLI, Carlos María. *La teología pastoral de Evangelii Gaudium en el proyecto misionero de Francisco*. *Revista Teología*, Buenos Aires, tomo L, n. 114, p. 23-59, agosto 2014.

GASPERÍN GASPERÍN, Mario. La exigencia de una Conversión Pastoral. In: PONTIFICIA COMMISSIO PRO AMERICA LATINA. *Aparecida 2007: Luces para América Latina*. Ciudad de Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008. p. 295-316.

GONZAGA, Waldecir. Os pobres como “critério-chave de autenticidade” eclesial. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 75- 95.

GUEDES, José Otácio Oliveira. A novidade do cristianismo na *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 163-172.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. O referencial teológico do Documento de Aparecida. *Telecomunicação*, Porto Alegre, v. 37, n. 157, p. 319-336, set. 2007.

HALÍK, Tomás. *O sinal das Igrejas vazias: para um cristianismo que volta a partir*. Prior Velho: Paulinas, 2020.

HÜNERMANN, Peter. *Homens segundo Cristo hoje: A antropologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco, 3).

JOÃO PAULO II, Papa. *Carta encíclica Redemptoris Missio*. 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 27 jun. 2024.

JOÃO PAULO II, Papa. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in Oceania*. 2001. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20011122_ecclesia-in-oceania.html. Acesso em: 19 out. 2023.

KUZMA, Cesar. Cantar com Francisco! Provocações eclesiológicas a partir da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 195-208.

LA BELLA, Gianni. L'America Latina e il laboratorio argentino. In: RICCARDI, Andrea. *Il cristianesimo al tempo di papa Francesco*. Roma: Anticorpi & Laterza, 2018. p. 38-60.

LA POTTERIE, Ignace de. A verdade da Sagrada Escritura conforme a doutrina do concílio (Cap. III da *Dei Verbum*). In: LYONNET, Stanislas et al. *A Bíblia na Igreja depois da 'Dei Verbum': estudos sobre a constituição conciliar*. São Paulo: Paulinas, 1971. (Coleção Bíblica, 13). p. 77-111.

LA SERNA, Eduardo. *Os relatórios que Eduardo de La Serna enviou de Aparecida*. 2007. Disponível em: <http://www.curasopp.com.ar/Aparecida/m01.php#31>. Acesso em: 29 fev. 2024.

LA VALLE, Raniero. *Profissão teólogo ou pescador? A figura do papa na Igreja*. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/577193-profissao-teologo-ou-pescador-a-figura-do-papa-na-igreja-artigo-de-raniero-la-valle>. Acesso em: 20 nov. 2023.

LIBANIO, João Batista. *A arte de formar-se*. 7 ed. São Paulo: Loyola, 2014a. (Coleção FAJE).

LIBANIO, João Batista. *Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano: do Rio de Janeiro a Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

LIBANIO, João Batista. *Introdução à Teologia Fundamental*. São Paulo: Paulus, 2014b. (Coleção Introduções).

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. A alegria na *Evangelii Gaudium*: aspectos relevantes da teologia do Antigo e Novo Testamento. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 51-61.

METALLI, Alver; METHOL FERRÉ, Alberto. *A América Latina no século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2006.

MIKUSZKA, Gelson Luiz. Reflexões metodológicas a partir de uma experiência. Suscitar comunidades cristãs. In: ALBUQUERQUE, Francisco das Chagas de; GODOY, Manoel José. *A pastoral numa Igreja em saída*. São Paulo: Loyola, 2018.

MORAES, Abimar Oliveira. O anúncio do Evangelho na atualidade: uma introdução à *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.).

Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 33-48.

MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras.* Petrópolis: Vozes, 1980. (Publicações CID. Exegese, 1).

MIRANDA, Mario de França. Linhas eclesiológicas da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais.* São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 181-194.

NOEMI CALLEJAS, Juan. El porvenir de los católicos latinoamericanos. Una reflexión elemental. *Teología y Vida*, Chile, v. 46, p. 105-110, 2005.

NOEMI CALLEJAS, Juan. Hacia una teología de la evangelización en América Latina. *Teología y Vida*, Chile, v. 36, p. 203-224, 1995.

PACOMIO, Luciano. Biblia. In: MANCUSO, Vito; PACOMIO, Luciano (Dir.). *Diccionario Teológico Enciclopédico.* 4 ed. Navarra: Editorial Verbo Divino, 2003. p. 111-112.

PARRA, Fredy. *In memoriam.* Juan Noemi Callejas (1942-2017): Teólogo laico al servicio de una esperanzada teología de ‘los signos de los tiempos’. *Teología y Vida*, Chile, v. 58, n. 2, p. 263-266, 2017.

PASSOS, João Décio. *A força do passado na fraqueza do presente: o tradicionalismo e suas expressões.* São Paulo: Paulinas, 2020. (Crítica religiosa).

PATSCH, Ferenc. Rivelazione, contesto, verità. Il Magistero di Papa Francesco in tempo di transizione. In: TENACE, Michelina (org). *Dal chiodo alla chiave: la teologia fondamentale di Papa Francesco.* Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018. p. 45-72.

PAULO VI, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi.* 22 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

PAVEZ, Katuska Cáceres. Organização e implementação da Animação Bíblica da Pastoral. In: COMISSÃO EPISCOPAL PASTORAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Animação bíblica da pastoral.* Brasília: CNBB, 2012.

PEDROSA-PÁDUA, Lúcia. O ser humano, centro da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais.* São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 135-145.

PIMENTEL, Álvaro. O tempo é superior ao espaço. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 54, n. 3, p. 683-701, 2022. set./dez. 2022.

PERRONI, Marinella. *Querigma e Profecia: A hermenêutica bíblica do Papa Francisco.* Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco, 9).

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1994. (Documentos pontifícios).

PONTIFÍCIAS OBRAS MISSIONÁRIAS. *Texto Base do 5º Congresso Missionário Nacional: Ide da Igreja local aos confins do mundo*. Maio de 2023. Disponível em: <https://www.pom.org.br/wp-content/uploads/2023/05/5CMN-Texto-Base-1.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2024.

QUEIRUGA, Andrés Torres. Volta às raízes: Renovar-se a partir da experiência originária. In: SILVA, José Maria da (Org.). *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 26 – 37.

REPOLE, Roberto. *O sonho de uma Igreja evangélica: A eclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco, 4).

RETAMALES, Santiago Silva. A “Palavra de Deus” na V Conferência de Aparecida. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, ano XI, n. 27, p. 342-371, set./dez. 2007.

SÀNCHEZ ESPINOZA, Víctor. El gran reto de la Misión Continental em América Latina. In: PONTIFÍCIA COMMISSIO PRO AMERICA LATINA. *Aparecida 2007: Luces para América Latina*. Ciudad de Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008. p. 275-294.

SANTANA, Luiz Fernando Ribeiro. A homilia à luz da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 117-131.

SCANNONE, Juan Carlos. *A Teologia do Povo: Raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019. (Coleção Francisco).

SIQUEIRA, Josafá Carlos de. *Evangelii Gaudium: a esperança de uma primavera na Igreja*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 23-24. p. 23.

SOUZA, Alzirinha Rocha de. Puebla – 40 anos: Resistência e Colegialidade Sinodal na América Latina. *Reflexus*, Vitória, v. 17, n. 1, p. 109-125, jul. 2023.

SPADARO, Antonio. *Entrevista ao Papa Francisco*. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html. Acesso em: 29 ago. 2023.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Evangelii Gaudium: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral*. São Paulo: Paulus, 2015. (Coleção comunidade e missão).

SUESS, Paulo. *Dicionário de Aparecida: 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007. (Coleção comunidade e missão).

SUESS, Paulo. Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária do Papa Francisco. *Pistis&Praxis*, Paraná, v. 8, n. 3, p. 659-671, set./dez. 2016. p. 661.

SUESS, Paulo. Igreja sem saída, Igreja em saída. Da Conferência Episcopal de Aparecida para a Assembleia Eclesial do México. *Fronteiras*, Recife, v. 4, n. 1, p. 5-12, jan./jun. 2021.

TAVARES, Cássia Quelho. Contornos éticos na *Evangelii Gaudium*: “Primeirrar, envolver-se, acompanhar, furtificar e festejar” (EG 24). In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 209-223.

TEMPESTA, Orani João. Algumas interpelações da *Evangelii Gaudium*. In: AMADO, Joel Portella; FERNANDES, Leonardo Agostini (Org.). *Evangelii Gaudium em questão*: aspectos bíblicos, teológicos e pastorais. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2014. (Coleção Fronteiras). p. 13-21.

TENACE, Michelina (org). *Dal chiodo alla chiave*: la teologia fondamentale di Papa Francesco. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018.

TORRALBA, Francesc. *Diccionario Bergoglio*: Las palabras clave de un pontificado. Madrid: San Pablo, 2019.

TORRALBA, Francesc. Sair de si mesmo: O movimento irrenunciável. In: SILVA, José Maria da (Org.). *Papa Francisco*: perspectivas e expectativas de um papado. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 84-98.

TRIGO, Pedro. Las cinco Conferencias generales del Episcopado Latinoamericano. In: DE MORI, Geraldo et al. (Orgs.). *Theologica Latinoamericana*: enciclopédia digital. Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://teologicalatinoamericana.com/?p=2731>. Acesso em: 22 nov. 2023.

VALE, Nelson Dias do. *O sonho de uma Igreja missionária*: Reflexão Pastoral a partir do Documento de Aparecida e da *Evangelii Gaudium*. 91 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2023.

VALLS, Maria Carmen Aparicio. La parola significativa. In: TENACE, Michelina (org). *Dal chiodo alla chiave*: la teologia fondamentale di Papa Francesco. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018. p. 33-44.

VAZ, Henrique C. de Lima. Igreja-reflexo vs Igreja-fonte. *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro. n. 46, p. 17-22, mar./abr. 1968.

VILAS BOAS, Thomas da Silva. *A iconografia da eclesiologia do papa Francisco*. Orientador: Ademir Eing. 2023. 108 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia). Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2023. Disponível em: <https://www.facasc.edu.br/Arquivos/TCC%20Thomas%20S.%20Vilas%20Boas.pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

WERBICK, Jürgen. *A fraqueza de Deus pelo homem*: A visão do Papa Francisco sobre Deus. Brasília: CNBB, 2019. (A teologia do papa Francisco, 1).

WICKS, Jared. Fundamentalismo. In: FISICHELLA, Rino; LATOURELLE, René (Dir.). *Dicionário de teologia fundamental*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 284.

WHELAN, Gerard. Il metodo teologico di Papa Francesco. In: TENACE, Michelina (org). *Dal chiodo alla chiave: la teologia fondamentale di Papa Francesco*. Città del Vaticano: Libreria editrice Vaticana, 2018. p. 113-133.